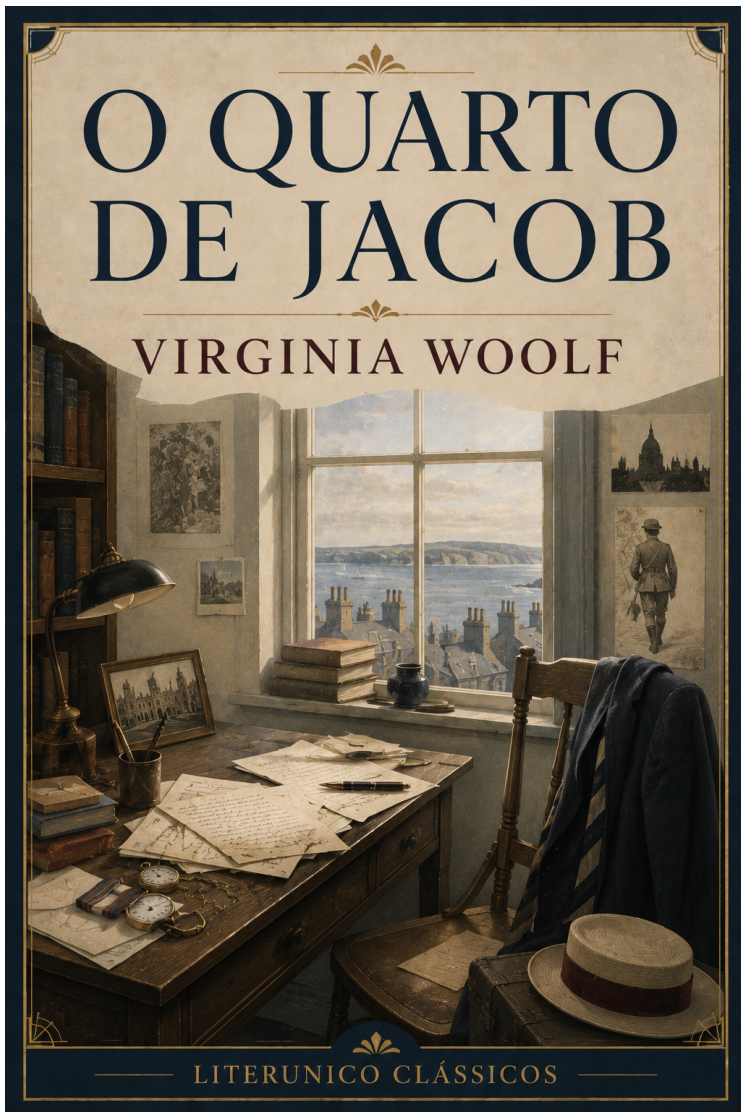


O QUARTO DE JACOB

VIRGINIA WOOLF



LITERUNICO CLÁSSICOS

O Quarto de Jacob

Virginia Woolf

Tradução Literunico

Edição Literunico gratuita. Gerada em 21/05/2026 00:22.

Nota editorial

Esta edição em português brasileiro foi preparada pela Literunico a partir de *Jacob's Room*, de Virginia Woolf, em texto público validado pelo Wikisource.

A tradução compõe o corpo do livro; comentário e orientação de leitura ficam separados no Almanaque, no curso e nos arquivos de descoberta.

Auditoria: 14 partes, 0 seções internas, 1187 parágrafos e cerca de 54.440 palavras.

Sumário

1. **01** Capítulo Um
2. **02** Capítulo Dois
3. **03** Capítulo Três
4. **04** Capítulo Quatro
5. **05** Capítulo Cinco
6. **06** Capítulo Seis
7. **07** Capítulo Sete
8. **08** Capítulo Oito
9. **09** Capítulo Nove
10. **10** Capítulo Dez
11. **11** Capítulo Onze
12. **12** Capítulo Doze
13. **13** Capítulo Treze
14. **14** Capítulo Quatorze

01. Capítulo Um

Betty Flanders na praia, infância, perda e o primeiro desenho de Jacob.

"Então é claro", escreveu Betty Flanders, pressionando os calcanhares um pouco mais fundo na areia, "não havia nada a fazer senão ir embora."

Brotando lentamente da ponta de sua pena de ouro, a tinta azul clara dissolveu o ponto final; pois ali sua caneta ficou presa; seus olhos se fixaram e as lágrimas lentamente os encheram. A baía inteira estremeceu; o farol balançou; e ela teve a ilusão de que o mastro do pequeno iate do Sr. Connor estava curvado como uma vela de cera ao sol. Ela piscou rapidamente. Acidentes eram coisas horríveis. Ela piscou novamente. O mastro estava reto; as ondas eram regulares; o farol estava em pé; mas a mancha se espalhou.

"... nada a fazer senão ir embora", ela leu.

"Bem, se Jacob não quiser brincar" (a sombra de Archer, seu filho mais velho, caiu sobre o papel e ficou azul na areia, e ela sentiu frio - já era dia 3 de setembro), "se Jacob não quiser brincar" - que mancha horrível! Deve estar ficando tarde.

"Onde está aquele garotinho chato?" ela disse. "Eu não o vejo. Corra e encontre-o. Diga-lhe para vir imediatamente." "... mas, felizmente", ela rabiscou, ignorando o ponto final, "tudo parece satisfatoriamente organizado, embora estejamos embalados como arenques em um barril, e forçados a ficar de pé no carrinho de bebê, o que a senhoria, naturalmente, não permite..."

Assim eram as cartas de Betty Flanders ao capitão Barfoot — de muitas páginas e manchadas de lágrimas. Scarborough fica a 1.100 quilômetros da Cornualha: o capitão Barfoot está em Scarborough: Seabrook está morto. As

lágrimas fizeram todas as dalias de seu jardim ondularem em ondas vermelhas e brilharam a casa de vidro em seus olhos, e enfeitaram a cozinha com facas brilhantes, e fizeram a Sra. Jarvis, a esposa do reitor, pensar na igreja, enquanto a melodia do hino tocava e a Sra. criaturas desprotegidas e pobres. A Sra. Flanders era viúva há dois anos.

"Ja-cob! Ja-cob!" Archer gritou.

"Scarborough", escreveu a Sra. Flanders no envelope, e traçou uma linha em negrito abaixo; era sua cidade natal; o centro do universo. Mas um selo? Ela vasculhou sua bolsa; então segurou-o com a boca para baixo; depois remexeu-se no colo dela, tão vigorosamente que Charles Steele, de chapéu panamá, suspendeu o pincel.

Como as antenas de algum inseto irritável, tremia positivamente. Aqui estava aquela mulher se movendo - realmente indo se levantar - que droga! Ele bateu na tela com um toque preto-violeta apressado. Pois a paisagem precisava disso. Estava muito pálido — tons de cinza fluindo para lilás, e uma estrela ou uma gaivota branca suspensa exatamente assim — muito pálido como sempre. Os críticos diriam que era pálido demais, pois ele era um homem desconhecido exibindo obscuramente, um favorito dos filhos de suas senhorias, usando uma cruz na corrente do relógio, e muito satisfeito se suas senhorias gostassem de suas fotos - o que muitas vezes acontecia.

"Ja-cob! Ja-cob!" Archer gritou.

Exasperado com o barulho, mas amando as crianças, Steele mexeu nervosamente nas pequenas espirais escuras de sua paleta.

"Eu vi seu irmão - eu vi seu irmão", disse ele, balançando a cabeça, enquanto Archer passava por ele, arrastando sua pá e olhando carrancudo para o velho

cavalheiro de óculos.

— Ali... perto da rocha — murmurou Steele, com a escova entre os dentes, espremendo o sienna cru e mantendo os olhos fixos nas costas de Betty Flanders.

"Ja-cob! Ja-cob!" gritou Archer, demorando um segundo para continuar.

A voz tinha uma tristeza extraordinária. Puro de todo o corpo, puro de toda paixão, saindo para o mundo, solitário, sem resposta, quebrando-se contra as rochas — assim parecia.

Steele franziu a testa; mas ficou satisfeito com o efeito do preto - foi exatamente essa nota que uniu o resto. "Ah, pode-se aprender a pintar aos cinquenta! Aí está Ticiano..." e assim, tendo encontrado a tonalidade certa, olhou para cima e viu, para seu horror, uma nuvem sobre a baía.

A Sra. Flanders levantou-se, bateu no casaco de um lado para o outro para tirar a areia e pegou a sombrinha preta.

A rocha era uma daquelas rochas castanhas, ou melhor, pretas, tremendamente sólidas, que emergem da areia como algo primitivo. Áspero, com cascas de lapa enrugadas e esparsamente coberto de tufos de algas secas, um garotinho precisa esticar bem as pernas e, na verdade, sentir-se bastante heróico, antes de chegar ao topo.

Mas ali, bem no topo, há uma depressão cheia de água, com fundo arenoso; com uma gota de geleia presa ao lado e alguns mexilhões. Um peixe atravessa. A franja de algas marrom-amareladas esvoaça e empurra para fora um caranguejo com casca de opala — — —

"Oh, um caranguejo enorme", Jacob murmurou — — e começa sua jornada com as pernas fracas no fundo arenoso. Agora! Jacob mergulhou a mão. O caranguejo estava fresco e muito leve. Mas a água estava cheia de areia e, assim, ao descer, Jacob estava prestes a pular, segurando o balde à sua frente, quando viu, esticados totalmente rígidos, lado a lado, os rostos muito vermelhos, um homem e uma mulher enormes.

Um enorme homem e uma mulher (era cedo para fechar o dia) estavam estirados, imóveis, com as cabeças em lenços de bolso, lado a lado, a poucos metros do mar, enquanto duas ou três gaivotas contornavam graciosamente as ondas que se aproximavam e pousavam perto de suas botas.

Os grandes rostos vermelhos deitados nos lenços de bandana olharam para Jacob. Jacob olhou para eles. Segurando o balde com muito cuidado, Jacob saltou deliberadamente e trotou para longe com muita indiferença no início, mas cada vez mais rápido à medida que as ondas chegavam até ele e ele tinha que desviar para evitá-las, e as gaivotas surgiram na frente dele e flutuaram e pousaram novamente um pouco mais adiante. Uma grande mulher negra estava sentada na areia. Ele correu em direção a ela.

"Babá! Babá!" ele gritou, soluçando as palavras no topo de cada respiração ofegante.

As ondas vieram ao seu redor. Ela era uma rocha. Ela estava coberta com algas que estouram quando pressionadas. Ele estava perdido.

Lá estava ele. Seu rosto se recompôs. Ele estava prestes a rugir quando, caído entre os gravetos pretos e a palha sob o penhasco, viu uma caveira inteira — talvez uma caveira de vaca, uma caveira, talvez, com os dentes dentro. Soluçando, mas distraidamente, ele correu cada vez mais longe até

segurar a caveira nos braços.

"Lá está ele!" — exclamou a Sra. Flanders, contornando a rocha e cobrindo todo o espaço da praia em poucos segundos. "O que ele conseguiu? Largue isso, Jacob! Deixe isso agora mesmo! Algo horrível, eu sei. Por que você não ficou conosco? Garotinho travesso! Agora largue isso. Agora venham vocês dois", e ela se virou, segurando Archer com uma mão e procurando o braço de Jacob com a outra. Mas ele se abaixou e pegou a mandíbula da ovelha, que estava solta.

Balançando a bolsa, segurando a sombrinha, segurando a mão de Archer e contando a história da explosão de pólvora em que o pobre Sr. Curnow perdera o olho, a Sra.

Ali, na areia, não muito longe dos amantes, estava o crânio da velha ovelha sem mandíbula. Limpo, branco, varrido pelo vento, esfregado pela areia, um pedaço de osso mais não poluído não existia em nenhum lugar da costa da Cornualha. O azevinho do mar cresceria através das órbitas; ela viraria pó, ou algum jogador de golfe, acertando a bola num belo dia, dispersaria um pouco de poeira... Não, mas não em alojamentos, pensou a Sra. Flanders. É uma grande experiência que está chegando até agora com crianças pequenas. Não há homem para ajudar com o carrinho. E Jacó é tão difícil; já tão obstinado.

"Jogue fora, querido", disse ela, quando eles entraram na estrada; mas Jacob se esquivou dela; e com o vento aumentando, ela tirou o alfinete do chapéu, olhou para o mar e prendeu-o novamente. O vento estava aumentando. As ondas mostravam aquela inquietação, como algo vivo, inquieto, esperando o chicote, das ondas antes da tempestade. Os barcos de pesca estavam encostados na beira da água. Uma luz amarela pálida atravessava o mar

roxo; e feche. O farol estava aceso. "Venha", disse Betty Flanders. O sol brilhava em seus rostos e dourava as grandes amoras silvestres que tremulavam na sebe que Archer tentava arrancar enquanto eles passavam.

"Não fiquem para trás, rapazes. Vocês não têm nada para vestir", disse Betty, puxando-os e olhando com uma emoção incômoda para a terra exibida de forma tão sinistra, com faíscas repentinas de luz das estufas nos jardins, com uma espécie de mutabilidade amarela e preta, contra esse pôr do sol resplandecente, essa agitação surpreendente e vitalidade de cor, que agitou Betty Flanders e a fez pensar em responsabilidade e perigo. Ela agarrou a mão de Archer. Ela subiu a colina.

"O que eu pedi para você lembrar?" ela disse.

"Não sei", disse Archer.

"Bem, eu também não sei", disse Betty, com humor e simplicidade, e quem negará que esse vazio de espírito, quando combinado com profusão, humor materno, histórias de caronas, modos aleatórios, momentos de ousadia, humor e sentimentalismo surpreendentes - quem negará que, nesses aspectos, toda mulher é mais gentil do que qualquer homem?

Bem, Betty Flanders, para começar.

Ela estava com a mão no portão do jardim.

"A carne!" ela exclamou, derrubando a trava.

Ela havia esquecido a carne.

Lá estava Rebecca na janela.

A nudez da sala da Sra. Pearce foi plenamente demonstrada às dez horas da noite, quando uma poderosa lamparina a óleo estava no meio da mesa. A luz forte incidiu sobre o jardim; corte direto no gramado; acendeu um balde de criança e um áster roxo e chegou à cerca viva. A Sra. Flanders havia deixado sua costura em cima da mesa. Lá estavam seus grandes rolos de algodão branco e seus óculos de aço; seu estojo de agulha; sua lã marrom enrolada em um velho cartão-postal. Havia os juncos e as revistas Strand; e o linóleo arenoso das botas dos meninos. Um papai de pernas longas disparou de canto a canto e atingiu o globo da lâmpada. O vento soprava gotas diretas de chuva pela janela, que brilhavam prateadas à medida que passavam pela luz. Uma única folha batia apressada e persistentemente no vidro. Houve um furacão no mar.

Archer não conseguia dormir.

A Sra. Flanders inclinou-se sobre ele. "Pense nas fadas", disse Betty Flanders. "Pense nos lindos pássaros pousando em seus ninhos. Agora feche os olhos e veja a velha mãe pássaro com uma minhoca no bico. Agora vire-se e feche os olhos", ela murmurou, "e feche os olhos."

A hospedaria parecia cheia de gorgolejos e correrias; a cisterna transbordando; água borbulhando e chiando e correndo pelos canos e escorrendo pelas janelas.

"Por que toda essa água está entrando?" murmurou Archer.

"É só a água do banho que está vazando", disse a Sra. Flanders.

Algo saiu de casa.

"Eu digo, aquele navio não vai afundar?" disse Archer, abrindo os olhos.

"Claro que não", disse a Sra. Flanders. "O capitão está na cama há muito tempo. Feche os olhos e pense nas fadas, dormindo profundamente, sob as flores."

"Achei que ele nunca conseguiria escapar... que furacão", ela sussurrou para Rebecca, que estava debruçada sobre uma lamparina na pequena sala ao lado. O vento soprava lá fora, mas a pequena chama da lamparina ardia silenciosamente, protegida da cama por um livro que estava na beirada.

"Ele pegou bem a mamadeira?" A Sra. Flanders sussurrou, e Rebecca assentiu e foi até o berço e abaixou a colcha, e a Sra. Flanders se abaixou e olhou ansiosamente para o bebê, adormecido, mas carrancudo. A janela tremeu e Rebecca roubou como um gato e a prendeu. As duas mulheres murmuravam sobre a lamparina, tramando a eterna conspiração de silêncio e garrafas limpas enquanto o vento soprava forte e provocava um súbito movimento nos fechos baratos.

Ambos olharam para a cama. Seus lábios estavam franzidos. A Sra. Flanders foi até a cama.

"Dormindo?" sussurrou Rebecca, olhando para a cama.

A Sra. Flanders assentiu.

"Boa noite, Rebecca", murmurou a Sra. Flanders, e Rebecca a chamou de senhora, embora elas fossem conspiradoras tramando a eterna conspiração do silêncio e das garrafas limpas.

A Sra. Flanders havia deixado a lamparina acesa na sala da frente. Ali estavam seus óculos, sua costura; e uma carta com carimbo postal de Scarborough. Ela também não havia fechado as cortinas.

A luz brilhou no gramado; caiu sobre o balde verde da criança com uma linha dourada em volta e sobre o áster que tremia violentamente ao lado dele. Pois o vento soprava através da costa, lançando-se contra as colinas e saltando, em rajadas repentinas, sobre as próprias costas. Como se espalhou pela cidade na depressão! Como as luzes pareciam piscar e tremer em fúria, luzes no porto, luzes nas janelas dos quartos no alto! E rolando ondas escuras à sua frente, ele correu sobre o Atlântico, sacudindo as estrelas acima dos navios para um lado e para outro.

Houve um clique na sala de estar da frente. O Sr. Pearce havia apagado a lâmpada. O jardim saiu. Era apenas uma mancha escura. Cada centímetro foi chovido. Cada folha de grama foi dobrada pela chuva. As pálpebras teriam sido fechadas pela chuva. Deitado de costas, não se veria nada além de confusão e confusão — nuvens girando e girando, e algo amarelado e sulfuroso na escuridão.

Os meninos do quarto da frente tiraram os cobertores e se deitaram debaixo dos lençóis. Estava quente; bastante pegajoso e fumegante. Archer estava deitado, com um braço batendo no travesseiro. Ele estava corado; e quando a cortina pesada se abriu um pouco, ele se virou e entreabriu os olhos. O vento realmente agitava o tecido da cômoda e deixava entrar um pouco de luz, de modo que a borda afiada da cômoda ficava visível, subindo em linha reta, até que uma forma branca se projetava; e uma faixa prateada apareceu no espelho.

Na outra cama, perto da porta, Jacob dormia profundamente, profundamente inconsciente. A mandíbula da ovelha com grandes dentes amarelos jazia a seus pés. Ele o chutou contra a grade de ferro da cama.

Lá fora, a chuva caía de forma mais direta e forte à medida que o vento soprava nas primeiras horas da manhã. O áster foi espancado até o chão. O balde da criança estava meio cheio de água da chuva; e o caranguejo de casca de opala circulou lentamente pelo fundo, tentando com suas pernas fracas subir a encosta íngreme; tentando de novo e recuando, e tentando de novo e de novo.

02. Capítulo Dois

Scarborough, vizinhança, família e as primeiras molduras sociais de Jacob.

"Sra. Flanders" — "Pobre Betty Flanders" — "Querida Betty" — "Ela ainda é muito atraente" — "É estranho que ela não se case de novo!" "Lá está o capitão Barfoot, com certeza - liga todas as quartas-feiras com a regularidade de um relógio e nunca traz a esposa."

"Mas isso é culpa de Ellen Barfoot", disseram as senhoras de Scarborough. "Ela não se expõe por ninguém."

"Um homem gosta de ter um filho, isso nós sabemos."

"Alguns tumores precisam ser cortados; mas do tipo que minha mãe fez com que você suportasse por anos e anos, e nunca sequer trouxesse uma xícara de chá para você na cama."

(A Sra. Barfoot era inválida.)

Elizabeth Flanders, de quem isso e muito mais do que isso foi dito e seria dito, era, claro, uma viúva no auge. Ela estava a meio caminho entre quarenta e cinquenta anos. Anos e tristeza entre eles; a morte de Seabrook, seu marido; três meninos; pobreza; uma casa nos arredores de Scarborough; seu irmão, o pobre Morty, queda e possível morte - pois onde ele estava? o que ele era? Protegendo os olhos, ela olhou ao longo da estrada em busca do capitão Barfoot — sim, lá estava ele, pontual como sempre; as atenções do capitão - todas amadureceram Betty Flanders, aumentaram sua figura, tingiram seu rosto de alegria e inundaram seus olhos sem motivo que alguém pudesse ver, talvez três vezes ao dia.

É verdade que não há mal nenhum em chorar pelo marido, e a lápide, embora simples, era uma obra sólida, e nos dias de verão, quando a viúva levava os filhos para ficarem ali, sentia-se bondade para com ela. Os chapéus foram levantados mais alto que o normal; as esposas puxaram os braços dos maridos. Seabrook jazia dois metros abaixo, morto há muitos anos; encerrado em três conchas; as fendas seladas com chumbo, de modo que, se a terra e a madeira fossem vidro, sem dúvida o seu próprio rosto ficaria visível por baixo, o rosto de um jovem bigodudo, bem torneado, que tinha saído para caçar patos e se recusava a trocar as botas.

“Comerciante desta cidade”, dizia a lápide; embora por que Betty Flanders tivesse escolhido chamá-lo assim quando, como muitos ainda se lembravam, ele só havia ficado sentado atrás da janela de um escritório por três meses, e antes disso havia domado cavalos, montado em cães, cultivado alguns campos e corrido um pouco selvagem... bem, ela tinha que chamá-lo de alguma coisa. Um exemplo para os meninos.

Ele, então, não era nada? Pergunta sem resposta, pois mesmo que não fosse hábito do agente funerário fechar os olhos, a luz deles logo se apaga. A princípio, parte de si mesma; agora integrante de um grupo, fundira-se na relva, na encosta inclinada, nas mil pedras brancas, umas oblíquas, outras verticais, nas guirlandas podres, nas cruces de lata verde, nos estreitos caminhos amarelos, e nos lilases que pendiam em Abril, com cheiro de quarto de inválido, sobre o muro do adro. Seabrook agora era tudo isso; e quando, com a saia levantada, alimentando as galinhas, ela ouviu o sino para a cerimônia ou funeral, essa era a voz de Seabrook — a voz dos mortos.

Sabia-se que o galo voava em seu ombro e bicava seu pescoço, de modo que agora ela carregava um pedaço de pau ou levava consigo uma das crianças

quando ia alimentar as aves.

"Você não gostaria da minha faca, mãe?" disse Arqueiro.

Soando ao mesmo tempo que o sino, a voz do filho misturava vida e morte de forma inextricável e estimulante.

"Que faca grande para um menino!" ela disse. Ela pegou para agradá-lo. Então o galo voou para fora do galinheiro e, gritando para Archer fechar a porta da horta, a Sra. Flanders pousou a refeição, cacarejou para as galinhas, saiu movimentada pelo pomar e foi vista do outro lado pela Sra.

A Sra. Page, a Sra. Cranch e a Sra. Garfit puderam ver a Sra. Flanders no pomar porque o pomar era um pedaço fechado de Dods Hill; e Dods Hill dominavam a aldeia. Nenhuma palavra pode exagerar a importância de Dods Hill. Foi a terra; o mundo contra o céu; o horizonte de quantos olhares podem ser melhor computados por aqueles que viveram toda a sua vida na mesma aldeia, deixando-a apenas uma vez para lutar na Crimeia, como o velho George Garfit, debruçado sobre o portão do seu jardim, fumando o seu cachimbo. O progresso do Sol foi medido por ele; a tonalidade do dia colocada contra ele para ser julgada.

"Agora ela está subindo a colina com o pequeno John", disse a Sra. Cranch à Sra. Garfit, sacudindo o tapete pela última vez e entrando apressadamente em casa.

Abrindo o portão do pomar, a Sra. Flanders caminhou até o topo de Dods Hill, segurando John pela mão. Archer e Jacob correram na frente ou ficaram para trás; mas eles estavam na fortaleza romana quando ela chegou lá, gritando quais navios poderiam ser vistos na baía. Pois havia uma vista magnífica: charnecas atrás, mar à frente e Scarborough inteira, de uma

ponta à outra, plana como um quebra-cabeça. A Sra. Flanders, que estava ficando gorda, sentou-se na fortaleza e olhou ao redor.

Toda a gama de mudanças na visão deveria ser conhecida por ela; seu aspecto invernal, primavera, verão e outono; como as tempestades surgiram do mar; como as charnecas estremeciam e se iluminavam à medida que as nuvens passavam; ela deveria ter notado a mancha vermelha onde as vilas estavam sendo construídas; e o cruzamento de linhas onde os lotes foram cortados; e o brilho diamantado de pequenas casas de vidro ao sol. Ou, se detalhes como esses lhe escapassem, ela poderia ter deixado sua imaginação brincar com o tom dourado do mar ao pôr do sol e pensado como ele banhava as pedras em moedas de ouro. Pequenos barcos de recreio embarcavam nele; o braço negro do cais acumulou-o. A cidade inteira era rosa e dourada; cúpula; envolto em névoa; ressonante; estridente. Banjos dedilhados; o desfile cheirava a alcatrão que grudava nos calcanhares; cabras de repente galoparam em suas carruagens no meio da multidão. Observou-se quão bem a Corporação havia organizado os canteiros de flores. Às vezes, um chapéu de palha explodia. Tulipas queimadas ao sol. Várias calças de saco de esponja estavam esticadas em fileiras. Bonés roxos com franjas suaves, rosados e rostos queixosos em travesseiros em cadeiras de banho. Painéis triangulares eram carregados por homens de jaleco branco. O capitão George Boase pegou um tubarão monstro. Um lado do painel triangular dizia isso em letras vermelhas, azuis e amarelas; e cada linha terminava com três notas de exclamação de cores diferentes.

Então esse foi um motivo para descer ao Aquário, onde as persianas amareladas, o cheiro rançoso de álcool de sal, as cadeiras de bambu, as mesas com cinzeiros, os peixes giratórios, a atendente tricotando atrás de seis ou sete caixas de chocolate (muitas vezes ela ficava sozinha com os

peixes por horas a fio) permaneciam na mente como parte do tubarão-monstro, ele próprio sendo apenas um receptáculo amarelo e flácido, como um saco Gladstone vazio em um tanque. Ninguém jamais foi aplaudido pelo Aquário; mas os rostos daqueles que emergiam rapidamente perdiam a expressão turva e fria quando percebiam que só entrando numa fila era possível entrar no cais. Depois de passarem pelas catracas, todos caminharam um ou dois metros muito rapidamente; alguns sinalizaram nesta barraca; outros nisso. Mas foi a banda que finalmente atraiu todos eles; até os pescadores do cais inferior praticam o seu arremesso ao seu alcance.

A banda tocou no quiosque mourisco. O número nove subiu no tabuleiro. Era uma música de valsa. As moças pálidas, a velha viúva, os três judeus alojados na mesma pensão, o dândi, o major, o negociante de cavalos e o cavaleiro independente, todos exibiam a mesma expressão turva e drogada, e através das fendas nas tábuas a seus pés podiam ver as ondas verdes do verão, pacíficas e amigáveis, balançando em torno dos pilares de ferro do cais.

Mas houve um tempo em que nada disso existia (pensou o jovem encostado na grade). Fixe os olhos na saia da senhora; o cinza servirá - acima das meias de seda rosa. Isso muda; cobre os tornozelos - os anos noventa; então amplifica - os anos setenta; agora é vermelho polido e esticado sobre uma crinolina - anos sessenta; um pezinho preto usando uma meia branca de algodão aparece. Ainda está sentado aí? Sim, ela ainda está no cais. A seda agora está enfeitada com rosas, mas de alguma forma já não se vê tão claramente. Não há cais abaixo de nós. A pesada carruagem pode balançar ao longo da estrada com pedágio, mas não há píer onde ela possa parar, e como é cinzento e turbulento o mar no século XVII! Vamos ao museu. Balas de canhão; pontas de flecha; Vidro romano e pinça verde com verdete. O reverendo Jaspar Floyd os desenterrou às suas próprias custas, no início da

década de 1940, no acampamento romano em Dods Hill — veja o pequeno bilhete com a escrita desbotada.

E agora, qual é a próxima coisa a ver em Scarborough?

A Sra. Flanders estava sentada no círculo elevado do acampamento romano, remendando as calças de Jacob; apenas olhando para cima enquanto ela chupava a ponta do algodão, ou quando algum inseto se lançava sobre ela, explodia em seu ouvido e desaparecia.

John continuou trotando e batendo em seu colo grama ou folhas mortas que ele chamava de “chá”, e ela as arrumou metodicamente, mas distraidamente, juntando as pontas floridas da grama, pensando em como Archer havia acordado novamente na noite anterior; o relógio da igreja estava dez ou treze minutos adiantado; ela gostaria de poder comprar o acre de Garfit.

"Isso é uma folha de orquídea, Johnny. Olhe as pequenas manchas marrons. Venha, meu querido. Precisamos ir para casa. Archer! Ja-cob!"

"Ar-cher-Ja-cob!" Johnny veio atrás dela, girando nos calcanhares e espalhando grama e folhas nas mãos, como se estivesse plantando sementes. Archer e Jacob saltaram de trás do monte onde estavam agachados com a intenção de saltar sobre a mãe inesperadamente, e todos começaram a caminhar lentamente para casa.

"Quem é esse?" — disse a Sra. Flanders, protegendo os olhos.

"Aquele velho na estrada?" disse Archer, olhando para baixo.

"Ele não é um homem velho", disse a Sra. Flanders. "Ele é... não, ele não é... pensei que fosse o capitão, mas é o Sr. Floyd. Venham, rapazes."

"Oh, incomode, Sr. Floyd!" - disse Jacob, desligando uma cabeça de cardo, pois já sabia que o Sr. Floyd iria ensinar-lhes latim, como de fato fez durante três anos em seu tempo livre, por gentileza, pois não havia nenhum outro cavalheiro na vizinhança a quem a Sra. se encaixasse - pois a paróquia era muito grande, e o Sr. Floyd, como seu pai antes dele, visitava casas de campo a quilômetros de distância, nas charnecas, e, como o velho Sr. Ela deveria ter adivinhado? Mas, sem falar no fato de ser um estudioso, ele era oito anos mais novo que ela. Ela conhecia a mãe dele, a velha Sra. Floyd. Ela tomou chá lá. E foi naquela mesma noite que ela voltou depois de tomar chá com a velha Sra. Floyd que ela encontrou o bilhete no corredor e o levou para a cozinha quando foi entregar o peixe a Rebecca, pensando que devia ser algo sobre os meninos.

"O próprio Sr. Floyd trouxe, não foi? - Acho que o queijo deve estar no pacote no corredor - ah, no corredor - porque ela estava lendo. Não, não era sobre os meninos.

"Sim, o suficiente para bolinhos de peixe amanhã, certamente - talvez o capitão Barfoot -" ela chegou à palavra "amor". Ela foi até o jardim e leu, apoiando-se na noqueira para se equilibrar. Seu seio subia e descia. Seabrook apareceu tão vividamente diante dela. Ela balançou a cabeça e estava olhando através das lágrimas para as pequenas folhas se movendo contra o céu amarelo quando três gansos apareceram. meio correndo, meio voando, correram pelo gramado com Johnny atrás deles, brandindo um pedaço de pau.

A Sra. Flanders corou de raiva.

"Quantas vezes eu já te contei?" ela gritou, agarrou-o e arrancou-lhe a bengala.

"Mas eles escaparam!" ele gritou, lutando para se libertar.

"Você é um garoto muito travesso. Se eu já te contei uma vez, já te contei mil vezes. Não quero que você persiga os gansos!", disse ela, e amassando a carta do Sr. Floyd na mão, segurou Johnny com força e conduziu os gansos de volta ao pomar.

"Como eu poderia pensar em casamento!" ela disse para si mesma com amargura, enquanto fechava o portão com um pedaço de arame. Ela sempre não gostou de cabelos ruivos nos homens, pensou, pensando na aparência do Sr. Floyd, naquela noite, quando os meninos foram para a cama. E afastando a caixa de trabalho, puxou o mata-borrão para si e leu novamente a carta do Sr.

"Caro Sr. Floyd", escreveu ela. - "Esqueci o queijo?" ela se perguntou, largando a caneta. Não, ela disse a Rebecca que o queijo estava no corredor. "Estou muito surpresa..." ela escreveu.

Mas a carta que o Sr. Floyd encontrou sobre a mesa quando se levantou cedo na manhã seguinte não começava com "Estou muito surpreso" e era uma carta tão maternal, respeitosa, inconsequente e arrependida que ele a guardou por muitos anos; muito depois de seu casamento com Miss Wimbush, de Andover; muito depois de ele ter deixado a aldeia. Pois ele pediu uma paróquia em Sheffield, que lhe foi dada; e, mandando chamar Archer, Jacob e John para se despedirem, disse-lhes que escolhessem o que quisessem em seu escritório para se lembrarem dele. Archer escolheu um estilete porque não gostava de escolher nada muito bom; Jacob escolheu as obras de Byron em um volume; John, que ainda era muito jovem para fazer uma escolha adequada, escolheu o gatinho do Sr. Floyd, o que seus irmãos consideraram uma escolha absurda, mas o Sr. Então o Sr. Floyd falou sobre a

Marinha do Rei (para a qual Archer estava indo); e sobre Rugby (para o qual Jacob estava indo); e no dia seguinte ele recebeu uma salva de prata e foi - primeiro para Sheffield, onde conheceu a Srta. Wimbush, que estava visitando seu tio, depois para Hackney - depois para Maresfield House, da qual se tornou o diretor e, finalmente, tornando-se editor de uma conhecida série de Biografias Eclesiásticas, retirou-se para Hampstead com sua esposa e filha, e é frequentemente visto alimentando os patos em Leg of Mutton Pond. Quanto à carta da Sra. Flanders, quando ele a procurou outro dia, não conseguiu encontrá-la e não quis perguntar à esposa se ela a havia guardado. Conhecendo Jacob em Piccadilly recentemente, ele o reconheceu depois de três segundos. Mas Jacob tinha se tornado um jovem tão bom que o Sr. Floyd não gostou de detê-lo na rua.

"Meu Deus", disse a Sra. Flanders, quando leu no Scarborough and Harrogate Courier que o Rev. Andrew Floyd, etc., etc., havia sido nomeado Diretor da Maresfield House, "esse deve ser o nosso Sr. Floyd."

Uma leve escuridão caiu sobre a mesa. Jacob estava se servindo de jam; o carteiro conversava com Rebeca na cozinha; havia uma abelha zumbindo para a flor amarela que acenava para a janela aberta. Eles estavam todos vivos, isto é, enquanto o pobre Sr. Floyd se tornava diretor da Maresfield House.

A Sra. Flanders levantou-se, foi até o para-choque e acariciou Topázio no pescoço, atrás das orelhas.

"Pobre Topaz", disse ela (pois o gatinho do Sr. Floyd era agora um gato muito velho, com um pouco de sarnento atrás das orelhas, e um dia destes teria de ser morto).

“Pobre Topázio”, disse a Sra. Flanders, enquanto ele se estendia ao sol, e ela sorriu, pensando em como o tinha castrado e em como ela não gostava de cabelos ruivos nos homens. Sorrindo, ela foi até a cozinha.

Jacob passou um lenço bastante sujo no rosto. Ele subiu para seu quarto.

O besouro morre lentamente (foi John quem coletou os besouros). Mesmo no segundo dia suas pernas estavam flexíveis. Mas as borboletas estavam mortas. Um cheiro de ovos podres havia vencido os amarelos pálidos e nublados que atravessavam o pomar e subiam Dods Hill e seguiam para a charneca, agora perdidos atrás de um arbusto de tojo, e depois novamente desordenados sob um sol escaldante. Um fritilar aqueceu-se numa pedra branca no acampamento romano. Do vale veio o som dos sinos da igreja. Estavam todos comendo rosbife em Scarborough; pois era domingo quando Jacob captou os amarelos claros e nublados no campo de trevos, a 13 quilômetros de casa.

Rebecca pegou a mariposa caveira na cozinha.

Um forte cheiro de cânfora vinha das caixas de borboletas.

Misturado ao cheiro de cânfora estava o cheiro inconfundível de algas marinhas. Fitas castanhas penduradas na porta. O sol batia direto sobre eles.

As asas superiores da mariposa que Jacó segurava estavam sem dúvida marcadas com manchas em forma de rim de tonalidade fulva. Mas não havia lua crescente na parte inferior das asas. A árvore caiu na noite em que ele a pegou. De repente, houve uma saraivada de tiros de pistola nas profundezas da floresta. E sua mãe o confundiu com um ladrão quando ele chegou tarde em casa. O único de seus filhos que nunca a obedeceu, disse ela.

Morris o chamou de "um inseto extremamente local encontrado em lugares úmidos ou pantanosos". Mas Morris às vezes está errado. Às vezes Jacob, escolhendo uma caneta muito fina, fazia uma correção na margem.

A árvore caíra, embora fosse uma noite sem vento, e a lanterna, colocada no chão, iluminara as folhas ainda verdes e as folhas mortas da faixa. Era um lugar seco. Um sapo estava lá. E a parte inferior da asa vermelha circulou em torno da luz, brilhou e desapareceu. A parte inferior da asa vermelha nunca mais voltou, embora Jacob tivesse esperado. Já passava do meio-dia quando ele atravessou o gramado e viu a mãe na sala iluminada, brincando de paciência, sentada.

"Como você me assustou!" ela chorou. Ela pensou que algo terrível havia acontecido. E ele acordou Rebecca, que tinha que acordar tão cedo.

Lá ele ficou pálido, vindo das profundezas da escuridão, na sala quente, piscando para a luz.

Não, não poderia ser uma asa inferior com borda de palha.

A máquina de cortar relva sempre quis ser lubrificada. Barnet virou-o para baixo da janela de Jacob e ele rangeu — rangeu, e chacoalhou pelo gramado e rangeu novamente.

Agora estava nublado.

O sol voltou, deslumbrante.

Ele pousou como um olho nos estribos e, de repente, mas com muita delicadeza, pousou na cama, no despertador e na caixa de borboletas aberta. Os amarelos pálidos e nublados haviam caído sobre a charneca; eles ziguezaguearam pelo trevo roxo. Os fritilares ostentavam-se ao longo das

sebes. Os azuis pousavam em ossinhos caídos na relva com o sol batendo neles, e as damas pintadas e os pavões festejavam com entranhas sangrentas deixadas cair por um falcão. A quilômetros de distância de casa, num buraco entre arbustos sob uma ruína, ele havia encontrado as vírgulas. Ele tinha visto um almirante branco circulando cada vez mais alto em torno de um carvalho, mas nunca o alcançou. Uma velha caseira que morava sozinha no alto, contou-lhe sobre uma borboleta roxa que vinha todo verão ao seu jardim. Os filhotes de raposa brincavam no tojo de manhã cedo, ela disse a ele. E se você olhasse de madrugada sempre veria dois texugos. Às vezes, eles se derrubavam como se fossem dois meninos brigando, disse ela.

"Você não irá longe esta tarde, Jacob", disse a mãe, enfiando a cabeça na porta, "porque o capitão vem se despedir." Era o último dia das férias da Páscoa.

Quarta-feira era o dia do capitão Barfoot. Vestiu-se muito bem de sarja azul, pegou o bastão com calçado de borracha - pois era coxo e queria dois dedos na mão esquerda, tendo servido a sua pátria - e saiu de casa com o mastro da bandeira precisamente às quatro horas da tarde.

Às três, o Sr. Dickens, o homem da cadeira de banho, chamou a Sra. Barfoot.

"Mova-me", ela dizia ao Sr. Dickens, depois de ficar sentada na esplanada por quinze minutos. E novamente: "Isso basta, obrigado, Sr. Dickens." Ao primeiro comando ele procuraria o sol; na segunda ele ficava a cadeira ali na faixa iluminada.

Ele próprio um velho habitante, tinha muito em comum com a Sra. Barfoot - filha de James Coppard. O bebedouro, onde a West Street se junta à Broad Street, é um presente de James Coppard, que era prefeito na época do

jubileu da Rainha Vitória, e Coppard é pintado em carrinhos de água municipais e nas vitrines das lojas, e nas persianas de zinco das janelas dos consultórios dos advogados. Mas Ellen Barfoot nunca visitou o Aquário (embora conhecesse muito bem o capitão Boase, que havia capturado o tubarão), e quando os homens apareceram com os cartazes ela olhou-os com altivez, pois sabia que nunca veria os Pierrots, ou os irmãos Zeno, ou Daisy Budd e a sua trupe de focas performáticas. Pois Ellen Barfoot, na sua cadeira de banho na esplanada, era uma prisioneira - prisioneira da civilização - todas as barras da sua jaula caíam sobre a esplanada nos dias ensolarados, quando a Câmara Municipal, as lojas de cortinas, a piscina e o salão memorial riscavam o chão com sombras.

Ele próprio um velho habitante, o Sr. Dickens ficava um pouco atrás dela, fumando seu cachimbo. Ela lhe fazia perguntas — quem eram as pessoas — quem agora administrava a loja do Sr. Jones — depois sobre a estação — e fazia a Sra. Dickens tentar, fosse lá o que fosse — as palavras saíam de seus lábios como migalhas de biscoito seco.

Ela fechou os olhos. O Sr. Dickens deu uma volta. Os sentimentos de um homem não o abandonaram completamente, embora, ao vê-lo vindo em sua direção, você percebesse como uma bota preta com botões balançava trêmula na frente da outra; como havia uma sombra entre o colete e as calças; como ele se inclinou para a frente, instável, como um cavalo velho que de repente se vê fora das flechas sem puxar a carroça. Mas enquanto o Sr. Dickens sugava a fumaça e a soprava novamente, os sentimentos de um homem eram perceptíveis em seus olhos. Ele estava pensando em como o capitão Barfoot estava agora a caminho de Mount Pleasant; Capitão Barfoot, seu mestre. Pois em casa, na pequena sala de estar acima do estábulo, com o canário na janela, as meninas na máquina de costura e a Sra. Dickens

encolhida com os reumáticos - em casa, onde ele era pouco valorizado, a ideia de trabalhar ao serviço do capitão Barfoot o apoiava. Ele gostava de pensar que enquanto conversava com a Sra. Barfoot na frente de batalha, ele ajudava o capitão a caminho da Sra. Flanders. Ele, um homem, estava encarregado da Sra. Barfoot, uma mulher.

Virando-se, viu que ela estava conversando com a Sra. Rogers. Virando-se novamente, ele viu que a Sra. Rogers havia seguido em frente. Então ele voltou para a cadeira de banho, e a Sra. Barfoot perguntou-lhe as horas, e ele pegou seu grande relógio de prata e disse-lhe as horas com muita gentileza, como se soubesse muito mais sobre as horas e tudo mais do que ela. Mas a Sra. Barfoot sabia que o Capitão Barfoot estava a caminho da Sra. Flanders.

Na verdade, ele estava bem encaminhado para lá, depois de ter saído do bonde e visto Dods Hill a sudeste, verde contra um céu azul impregnado de cor de poeira no horizonte. Ele estava marchando colina acima. Apesar da sua claudicação, havia algo de militar na sua abordagem. A Sra. Jarvis, ao sair do portão da Reitoria, viu-o chegando, e seu cachorro Newfoundland, Nero, balançou lentamente o rabo de um lado para o outro.

"Oh, Capitão Barfoot!" — exclamou a Sra. Jarvis.

"Bom dia, Sra. Jarvis", disse o capitão.

Caminharam juntos e, quando chegaram ao portão da Sra. Flanders, o Capitão Barfoot tirou o boné de tweed e disse, curvando-se com muita cortesia:

"Bom dia para você, Sra. Jarvis."

E a Sra. Jarvis seguiu sozinha.

Ela ia caminhar pela charneca. Será que ela estava novamente andando pelo gramado tarde da noite? Será que ela bateu novamente na janela do escritório e gritou: "Olhe para a lua, olhe para a lua, Herbert!"

E Herbert olhou para a lua.

A Sra. Jarvis caminhava pela charneca quando estava infeliz, indo até uma certa depressão em forma de pires, embora sempre pretendesse ir para uma crista mais distante; e lá ela se sentou, pegou o livrinho escondido sob a capa e leu alguns versos de poesia e olhou ao redor. Ela não era muito infeliz e, tendo quarenta e cinco anos, talvez nunca fosse muito infeliz, ou seja, desesperadamente infeliz, e deixaria o marido, arruinando a carreira de um bom homem, como às vezes ameaçava.

Ainda assim, não há necessidade de dizer quais são os riscos que a esposa de um clérigo corre quando caminha pela charneca. Baixa, morena, com olhos brilhantes, uma pena de faisão no chapéu, a Sra. Jarvis era exatamente o tipo de mulher que perdia a fé nas charnecas - que confundia seu Deus com o universal que existe - mas ela não perdeu a fé, não deixou o marido, nunca leu seu poema inteiro e continuou caminhando pelas charnecas, olhando para a lua por trás dos olmos, e sentindo-se sentada na grama bem acima de Scarborough... Sim, sim, quando a cotovia voa; quando as ovelhas, avançando um ou dois passos, cortam a grama e ao mesmo tempo fazem tilintar os sinos; quando a brisa sopra primeiro, depois diminui, deixando a bochecha beijada; quando os navios no mar abaixo parecem cruzar-se e passar como se fossem puxados por uma mão invisível; quando há concussões distantes no ar e cavaleiros fantasmas galopando, cessando; quando o horizonte nada azul, verde, emocional - então a Sra. Jarvis, suspirando, pensa consigo mesma: "Se ao menos alguém pudesse me dar..."

se eu pudesse dar a alguém... "Mas ela não sabe o que quer dar, nem quem poderia dar a ela.

"A Sra. Flanders saiu há apenas cinco minutos, capitão", disse Rebecca. O capitão Barfoot sentou-o na poltrona para esperar. Apoiando os cotovelos nos braços, colocando uma mão sobre a outra, esticando a perna manca e colocando a bengala com a ponteira de borracha ao lado, ele ficou sentado perfeitamente imóvel. Havia algo rígido nele. Ele pensou? Provavelmente os mesmos pensamentos repetidas vezes. Mas seriam pensamentos "legais", pensamentos interessantes? Ele era um homem temperamental; tenaz, fiel. As mulheres teriam sentido: "Aqui está a lei. Aqui está a ordem. Portanto, devemos valorizar este homem. Ele está na ponte à noite", e, entregando-lhe sua xícara, ou o que quer que seja, teriam visões de naufrágio e desastre, nas quais todos os passageiros saem cambaleando de suas cabines, e lá está o capitão, abotoado em sua jaqueta, combinado com a tempestade, vencido por ela, mas por nenhum outro. "Mas eu tenho uma alma", disse a Sra. Jarvis se lembrava dela, quando o capitão Barfoot de repente assoou o nariz em um grande lenço vermelho, "e é a estupidez do homem que é a causa disso, e a tempestade é minha e também a dele"... então a Sra. Jarvis se lembraria dela quando o capitão aparecesse para vê-los e encontrasse Herbert fora, e passasse duas ou três horas, quase em silêncio, sentado na poltrona. Mas Betty Flanders não pensou nada disso.

"Oh, capitão", disse a Sra. Flanders, irrompendo na sala de estar, "eu tive que correr atrás do homem de Barker... espero que Rebecca... espero que Jacob..."

Ela estava muito sem fôlego, mas nem um pouco chateada, e ao largar a escova de lareira que comprara do petroleiro, disse que estava quente, abriu

mais a janela, endireitou uma capa, pegou um livro, como se fosse muito confiante, gostasse muito do capitão e muitos anos mais jovem que ele. Na verdade, com seu avental azul ela não parecia ter mais de trinta e cinco anos. Ele tinha bem mais de cinquenta anos.

Ela moveu as mãos pela mesa; o capitão movia a cabeça de um lado para o outro e emitia pequenos sons, enquanto Betty continuava tagarelando, completamente à vontade — depois de vinte anos.

"Bem", ele disse finalmente, "tive notícias do Sr. Polegate."

Ele tinha ouvido do Sr. Polegate que não poderia aconselhar nada melhor do que enviar um menino para uma das universidades.

"O Sr. Floyd esteve em Cambridge... não, em Oxford... bem, em um ou outro", disse a Sra. Flanders.

Ela olhou pela janela. Pequenas janelas e o lilás e o verde do jardim refletiam-se em seus olhos.

"Archer está indo muito bem", disse ela. "Tenho um relatório muito bom do capitão Maxwell."

"Vou deixar a carta para você mostrar a Jacob", disse o capitão, colocando-a desajeitadamente de volta no envelope.

"Jacob está atrás de frio na barriga, como sempre", disse a Sra. Flanders, irritada, mas foi surpreendida por uma reflexão tardia: "O críquete começa esta semana, é claro."

"Edward Jenkinson apresentou sua demissão", disse o capitão Barfoot.

"Então você representará o Conselho?" — exclamou a Sra. Flanders, olhando diretamente para o rosto do Capitão.

"Bem, sobre isso", começou o capitão Barfoot, acomodando-se bem mais fundo na cadeira.

Jacob Flanders, portanto, foi para Cambridge em outubro de 1906.

03. Capítulo Três

Cambridge, juventude, amizades, conversas e a entrada de Jacob no mundo intelectual.

"Isto não é uma carruagem fumegante", protestou a Sra. Norman, nervosa, mas muito debilmente, quando a porta se abriu e um jovem de constituição forte pulou para dentro. Ele pareceu não ouvi-la. O trem não parou antes de chegar a Cambridge, e ali ela estava trancada sozinha, num vagão, com um rapaz.

Ela tocou a mola do seu roupão e se certificou de que o frasco de perfume e um romance de Mudie estavam à mão (o jovem estava de pé, de costas para ela, colocando a bolsa no cabide). Ela jogaria o frasco de perfume com a mão direita, decidiu, e puxaria o cabo de comunicação com a esquerda. Ela tinha cinquenta anos e um filho na faculdade. No entanto, é um fato que os homens são perigosos. Ela leu meia coluna de seu jornal; então, furtivamente, olhou para o limite para decidir a questão da segurança pelo teste infalível da aparência... Ela gostaria de lhe oferecer seu trabalho. Mas será que os jovens leem o Morning Post? Ela olhou para ver o que ele estava lendo: o Daily Telegraph.

Notando as meias (soltas), a gravata (gasta), ela mais uma vez alcançou o rosto dele. Ela parou em sua boca. Os lábios estavam fechados. Os olhos se abaixaram, pois ele estava lendo. Tudo era firme, mas jovem, indiferente, inconsciente — como se fosse derrubar alguém! Não, não, não! Ela olhou pela janela, agora com um leve sorriso, e depois voltou, pois ele não a notou. Grave, inconsciente... agora ele olhou para cima, para além dela... parecia tão deslocado, de alguma forma, sozinho com uma senhora idosa... então fixou os olhos - que eram azuis - na paisagem. Ele não percebeu a presença

dela, ela pensou. No entanto, não era culpa dela que esta não fosse uma carruagem fumegante - se era isso que ele queria dizer.

Ninguém vê ninguém tal como ele é, muito menos uma senhora idosa sentada em frente a um jovem estranho num vagão de trem. Eles veem um todo — veem todo tipo de coisas —, veem a si mesmos... A Sra. Norman agora lia três páginas de um dos romances do Sr. Norris. Deveria ela dizer ao jovem (e afinal ele tinha a mesma idade do filho dela): “Se você quiser fumar, não se preocupe comigo”? Não: ele parecia absolutamente indiferente à presença dela... ela não queria interromper.

Mas como, mesmo na idade dela, ela notava a indiferença dele, presumivelmente ele era de uma forma ou de outra — pelo menos para ela — legal, bonito, interessante, distinto, bem constituído, como seu próprio filho? É preciso fazer o melhor que pudermos com o seu relatório. De qualquer forma, este era Jacob Flanders, de dezenove anos. Não adianta tentar resumir as pessoas. É preciso seguir as dicas, não exatamente o que é dito, nem inteiramente o que é feito - por exemplo, quando o trem chegou à estação, o Sr. Flanders abriu a porta e colocou o toucador da senhora para ela, dizendo, ou melhor, murmurando: "Deixe-me" muito timidamente; na verdade, ele foi bastante desajeitado.

“Quem...” disse a senhora, ao encontrar o filho; mas como havia uma grande multidão na plataforma e Jacó já tinha ido, ela não terminou a frase. Como se tratava de Cambridge, como ela passaria o fim de semana ali, como não via nada além de rapazes durante todo o dia, nas ruas e nas mesas redondas, a visão de seu companheiro de viagem ficou completamente perdida em sua mente, enquanto o alfinete torto largado por uma criança no poço dos desejos gira na água e desaparece para sempre.

Dizem que o céu é igual em todos os lugares. Os viajantes, os náufragos, os exilados e os moribundos extraem conforto desse pensamento e, sem dúvida, se você tiver uma tendência mística, consolo e até explicação, brotam da superfície intacta. Mas acima de Cambridge — pelo menos acima do telhado da Capela do King's College — há uma diferença. No mar, uma grande cidade lançará brilho na noite. Será fantasioso supor que o céu, mergulhado nas fendas da Capela do King's College, seja mais claro, mais fino, mais cintilante do que o céu de qualquer outro lugar? Cambridge queima não apenas durante a noite, mas durante o dia?

Veja, quando eles entram em serviço, como os vestidos se esvoaçam, como se não houvesse nada denso e corpóreo dentro deles. Que rostos esculpidos, que certeza, autoridade controlada pela piedade, embora grandes botas marchem sob os vestidos. Em que procissão ordenada eles avançam. Velas grossas de cera ficam em pé; jovens levantam-se em vestidos brancos; enquanto a águia subserviente ergue para inspeção o grande livro branco.

Um plano inclinado de luz entra com precisão através de cada janela, roxo e amarelo mesmo em sua poeira mais difusa, enquanto, onde se quebra na pedra, essa pedra é suavemente marcada com giz vermelho, amarelo e roxo. Nem a neve nem a vegetação, nem o inverno nem o verão, têm poder sobre os antigos vitrais. Assim como as laterais de uma lanterna protegem a chama para que ela queime continuamente mesmo nas noites mais agitadas — queime continuamente e ilumine gravemente os troncos das árvores —, dentro da Capela tudo estava em ordem. As vozes soaram gravemente; sabiamente o órgão respondeu, como se reforçasse a fé humana com o consentimento dos elementos. As figuras vestidas de branco cruzavam-se de um lado para o outro; ora subia degraus, ora descia, tudo muito ordenado.

... Se você colocar uma lanterna debaixo de uma árvore, todos os insetos da floresta se aproximarão dela - uma assembléia curiosa, pois embora eles se mexam, balancem e batam a cabeça no vidro, eles parecem não ter propósito - algo sem sentido os inspira. Cansamos de observá-los, enquanto eles andam em volta da lanterna e batem cegamente como se quisessem entrar, sendo um grande sapo o mais obcecado de todos e abrindo caminho entre os demais. Ah, mas o que é isso? Uma terrível saravada de tiros de pistola ressoa - estala bruscamente; as ondulações se espalham - o silêncio suaviza o som. Uma árvore... uma árvore caiu, uma espécie de morte na floresta. Depois disso, o vento nas árvores soa melancólico.

Mas este serviço religioso na Capela do King's College - por que permitir que as mulheres participem dele? Certamente, se a mente divaga (e Jacob parecia extraordinariamente vazio, com a cabeça jogada para trás, o hinário aberto no lugar errado), se a mente divaga é porque várias chapelarias e armários e mais armários de vestidos coloridos estão expostos em cadeiras com fundo de junco. Embora cabeças e corpos possam ser bastante devotos, temos uma noção dos indivíduos - alguns gostam de azuis, outros de marrons; algumas penas, outras amores-perfeitos e miosótis. Ninguém pensaria em trazer um cachorro para a igreja. Pois embora um cachorro se sinta muito bem em um caminho de cascalho e não demonstre desrespeito às flores, a maneira como ele vagueia por um corredor, olhando, levantando uma pata e se aproximando de um pilar com um propósito que faz o sangue gelar de horror (se você pertencer a uma congregação - sozinho, a timidez está fora de questão), um cachorro destrói o serviço completamente. O mesmo acontece com estas mulheres - embora separadamente devotas, distintas e atestadas pela teologia, matemática, latim e grego dos seus maridos. Deus sabe por que isso acontece. Por um lado, pensou Jacob, eles

são tão feios quanto o pecado.

Agora houve um raspar e um murmúrio. Ele chamou a atenção de Timmy Durrant; olhou para ele com muita severidade; e então, muito solenemente, piscou.

"Waverley", era como se chamava a vila na estrada para Girton, não que o Sr. Plumer admirasse Scott ou tivesse escolhido qualquer nome, mas nomes são úteis quando você precisa entreter alunos de graduação, e enquanto eles esperavam pelo quarto aluno de graduação, no domingo, na hora do almoço, falava-se em nomes nos portões.

"Que cansativo", interrompeu a Sra. Plumer impulsivamente. "Alguém conhece o Sr. Flanders?"

O Sr. Durrant o conhecia; e, portanto, corou ligeiramente e disse, sem jeito, algo sobre ter certeza - olhando para o Sr. Plumer e puxando a perna direita da calça enquanto falava. O Sr. Plumer levantou-se e ficou em frente à lareira. A Sra. Plumer riu como uma pessoa franca e amigável. Em suma, não se pode imaginar nada mais horrível do que a cena, o cenário, a perspectiva, mesmo o jardim de Maio afligido pela fria esterilidade e uma nuvem escolhendo aquele momento para atravessar o sol. Havia o jardim, é claro. Todos no mesmo momento olharam para ele. Por causa da nuvem, as folhas ficaram cinzentas e os pardais - havia dois pardais.

"Eu acho", disse a Sra. Plumer, aproveitando a trégua momentânea, enquanto os jovens olhavam para o jardim, para olhar para o marido, e ele, não aceitando total responsabilidade pelo ato, mesmo assim tocou a campainha.

Não pode haver desculpa para este ultraje a uma hora de vida humana, exceto a reflexão que ocorreu ao Sr. Plumer enquanto ele cortava o carneiro, de que se nenhum Don alguma vez desse um almoço festivo, se domingo após domingo passasse, se os homens descessem, se tornassem advogados, médicos, membros do Parlamento, homens de negócios - se nenhum Don alguma vez desse um almoço festivo — —

"Agora, o cordeiro faz o molho de menta ou o molho de menta faz o cordeiro?" pediu ao jovem ao seu lado que quebrasse o silêncio que já durava cinco minutos e meio.

"Não sei, senhor", disse o jovem, corando intensamente.

Nesse momento entrou o Sr. Flanders. Ele havia se enganado na hora.

Agora, embora já tivessem terminado a carne, a Sra. Plumer comeu uma segunda porção de repolho. Jacob decidiu, é claro, que comeria sua carne no tempo que ela levasse para terminar o repolho, olhando uma ou duas vezes para medir sua velocidade - só que ele estava com uma fome infernal. Vendo isso, a Sra. Plumer disse que tinha certeza de que o Sr. Flanders não se importaria - e a torta foi trazida. Assentindo de uma maneira peculiar, ela instruiu a empregada a dar ao Sr. Flanders uma segunda porção de carneiro. Ela olhou para o carneiro. Não sobraria muito da perna para o almoço.

Não foi culpa dela, já que como ela poderia controlar o pai que a gerou quarenta anos atrás nos subúrbios de Manchester? e uma vez gerada, como poderia ela fazer outra coisa senão crescer ambiciosa, comedora de queijos, com uma noção instintivamente precisa dos degraus da escada e uma assiduidade semelhante à de uma formiga em empurrar George Plumer à sua frente até o topo da escada? O que estava no topo da escada? Uma sensação

de que todos os degraus estavam aparentemente abaixo de um; já que na época em que George Plumer se tornou professor de física, ou seja lá o que for, a Sra. Plumer só poderia estar em condições de se agarrar firmemente à sua eminência, olhar para o chão e incitar suas duas filhas simples a subirem os degraus da escada.

"Ontem estive nas corridas", disse ela, "com minhas duas filhas".

Também não foi culpa deles. Entraram na sala de estar, com vestidos brancos e faixas azuis. Eles entregaram os cigarros. Rhoda herdou os frios olhos cinzentos do pai. Olhos frios e cinzentos que George Plumer tinha, mas neles havia uma luz abstrata. Ele poderia falar sobre a Pérsia e os ventos alísios, a Lei de Reforma e o ciclo das colheitas. Havia livros em suas prateleiras de Wells e Shaw; sobre a mesa, sérios semanários de seis centavos escritos por homens pálidos com botas enlameadas — o rangido e o guincho semanal de cérebros lavados em água fria e torcidos para secar — jornais melancólicos.

"Não sinto que saiba a verdade sobre nada até ter lido os dois!" - disse a Sra. Plumer animadamente, batendo no sumário com a mão nua e vermelha, sobre a qual o anel parecia tão incongruente.

"Oh Deus, oh Deus, oh Deus!" exclamou Jacob, enquanto os quatro estudantes saíam de casa. "Oh meu Deus!"

"Maldita besta!" ele disse, examinando a rua em busca de lilases ou bicicletas - qualquer coisa para restaurar sua sensação de liberdade.

"Maldito animal", disse ele a Timmy Durrant, resumindo seu desconforto diante do mundo que lhe foi mostrado na hora do almoço, um mundo capaz de existir - não havia dúvida sobre isso - mas tão desnecessário, uma coisa

em que acreditar - Shaw e Wells e os sérios semanários de seis centavos! O que queriam eles, esfregando e demolindo esses idosos? Nunca tinham lido Homero, Shakespeare, os elisabetanos? Ele viu isso claramente delineado em contraste com os sentimentos que herdou da juventude e da inclinação natural. Os pobres diabos haviam montado esse pobre objeto. No entanto, havia algo de pena nele. Aquelas meninhas miseráveis — —

A extensão em que ele ficou perturbado prova que ele já estava ansioso. Ele era insolente e inexperiente, mas com certeza as cidades que os idosos da raça construíram no horizonte pareciam subúrbios de tijolos, quartéis e locais de disciplina contra uma chama vermelha e amarela. Ele era impressionável; mas a palavra é contrariada pela compostura com que ele abriu a mão para acender um fósforo. Ele era um jovem de substância.

De qualquer forma, seja estudante de graduação ou vendedor, homem ou mulher, deve ser um choque o fato de ter vinte anos - o mundo dos idosos - lançado em tão negros contornos sobre o que somos; sobre a realidade; os mouros e Byron; o mar e o farol; a mandíbula da ovelha com dentes amarelos; sobre a convicção obstinada e irreprimível que torna a juventude tão intoleravelmente desagradável - "Eu sou o que sou e pretendo ser isso", para a qual não haverá forma no mundo a menos que Jacó crie uma para si mesmo. Os Plumers tentarão impedi-lo de conseguir. Wells e Shaw e os sérios semanários de seis centavos ficarão de cabeça para baixo. Toda vez que ele almoça fora no domingo - em jantares e chás - haverá o mesmo choque - horror - desconforto - e depois prazer, pois a cada passo que ele caminha à beira do rio ele atrai consigo uma certeza constante, uma segurança vinda de todos os lados, as árvores curvando-se, as torres cinzentas suaves no azul, vozes soprando e parecendo suspensas no ar, o ar primaveril de maio, o ar elástico com suas partículas - flor de castanheiro,

pólen, o que quer que seja isso dá potência ao ar de maio, borrando as árvores, grudando os botões, manchando o verde. E o rio também passa, não na enchente, nem rapidamente, mas enjoando o remo que nele mergulha e deixa cair gotas brancas da lâmina, nadando verdes e profundas sobre os juncos curvados, como se os acariciasse profusamente.

No local onde atracavam o barco, as árvores caíam, de modo que as folhas do mastro superior se arrastavam nas ondulações e a cunha verde que jazia na água, feita de folhas, deslocava-se em larguras de folhas, à medida que as folhas verdadeiras se deslocavam. Agora houve um estremecimento de vento - instantaneamente uma borda do céu; e enquanto Durrant comia cerejas, ele deixava cair as cerejas amarelas e raquíticas através da fatia verde de folhas, seus caules brilhando enquanto entravam e saíam, e às vezes uma cereja meio mordida descia vermelha para o verde. A campina estava no mesmo nível dos olhos de Jacob enquanto ele se deitava; dourada com botões de ouro, mas a grama não corria como a água fina e verde da grama do cemitério prestes a transbordar as lápides, mas permanecia succulenta e espessa. Olhando para cima, para trás, ele viu pernas de crianças enterradas na grama e pernas de vacas. Munch, Munch, ele ouviu; depois, um pequeno passo pela grama; então novamente mastigam, mastigam, mastigam, enquanto eles rasgavam a grama pela raiz. À sua frente, duas borboletas brancas voavam cada vez mais alto em volta do olmo.

“Jacob está fora”, pensou Durrant, levantando os olhos do romance. Ele continuou lendo algumas páginas e depois ergueu os olhos de uma maneira curiosamente metódica, e cada vez que levantava os olhos tirava algumas cerejas do saco e comia-as distraidamente. Outros barcos passaram por eles, cruzando o remanso de um lado para o outro para evitar uns aos outros, pois muitos estavam agora atracados, e havia agora vestidos brancos e uma falha

na coluna de ar entre duas árvores, em torno da qual enrolava um fio azul - o piquenique de Lady Miller. Mais barcos continuavam chegando e Durrant, sem se levantar, empurrou o barco para mais perto da margem.

"Oh-h-h-h", gemeu Jacob, enquanto o barco balançava, e as árvores balançavam, e os vestidos brancos e as calças de flanela branca se estendiam, longos e oscilantes, subindo a margem.

"Oh-h-h-h!" Ele se sentou e sentiu como se um pedaço de elástico tivesse quebrado em seu rosto.

"Eles são amigos da minha mãe", disse Durrant. "Então o velho Bow teve muitos problemas com o barco."

E este barco tinha ido de Falmouth para a baía de St. Ives, contornando toda a costa. Um barco maior, um iate de dez toneladas, por volta do dia 20 de junho, devidamente equipado, disse Durrant...

"Há a dificuldade de dinheiro", disse Jacob.

"Meu povo cuidará disso", disse Durrant (filho de um banqueiro, falecido).

"Pretendo preservar a minha independência económica", disse Jacob rigidamente. (Ele estava ficando animado.)

"Minha mãe disse algo sobre ir para Harrogate", disse ele com um pouco de aborrecimento, apalpando o bolso onde guardava as cartas.

"Isso era verdade sobre o seu tio se tornar muçulmano?" perguntou Timmy Durrant.

Jacob havia contado a história de seu tio Morty no quarto de Durrant na noite anterior.

"Imagino que ele esteja alimentando os tubarões, se a verdade fosse conhecida", disse Jacob. "Eu digo, Durrant, não sobrou nada!" — exclamou ele, amassando o saco que continha as cerejas e jogando-o no rio. Ele viu o piquenique de Lady Miller na ilha enquanto jogava a sacola no rio.

Uma espécie de estranheza, mau humor e tristeza surgiram em seus olhos.

"Vamos seguir em frente... essa multidão bestial..." ele disse.

Então eles subiram, passando pela ilha.

A lua branca e emplumada nunca deixou o céu escurecer; durante toda a noite as flores dos castanheiros ficaram brancas no verde; escura estava a salsa bovina nos prados.

Os garçons do Trinity deviam estar embaralhando pratos de porcelana como se fossem cartas, devido ao barulho que se ouvia no Grande Pátio. Os aposentos de Jacob, entretanto, ficavam na corte de Neville; no topo; de modo que, ao chegar à sua porta, entrava-se um pouco sem fôlego; mas ele não estava lá. Jantar no Hall, provavelmente. Estará bastante escuro na Corte de Neville muito antes da meia-noite, apenas os pilares opostos estarão sempre brancos, assim como as fontes. O portão tem um efeito curioso, como renda sobre verde claro. Até pela janela você ouve os pratos; um burburinho de conversa também vindo dos clientes; o Hall iluminou-se e as portas de vaivém abriram-se e fecharam-se com um baque surdo. Alguns estão atrasados.

O quarto de Jacob tinha uma mesa redonda e duas cadeiras baixas. Havia bandeiras amarelas num jarro sobre a lareira; uma fotografia de sua mãe; cartões de sociedades com pequenas crescentes, brasões e iniciais em relevo; notas e cachimbos; sobre a mesa havia papel pautado com uma

margem vermelha — um ensaio, sem dúvida — "A História consiste em Biografias de Grandes Homens?" Havia livros suficientes; muito poucos livros franceses; mas então qualquer pessoa que valha alguma coisa lê exatamente o que gosta, conforme seu humor, com entusiasmo extravagante. Vidas do Duque de Wellington, por exemplo; Espinosa; as obras de Dickens; a Rainha das Fadas; um dicionário de grego com pétalas de papoula prensadas em seda entre as páginas; todos os elisabetanos. Seus chinelos estavam incrivelmente surrados, como barcos queimados até a borda da água. Depois, havia fotografias dos gregos e uma mezzotint de Sir Joshua — todas muito inglesas. As obras de Jane Austen também, talvez em deferência ao padrão de outra pessoa. Carlyle era um prêmio. Havia livros sobre os pintores italianos da Renascença, um Manual das Doenças do Cavalo e todos os livros didáticos habituais. Apático é o ar em uma sala vazia, apenas inchando a cortina; as flores na jarra mudam. Uma fibra da poltrona de vime range, mas ninguém fica sentado ali.

Descendo os degraus um pouco de lado [Jacob sentou-se no banco da janela conversando com Durrant; ele fumou e Durrant olhou para o mapa], o velho, com as mãos cruzadas atrás das costas, o vestido preto flutuando, cambaleava, instável, perto da parede; então, lá em cima, ele foi para seu quarto. Depois outro, que ergueu a mão e elogiou as colunas, o portão, o céu; outro, tropeçando e presunçoso. Cada um subiu uma escada; três luzes estavam acesas nas janelas escuras.

Se alguma luz brilhar acima de Cambridge, deve provir de três desses quartos; O grego queima aqui; ciência lá; filosofia no térreo. O pobre e velho Huxtable não consegue andar direito; — Sopwith também elogiou o céu em todas as noites nestes vinte anos; e Cowan ainda ri das mesmas histórias. Não é simples, nem pura, nem totalmente esplêndida a lâmpada do saber,

pois se você as vir sob sua luz (seja de Rossetti na parede, ou de Van Goch reproduzida, quer haja lilases na tigela ou cachimbos enferrujados), quão sacerdotais elas parecem! Que tal um subúrbio onde você vai ver uma vista e comer um bolo especial! "Somos os únicos fornecedores deste bolo." De volta você vai para Londres; pois a guloseima acabou.

O velho professor Huxtable, realizando sua mudança de roupa com o método de um relógio, sentou-se em sua cadeira; encheu seu cachimbo; escolheu seu papel; cruzou os pés; e tirou os óculos. Toda a carne de seu rosto caiu em dobras, como se os adereços tivessem sido removidos. No entanto, retire as cabeças de um assento inteiro de um vagão de trem subterrâneo e a cabeça do velho Huxtable irá segurar todos eles. Agora, à medida que seus olhos percorrem a impressão, que procissão percorre os corredores de seu cérebro, ordenada, com passos rápidos e reforçada, à medida que a marcha avança, por novos corredores, até que todo o salão, cúpula, como quer que seja chamado, esteja repleto de ideias. Tal reunião não ocorre em nenhum outro cérebro. No entanto, às vezes ele fica ali sentado durante horas, agarrando-se ao braço da cadeira, como um homem que se segura com força porque está perdido, e então, só porque o calo lhe dói, ou pode ser a gota, que execrações, e, meu Deus, ouvi-lo falar de dinheiro, tirando a sua bolsa de couro e guardando de má vontade até a mais pequena moeda de prata, reservado e desconfiado como uma velha camponesa com todas as suas mentiras. Estranha paralisia e constrição - iluminação maravilhosa. Sereno paira sobre tudo isso na grande testa cheia, e às vezes dormindo ou nos espaços tranquilos da noite você pode imaginar que ele estava deitado triunfante sobre um travesseiro de pedra.

Enquanto isso, Sopwith, avançando com um curioso passeio desde a lareira, cortou o bolo de chocolate em pedaços. Até meia-noite ou mais tarde havia

alunos de graduação em sua sala, às vezes até doze, às vezes três ou quatro; mas ninguém se levantou quando iam ou quando chegavam; Sopwith continuou falando. Falando, falando, falando - como se tudo pudesse ser falado - a própria alma escorregou pelos lábios em finos discos prateados que se dissolvem nas mentes dos jovens como prata, como o luar. Oh, longe eles se lembrariam disso, e profundamente embotados olhariam para ele e viriam se refrescar novamente.

"Bem, eu nunca. Esse é o velho Chucky. Meu querido garoto, como o mundo está tratando você?" E entrou o pobrezinho do Chucky, o provinciano fracassado, cujo nome verdadeiro era Stenhouse, mas é claro que Sopwith trouxe de volta, usando o outro, tudo, tudo, "tudo o que eu nunca poderia ser" — sim, embora no dia seguinte, comprando seu jornal e pegando o trem mais cedo, tudo lhe parecesse infantil, absurdo; o bolo de chocolate, os rapazes; Sopwith resumindo as coisas; não, nem todos; ele enviaria seu filho para lá. Ele economizaria cada centavo para enviar seu filho para lá. Sopwith continuou falando; entrelaçando fibras rígidas de fala estranha - coisas que os jovens deixavam escapar - trançando-as em torno de sua própria guirlanda lisa, mostrando o lado positivo, os verdes vívidos, os espinhos afiados, a masculinidade. Ele adorou. Na verdade, um homem poderia dizer qualquer coisa a Sopwith, até talvez ter envelhecido, ou afundado, afundado, quando os discos de prata tilintavam ocos, e a inscrição era um pouco simples demais, e o carimbo antigo parecia puro demais, e a impressão era sempre a mesma: a cabeça de um menino grego. Mas ele ainda respeitaria. Uma mulher, adivinhando o padre, iria, involuntariamente, desprezar.

Cowan, Erasmus Cowan, bebia seu Porto sozinho, ou com um homenzinho rosado, cuja memória guardava exatamente o mesmo período de tempo; bebeu seu vinho do Porto e contou suas histórias, e sem livro diante de si

entoou latim, Virgílio e Catulo, como se a língua fosse vinho em seus lábios. Só que — às vezes acontece — e se o poeta entrasse? "Essa é minha imagem?" ele poderia perguntar, apontando para o homem gordinho, cujo cérebro é, afinal, o representante de Virgílio entre nós, embora o corpo seja guloso, e quanto aos braços, às abelhas ou mesmo ao arado, Cowan faz suas viagens ao exterior com um romance francês no bolso, um tapete sobre os joelhos, e está grato por estar novamente em casa em seu lugar, em sua linha, segurando em seu espelhinho confortável a imagem de Virgílio, todo irradiado com boas histórias dos dons da Trindade e vermelho vigas do porto. Mas a linguagem é vinho nos seus lábios. Em nenhum outro lugar Virgil ouviria algo parecido. E embora, enquanto passeia pelas Backs, a velha Srta. Umphelby o cante com bastante melodia, e com precisão também, ela sempre se depara com esta pergunta quando chega a Clare Bridge: "Mas se eu o conhecesse, o que devo vestir?" - e então, subindo a avenida em direção a Newnham, ela deixa sua imaginação brincar com outros detalhes do encontro de homens com mulheres que nunca foram publicados. Suas palestras, portanto, não são tão assistidas quanto as de Cowan, e o que ela poderia ter dito para elucidar o texto foi deixado para sempre de lado. Em suma, depara-se com um professor com a imagem do ensinado e o espelho se quebra. Mas Cowan tomou um gole de seu Porto, com sua exaltação encerrada, não sendo mais o representante de Virgílio. Não, antes, o construtor, o avaliador, o topógrafo; delimitando linhas entre nomes, pendurando listas acima das portas. Tal é o tecido através do qual a luz deve brilhar, se puder brilhar - a luz de todas estas línguas, chinês e russo, persa e árabe, de símbolos e figuras, da história, de coisas que são conhecidas e coisas que estão prestes a ser conhecidas. De modo que, se à noite, no mar, sobre as ondas, alguém visse uma neblina nas águas, uma cidade iluminada,

uma brancura até no céu, como aquela agora sobre o Salão da Trindade, onde ainda jantam ou lavam pratos, essa seria a luz acesa ali - a luz de Cambridge.

“Vamos até o quarto de Simeon”, disse Jacob, e eles cobraram o mapa, tendo tudo resolvido.

Todas as luzes se espalhavam pela quadra e caíam nas pedras do calçamento, destacando trechos escuros de grama e margaridas isoladas. Os jovens estavam agora de volta aos seus quartos. Deus sabe o que eles estavam fazendo. O que foi que poderia cair assim? E, inclinando-se sobre uma floreira de espuma, um parou outro que passava apressado, e subiram e desceram, até que uma espécie de plenitude se instalou no pátio, a colméia cheia de abelhas, as abelhas em casa cheias de ouro, sonolentas, zumbindo, subitamente vocais; a Sonata ao Luar respondida por uma valsa.

A Sonata ao Luar tilintou; a valsa estrondou. Embora os rapazes ainda entrassem e saíssem, eles andavam como se estivessem cumprindo compromissos. De vez em quando ouvia-se um baque surdo, como se alguma peça pesada de mobília tivesse caído, inesperadamente, por conta própria, e não na agitação geral da vida depois do jantar. Supunha-se que os jovens ergueram os olhos dos livros quando os móveis caíram. Eles estavam lendo? Certamente havia uma sensação de concentração no ar. Atrás das paredes cinzentas estavam sentados tantos jovens, alguns sem dúvida lendo revistas, chocando xelins, sem dúvida; pernas, talvez, sobre os braços das cadeiras; fumar; esparramados sobre as mesas e escrevendo enquanto suas cabeças giravam em círculos conforme a caneta se movia - jovens simples, esses, que fariam isso - mas não há necessidade de pensar neles envelhecendo; outros comendo doces; aqui eles boxearam; e, bem, o Sr. Hawkins deve ter ficado

louco de repente para abrir a janela e gritar: "Jo-seph! Jo-seph!" e então ele correu o mais rápido que pôde pela quadra, enquanto um homem idoso, de avental verde, carregando uma imensa pilha de tampas de lata, hesitou, equilibrou-se e depois continuou. Mas isso era uma diversão. Havia jovens que liam, deitados em poltronas rasas, segurando seus livros como se tivessem nas mãos algo que os ajudaria; eles estavam todos em um tormento, vindos de cidades do interior, filhos de clérigos. Outros liam Keats. E aquelas longas histórias em muitos volumes — certamente alguém estava agora começando pelo início para entender o Sacro Império Romano, como é preciso. Isso fazia parte da concentração, embora fosse perigoso numa noite quente de primavera — perigoso, talvez, concentrar-se demais em livros únicos, capítulos reais, quando a qualquer momento a porta se abria e Jacob aparecia, ou Richard Bonamy, não mais lendo Keats, começava a fazer longos trechos cor-de-rosa de um jornal velho, inclinando-se para a frente e parecendo não mais ansioso e satisfeito, mas quase; feroz. Por quê? Só que talvez Keats tenha morrido jovem — também se quer escrever poesia e amar — ah, que brutos! É terrivelmente difícil. Mas, afinal, não é tão difícil se na escada seguinte, na grande sala, estiverem dois, três, cinco jovens todos convencidos disso - isto é, da brutalidade e da clara divisão entre o certo e o errado. Havia um sofá, cadeiras, uma mesa quadrada e, estando a janela aberta, dava para ver como estavam sentados — pernas saindo aqui, uma ali dobrada num canto do sofá; e, provavelmente, porque você não podia vê-lo, alguém estava perto do para-choque, conversando. De qualquer forma, Jacob, que estava sentado em uma cadeira e comia tâmaras de uma longa caixa, caiu na gargalhada. A resposta veio do canto do sofá; pois seu cachimbo foi mantido no ar e depois substituído. Jacob se virou. Ele tinha algo a dizer sobre isso, embora o robusto garoto ruivo sentado à mesa

parecesse negar, balançando a cabeça lentamente de um lado para o outro; e então, tirando o canivete, ele enfiou a ponta dele repetidas vezes em um nó na mesa, como se afirmasse que a voz vinda do para-choque falava a verdade - o que Jacob não podia negar. Possivelmente, quando terminasse de arrumar as tâmaras, ele poderia encontrar algo para dizer a ela - na verdade, seus lábios se abriram - só então irrompeu uma gargalhada.

A risada morreu no ar. O som dificilmente poderia ter alcançado alguém que estivesse perto da Capela, que se estendia ao longo do lado oposto do pátio. As risadas cessaram e apenas gestos de braços, movimentos de corpos, podiam ser vistos moldando algo na sala. Foi uma discussão? Uma aposta nas corridas de barco? Não foi nada disso? O que foi moldado pelos braços e corpos em movimento na sala crepuscular?

Um ou dois passos além da janela não havia nada, exceto os edifícios circundantes — chaminés verticais, telhados horizontais; muitos tijolos e construções para uma noite de maio, talvez. E então, diante dos olhos, apareciam as colinas nuas da Turquia — linhas nítidas, terra seca, flores coloridas e cor nos ombros das mulheres, de pé, de pernas nuas, no riacho, para bater linho nas pedras. O riacho formava círculos de água em torno de seus tornozelos. Mas nada disso podia transparecer claramente através dos panos e cobertores da noite em Cambridge. A batida do relógio até foi abafada; como se fosse entoado por alguém reverente de um púlpito; como se gerações de homens cultos ouvissem a última hora passar pelas suas fileiras e a entregassem, já suave e desgastada pelo tempo, com a sua bênção, para uso dos vivos.

Foi para receber esse presente do passado que o jovem veio até a janela e ficou ali, olhando para o pátio? Foi Jacó. Ele ficou fumando seu cachimbo

enquanto a última batida do relógio ronronava suavemente ao seu redor. Talvez tenha havido uma discussão. Ele parecia satisfeito; na verdade magistral; cuja expressão mudou ligeiramente enquanto ele estava ali, o som do relógio transmitindo-lhe (pode ser) uma sensação de edifícios antigos e do tempo; e ele mesmo o herdeiro; e então amanhã; e amigos; ao pensar em quem, aparentemente com pura confiança e prazer, ele bocejou e se espreguiçou.

Enquanto isso, atrás dele, a forma que eles haviam feito, fosse por discussão ou não, a forma espiritual, dura mas efêmera, como de vidro comparada com a pedra escura da Capela, foi despedaçada, jovens levantando-se das cadeiras e dos cantos dos sofás, zumbindo e invadindo a sala, um empurrando o outro contra a porta do quarto, que cedendo, eles caíram. Então Jacob ficou ali, na poltrona rasa, sozinho com Masham? Anderson? Simeão? Ah, foi Simeão. Os outros tinham ido embora.

"... Juliano, o Apóstata...." Qual deles disse isso e as outras palavras murmuradas em torno disso? Mas por volta da meia-noite às vezes surge, como uma figura velada que de repente acorda, um vento forte; e isso agora agitando Trinity levantou folhas invisíveis e borrou tudo. "Juliano, o Apóstata" - e depois o vento. Os ramos do olmo sobem, as velas sopram, as velhas escunas empinam e mergulham, as ondas cinzentas no quente Oceano Índico batem violentamente, e então tudo cai novamente.

Assim, se a senhora velada atravessasse os Pátios da Trindade, ela agora cochilava mais uma vez, com todas as cortinas ao seu redor, a cabeça apoiada em um pilar.

"De alguma forma, isso parece importar."

A voz baixa era de Simeon.

A voz foi ainda mais baixa que lhe respondeu. A batida forte de um cano no consolo da lareira cancelou as palavras. E talvez Jacob apenas tenha dito "hum" ou não tenha dito nada. É verdade que as palavras eram inaudíveis. Era a intimidade, uma espécie de flexibilidade espiritual, quando a mente imprime na mente de forma indelével.

"Bem, parece que você estudou o assunto", disse Jacob, levantando-se e ficando de pé sobre a cadeira de Simeon. Ele se equilibrou; ele balançou um pouco. Ele parecia extraordinariamente feliz, como se seu prazer fosse transbordar e transbordar se Simeon falasse.

Simeão não disse nada. Jacob permaneceu de pé. Mas intimidade - a sala estava cheia disso, imóvel, profunda, como uma piscina. Sem necessidade de movimento ou de fala, elevou-se suavemente e lavou tudo, apaziguando, acendendo e revestindo a mente com o brilho da pérola, de modo que se você fala de uma luz, de Cambridge queimando, não são apenas línguas. É Juliano, o Apóstata.

Mas Jacob se moveu. Ele murmurou boa noite. Ele saiu para o tribunal. Ele abotoou a jaqueta no peito. Ele voltou para seus aposentos e, sendo o único homem que naquele momento voltou para seus aposentos, seus passos soaram, sua figura se agigantou. De volta da Capela, de volta do Salão, de volta da Biblioteca, veio o som de seus passos, como se a velha pedra ecoasse com autoridade magistral: "O jovem - o jovem - o jovem - de volta aos seus aposentos."

04. Capítulo Quatro

Igreja, música, paisagem universitária e os rituais coletivos que cercam Jacob.

De que adianta tentar ler Shakespeare, especialmente numa daquelas pequenas edições em papel fino cujas páginas ficam amarrotadas ou grudadas pela água do mar? Embora as peças de Shakespeare tivessem sido frequentemente elogiadas, até mesmo citadas, e colocadas em posição superior às gregas, nunca, desde que começaram, Jacob conseguiu ler uma delas. No entanto, que oportunidade!

Pois as Ilhas Scilly foram avistadas por Timmy Durrant, jazendo como topos de montanhas, quase inundados, precisamente naquele lugar apertado. Seus cálculos funcionaram perfeitamente, e realmente vê-lo sentado ali, com a mão no leme, com guelras rosadas, com um broto de barba, olhando severamente para as estrelas, depois para uma bússola, soletrando muito corretamente a página do eterno livro de lições, teria comovido uma mulher. Jacob, é claro, não era uma mulher. A visão de Timmy Durrant não era uma visão para ele, nada que pudesse ser colocado contra o céu e adorado; longe disso. Eles haviam brigado. Ninguém sabe dizer por que razão a forma correcta de abrir uma lata de carne, com Shakespeare a bordo, em condições de tal esplendor, os teria transformado em estudantes mal-humorados. A carne enlatada é comida fria; e a água salgada estraga os biscoitos; e as ondas batem e balançam praticamente da mesma maneira, hora após hora - caem e balançam por todo o horizonte. Agora um ramo de algas marinhas passa flutuando — agora um tronco de madeira. Navios naufragaram aqui. Um ou dois passam, mantendo o seu lado da estrada. Timmy sabia para onde iam, quais eram as suas cargas e, olhando através do binóculo, conseguia dizer o nome da linha e até adivinhar quais os dividendos que ela pagava aos

seus accionistas. No entanto, isso não foi motivo para Jacob ficar mal-humorado.

As Ilhas Scilly pareciam cumes de montanhas quase inundados... Infelizmente, Jacob quebrou o pino do fogão Primus.

As Ilhas Scilly poderiam muito bem ser destruídas por um rolo que passasse em linha reta.

Mas é preciso dar aos jovens o crédito de admitir que, embora o pequeno-almoço consumido nestas circunstâncias seja sombrio, é bastante sincero. Não há necessidade de conversar. Eles pegaram seus cachimbos.

Timmy escreveu algumas observações científicas; e — qual foi a pergunta que quebrou o silêncio — a hora exata ou o dia do mês? de qualquer forma, foi dito sem o menor constrangimento; da maneira mais prática do mundo; e então Jacob começou a desabotoar as roupas e sentou-se nu, exceto pela camisa, pretendendo, aparentemente, tomar banho.

As Ilhas Scilly estavam ficando azuladas; e de repente azul, roxo e verde inundaram o mar; deixei cinza; atingiu uma faixa que desapareceu; mas quando Jacob enfiou a camisa pela cabeça, todo o fundo das ondas era azul e branco, ondulante e nítido, embora de vez em quando aparecesse uma grande marca roxa, como um hematoma; ou flutuava uma esmeralda inteira tingida de amarelo. Ele mergulhou. Ele engoliu água, cuspiu, bateu com o braço direito, bateu com o esquerdo, foi rebocado por uma corda, engasgou, espirrou e foi içado para bordo.

O assento do barco estava positivamente quente, e o sol aquecia suas costas enquanto ele se sentava nu, com uma toalha na mão, olhando para as Ilhas Scilly que - dane-se! a vela bateu. Shakespeare foi derrubado. Lá você podia

vê-lo flutuando alegremente, com todas as suas páginas agitadas incontáveis; e então ele afundou.

Por mais estranho que pareça, era possível sentir o cheiro de violetas, ou se as violetas eram impossíveis em julho, então deviam crescer algo muito pungente no continente. O continente, não muito distante - viam-se fendas nas falésias, casinhas brancas, fumaça subindo - tinha uma aparência extraordinária de calma, de paz ensolarada, como se a sabedoria e a piedade tivessem descido sobre os habitantes de lá. Agora soou um grito, como o de um homem chamando sardinhas numa rua principal. Tinha uma aparência extraordinária de piedade e paz, como se os velhos fumassem perto da porta e as meninas estivessem de pé, com as mãos na cintura, perto do poço, e os cavalos estivessem de pé; como se o fim do mundo tivesse chegado, e os campos de repolho e os muros de pedra, e os postos da guarda costeira e, acima de tudo, as baías de areia branca com as ondas quebrando sem serem vistas por ninguém, subissem ao céu numa espécie de êxtase.

Mas, imperceptivelmente, a fumaça da cabana diminui, tem a aparência de um emblema de luto, uma bandeira flutuando sua carícia sobre um túmulo. As gaivotas, fazendo o seu voo amplo e depois cavalgando em paz, parecem marcar a sepultura.

Sem dúvida, se estivéssemos na Itália, na Grécia ou mesmo nas costas da Espanha, a tristeza seria superada pela estranheza, pela excitação e pelo empurrãozinho de uma educação clássica. Mas as colinas da Cornualha têm chaminés rígidas; e, de uma forma ou de outra, a beleza é infernalmente triste. Sim, as chaminés e os postos da guarda costeira e as pequenas baías com as ondas quebrando sem serem vistas por ninguém fazem lembrar a tristeza avassaladora. E o que pode ser essa tristeza?

É fabricado pela própria terra. Vem das casas do litoral. Começamos transparentes e depois a nuvem fica mais espessa. Toda a história respalda nosso painel de vidro. Escapar é vão.

Mas se esta é a interpretação correta da tristeza de Jacó enquanto ele estava sentado nu, ao sol, olhando para o Fim da Terra, é impossível dizer; pois ele nunca falou uma palavra. Timmy às vezes se perguntava (apenas por um segundo) se seu povo o incomodava... Não importa. Há coisas que não podem ser ditas. Vamos nos livrar disso. Vamos nos enxugar e pegar a primeira coisa que for útil... O caderno de observações científicas de Timmy Durrant.

“Agora...” disse Jacob.

É um argumento tremendo.

Algumas pessoas conseguem acompanhar cada passo do caminho e até dar um pequeno, de quinze centímetros de comprimento, sozinhas no final; outros permanecem atentos aos sinais externos.

Os olhos fixam-se no atizador; a mão direita pega o atizador e o levanta; vira-o lentamente e depois, com muita precisão, recoloca-o. A mão esquerda, que repousa sobre o joelho, toca uma peça majestosa, mas intermitente, de música de marcha. Uma respiração profunda é feita; mas deixado evaporar sem uso. O gato marcha pelo tapete da lareira. Ninguém a observa.

“Isso é o mais próximo que posso chegar”, concluiu Durrant.

O minuto seguinte é silencioso como um túmulo.

“Segue-se...”, disse Jacob.

Seguiu-se apenas meia frase; mas essas meias-frases são como bandeiras colocadas no topo dos edifícios para o observador de paisagens externas lá embaixo. O que era a costa da Cornualha, com seus aromas de violeta, emblemas de luto e piedade tranquila, senão uma tela pendurada bem atrás enquanto sua mente marchava?

"Segue-se...", disse Jacob.

"Sim", disse Timmy, após reflexão. "Isso é verdade."

Agora Jacob começou a mergulhar, meio para se esticar, meio numa espécie de alegria, sem dúvida, pois o som mais estranho saiu de seus lábios enquanto ele enrolava a vela, esfregava as placas - áspero, desafinado - uma espécie de pæan, por ter compreendido o argumento, por ser o dono da situação, queimado de sol, com a barba por fazer, capaz de dar a volta ao mundo num iate de dez toneladas, o que, muito provavelmente, ele faria um dia destes em vez de se instalar em escritório de um advogado e usando polainas.

"Nosso amigo Masham", disse Timmy Durrant, "prefere não ser visto em nossa companhia como somos agora." Seus botões haviam caído.

"Você conhece a tia de Masham?" disse Jacó.

"Nunca soube que ele tinha um", disse Timmy.

"Masham tem milhões de tias", disse Jacob.

"Masham é mencionado no Domesday Book", disse Timmy.

"As tias dele também", disse Jacob.

"A irmã dele", disse Timmy, "é uma garota muito bonita."

"Isso é o que vai acontecer com você, Timmy", disse Jacob.

"Isso vai acontecer com você primeiro", disse Timmy.

"Mas essa mulher de quem eu estava falando, a tia de Masham — — —"

"Oh, vá em frente", disse Timmy, pois Jacob estava rindo tanto que não conseguia falar.

"Tia de Masham..."

Timmy riu tanto que não conseguiu falar.

"Tia de Masham..."

"O que há em Masham que faz alguém rir?" disse Timmy.

"Pendure tudo: um homem que engole o alfinete de gravata", disse Jacob.

"Lorde Chanceler antes dos cinquenta anos", disse Timmy.

"Ele é um cavalheiro", disse Jacob.

"O duque de Wellington era um cavalheiro", disse Timmy.

"Keats não estava."

"Lorde Salisbury era."

"E quanto a Deus?" disse Jacob.

As Ilhas Scilly agora pareciam apontadas diretamente por um dedo dourado saindo de uma nuvem; e todos sabem quão portentosa é essa visão, e como esses raios amplos, quer incidam sobre as Ilhas Scilly ou sobre os túmulos dos cruzados nas catedrais, sempre abalam os próprios alicerces do

ceticismo e levam a piadas sobre Deus.

"Fique comigo: o entardecer cai rapidamente; As sombras se aprofundam; Senhor, comigo fique,"

cantou Timmy Durrant.

"Na minha casa tínhamos um hino que começava

Grande Deus, o que eu vejo e ouço? "

disse Jacó.

As gaiotas andavam balançando suavemente em pequenos grupos de duas ou três bem perto do barco; o corvo-marinho, como se seguisse seu longo pescoço tenso em eterna perseguição, deslizou alguns centímetros acima da água até a rocha seguinte; e o zumbido da maré nas cavernas atravessava a água, baixo, monótono, como a voz de alguém falando sozinho.

"Rocha dos Séculos, fendida para mim, Deixe-me esconder-me em ti."

cantou Jacó.

Como o dente rombudo de algum monstro, uma pedra surgiu na superfície; marrom; inundado por cachoeiras perpétuas.

"Rocha dos Séculos",

Jacob cantava, deitado de costas, olhando para o céu ao meio-dia, do qual todos os fragmentos de nuvem haviam sido retirados, de modo que parecia algo permanentemente exposto sem a cobertura.

Por volta das seis horas, uma brisa soprava de um campo de gelo; e às sete a água estava mais roxa que azul; e por volta das sete e meia havia um pedaço

de pele áspera de batedor de ouro ao redor das Ilhas Scilly, e o rosto de Durrant, enquanto dirigia, era da cor de uma caixa de laca vermelha polida por gerações. Às nove, todo o fogo e confusão desapareceram do céu, deixando fatias verde-maçã e placas amarelo-claras; e por volta das dez as lanternas do barco criavam cores distorcidas nas ondas, alongadas ou em forma de agachamento, à medida que as ondas se esticavam ou se curvavam. O facho do farol atravessou rapidamente a água. A milhões de quilômetros de distância, estrelas em pó cintilavam; mas as ondas batiam no barco e batiam, com solenidade regular e terrível, contra as rochas.

Embora fosse possível bater à porta da cabana e pedir um copo de leite, só a sede obrigaria à intrusão. No entanto, talvez a Sra. Pascoe acolhesse bem isso. O dia de verão pode estar pesado. Lavando-se em sua pequena copa, ela pode ouvir o relógio barato sobre a lareira tique-taque, tique-taque, tique-taque... tique-taque, tique-taque, tique-taque. Ela está sozinha em casa. O marido dela está ajudando o fazendeiro Hosken; sua filha se casou e foi para a América. O filho mais velho também é casado, mas ela não concorda com a esposa. O ministro Wesleyano veio e levou o menino mais novo. Ela está sozinha em casa. Um navio a vapor, provavelmente com destino a Cardiff, cruza agora o horizonte, enquanto, bem perto, um sino de dedaleira balança de um lado para o outro com um zangão como badalo.

Estas casas brancas da Cornualha foram construídas à beira do penhasco; o jardim produz tojo com mais facilidade do que repolho; e como sebe, algum homem primitivo empilhou pedras de granito. Num deles, para guardar, conjectura um historiador, o sangue da vítima, foi escavada uma bacia, mas nos nossos dias serve mais docilmente para acomodar os turistas que desejam uma vista ininterrupta da Cabeça de Bacamarte. Não que alguém se oponha a um vestido estampado azul e um avental branco no jardim de uma

casa de campo.

"Olha, ela tem que tirar água de um poço no jardim."

"Deve ser muito solitário no inverno, com o vento soprando sobre aquelas colinas e as ondas batendo nas rochas."

Mesmo num dia de verão você os ouve murmurando.

Depois de pegar água, a Sra. Pascoe entrou. Os turistas lamentaram não terem trazido copos, para que pudessem ler o nome do vapor vagabundo. Na verdade, estava um dia tão bonito que não havia como dizer o que um par de binóculos não poderia ter mostrado. Dois lugres pesqueiros, provavelmente da baía de St. Ives, navegavam agora na direção oposta do navio, e o fundo do mar tornou-se alternadamente claro e opaco. Quanto à abelha, depois de se fartar de mel, visitou o chá e daí seguiu em linha reta até o canteiro da Sra. Pascoe, mais uma vez direcionando o olhar dos turistas para o vestido estampado e o avental branco da velha, pois ela havia chegado à porta da cabana e estava ali parada.

Lá estava ela, protegendo os olhos e olhando para o mar.

Pela milionésima vez, talvez, ela olhou para o mar. Uma borboleta pavão agora se espalhava sobre o chá, fresca e recém-emergida, como testemunhava a penugem azul e chocolate em suas asas. A Sra. Pascoe entrou, pegou uma forma de creme, saiu e ficou limpando-a. Seu rosto certamente não era suave, sensual ou lascivo, mas sim duro, sábio e saudável, significando, em uma sala cheia de pessoas sofisticadas, a carne e o sangue da vida. Ela contaria uma mentira, porém, assim como contaria a verdade. Atrás dela, na parede, pendia um grande skate seco. Trancada na sala, ela apreciava tapetes, canecas de porcelana e fotografias, embora o

quartinho bolorento só fosse salvo da brisa salgada pela profundidade de um tijolo, e entre as cortinas de renda se via o ganso-patola cair como uma pedra, e nos dias de tempestade as gaivotas vinham estremeçando pelo ar, e as luzes dos vapores ora altas, ora profundas, Melancolia eram os sons numa noite de inverno.

Os jornais ilustrados foram entregues pontualmente no domingo, e ela debruçou-se longamente sobre o casamento de Lady Cynthia na Abadia. Ela também gostaria de andar numa carruagem com molas. As sílabas suaves e rápidas da fala educada muitas vezes envergonhavam as poucas rudes. E então, durante toda a noite, ouvir o barulho do Atlântico sobre as rochas, em vez de cabriolés e lacaios assobiando para os automóveis... Assim ela pode ter sonhado, esfregando sua panela de creme. Mas as pessoas falantes e espertas se mudaram para as cidades. Como uma avarenta, ela acumulou seus sentimentos dentro do próprio peito. Ela não mudou nem um centavo durante todos esses anos e, observando-a com inveja, parece que tudo dentro dela deve ser de ouro puro.

A velha sábia, tendo fixado os olhos no mar, retirou-se mais uma vez. Os turistas decidiram que era hora de seguir para a Cabeça de Bacamarte.

Três segundos depois, a Sra. Durrant bateu na porta.

"Sra. Pascoe?" ela disse.

Com bastante arrogância, ela observou os turistas cruzarem o caminho do campo. Ela veio de uma raça das Terras Altas, famosa por seus chefes.

A Sra. Pascoe apareceu.

“Tenho inveja daquele arbusto, Sra. Pascoe”, disse a Sra. Durrant, apontando a sombrinha com a qual havia batido na porta para o belo arbusto de erva de São João que crescia ao lado dele. A Sra. Pascoe olhou para o arbusto com ar depreciativo.

“Espero meu filho dentro de um ou dois dias”, disse a Sra. Durrant. “Navegando de Falmouth com um amigo em um pequeno barco... Alguma notícia de Lizzie, Sra. Pascoe?”

Seus pôneis de cauda longa estavam mexendo as orelhas na estrada, a vinte metros de distância. O menino, Curnow, ocasionalmente espantava moscas deles. Ele viu sua amante entrar na cabana; saía novamente; e passa, falando energicamente, a julgar pelos movimentos das mãos, pela horta em frente ao chalé. A Sra. Pascoe era sua tia. Ambas as mulheres examinaram um arbusto. A Sra. Durrant se abaixou e pegou um raminho dele. Em seguida ela apontou (seus movimentos eram peremptórios; ela se mantinha muito ereta) para as batatas. Eles tiveram a praga. Todas as batatas daquele ano estavam infectadas. A Sra. Durrant mostrou à Sra. Pascoe como a praga estava em suas batatas. A Sra. Durrant falou energicamente; A Sra. Pascoe ouviu com submissão. O menino Curnow sabia que a Sra. Durrant estava dizendo que era perfeitamente simples; você mistura o pó em um galão de água; “Fiz isso com minhas próprias mãos em meu próprio jardim”, dizia a Sra. Durrant.

“Você não terá mais batatas... você não terá mais batatas”, dizia a Sra. Durrant com sua voz enfática quando chegaram ao portão. O menino Curnow ficou imóvel como pedra.

A Sra. Durrant pegou as rédeas e sentou-se no banco do motorista.

“Cuide dessa perna, ou mandarei o médico até você”, ela gritou por cima do ombro; tocou nos pôneis; e a carruagem avançou. O menino Curnow mal teve tempo de se levantar pela ponta da bota. O menino Curnow, sentado no meio do banco de trás, olhou para a tia.

A Sra. Pascoe estava no portão cuidando deles; ficou no portão até a armadilha virar a esquina; ficou no portão, olhando ora para a direita, ora para a esquerda; depois voltou para sua casa.

Logo os pôneis atacaram a estrada da charneca com as patas dianteiras esforçadas. A Sra. Durrant deixou as rédeas caírem frouxamente e inclinou-se para trás. Sua vivacidade a havia abandonado. Seu nariz de falcão era fino como um osso esbranquiçado através do qual quase se vê a luz. Suas mãos, apoiadas nas rédeas no colo, eram firmes mesmo em repouso. O lábio superior era tão curto que se erguia quase num sorriso de escárnio desde os dentes da frente. Sua mente percorreu léguas onde a mente da Sra. Pascoe adериu ao seu pedaço solitário. Sua mente percorreu quilômetros enquanto os pôneis subiam a estrada da colina. Ela moveu sua mente para a frente e para trás, como se as casas sem teto, os montes de escória e os jardins das casas cobertos de dedaleiras e espinheiros lançassem sombra em sua mente. Chegando ao cume, ela parou a carruagem. As colinas pálidas rodeavam-na, cada uma repleta de pedras antigas; abaixo estava o mar, variável como um mar do sul; ela mesma ficou ali sentada, olhando da colina para o mar, ereta, aquilina, igualmente equilibrada entre a tristeza e o riso. De repente, ela sacudiu os pôneis de modo que o menino Curnow teve que se levantar pela ponta da bota.

As torres assentaram; as torres subiram. As árvores que tocavam tão caprichosamente pareciam insuficientes para albergar o seu número. As

copas das árvores cantavam com a brisa; os galhos rangiam audivelmente e caíam de vez em quando, embora a estação fosse pleno verão, cascas ou galhos. As gralhas subiram e desceram novamente, subindo em menor número a cada vez que os pássaros sábios se preparavam para pousar, pois a noite já havia passado o suficiente para tornar o ar dentro da floresta quase escuro. O musgo era macio; os troncos das árvores espectrais. Além deles havia uma campina prateada. A grama dos pampas erguia suas lanças emplumadas dos montes verdes no final da campina. Uma extensão de água brilhava. A mariposa convólculo já girava sobre as flores. Laranja e púrpura, capuchinha e torta de cereja foram lavadas no crepúsculo, mas a planta do tabaco e a flor do maracujá, sobre as quais girava a grande mariposa, eram brancas como porcelana. As gralhas bateram as asas juntas nas copas das árvores e estavam se preparando para dormir quando, ao longe, um som familiar sacudiu e tremeu - aumentou - bastante tinido em seus ouvidos - asas sagradas e sonolentas no ar novamente - o sino do jantar na casa.

Depois de seis dias de vento salgado, chuva e sol, Jacob Flanders vestiu um smoking. O discreto objeto preto aparecia de vez em quando no barco, entre latas, picles, carnes em conserva, e à medida que a viagem prosseguia tornava-se cada vez mais irrelevante, difícil de acreditar. E agora, o mundo sendo estável, iluminado pela luz de velas, só o smoking o preservava. Ele não poderia estar suficientemente grato. Mesmo assim, seu pescoço, pulsos e rosto ficavam expostos sem cobertura, e toda a sua pessoa, exposta ou não, formigava e brilhava de modo a transformar até mesmo o tecido preto em uma tela imperfeita. Ele afastou a grande mão vermelha que estava sobre a toalha da mesa. Disfarçadamente, fechou-se sobre copos finos e garfos prateados curvos. Os ossos das costeletas estavam enfeitados com babados rosa - e ontem ele comeu presunto com osso! Em frente a ele havia formas

nebulosas e semitransparentes de amarelo e azul. Atrás deles, novamente, estava o jardim verde-acinzentado, e entre as folhas em forma de pêra das escalonias, os barcos de pesca pareciam presos e suspensos. Um veleiro passou lentamente pelas costas das mulheres. Duas ou três figuras atravessaram o terraço apressadamente ao entardecer. A porta abriu e fechou. Nada se resolveu ou permaneceu ininterrupto. Como remos remando ora para cá, ora para ali, eram as frases que vinham ora aqui, ora ali, de ambos os lados da mesa.

“Ah, Clara, Clara!” — exclamou a Sra. Durrant, e Timothy Durrant acrescentou: — Clara, Clara — Jacob chamou a forma de gaze amarela de Clara, irmã de Timothy. A garota sentou-se sorrindo e corando. Com os olhos escuros do irmão, ela era mais vaga e suave do que ele. Quando a risada cessou, ela disse: “Mas, mãe, era verdade. Ele disse isso, não foi? A senhorita Eliot concordou conosco...”

Mas a senhorita Eliot, alta e grisalha, estava abrindo espaço ao seu lado para o velho que havia chegado do terraço. O jantar nunca terminaria, pensou Jacob, e ele não queria que terminasse, embora o navio tivesse navegado de um canto a outro da moldura da janela e uma luz marcasse o fim do cais. Ele viu a Sra. Durrant olhar para a luz. Ela se virou para ele.

“Você assumiu o comando, ou Timothy?” ela disse. “Perdoe-me se eu te chamo de Jacob. Já ouvi muito sobre você.” Então seus olhos voltaram para o mar. Seus olhos vidrados enquanto ela olhava para a vista.

“Uma vez uma pequena aldeia”, disse ela, “e agora crescida... Ela levantou-se, levando consigo o guardanapo, e ficou perto da janela.

"Você brigou com Timothy?" Clara perguntou timidamente. "Eu deveria ter feito isso."

A Sra. Durrant voltou da janela.

"Fica cada vez mais tarde", disse ela, sentando-se e olhando para a mesa. "Vocês deveriam ter vergonha, todos vocês. Sr. Clutterbuck, você deveria ter vergonha." Ela levantou a voz, pois o Sr. Clutterbuck era surdo.

"Temos vergonha", disse uma menina, mas o velho barbudo continuou comendo torta de ameixa. A Sra. Durrant riu e recostou-se na cadeira, como se estivesse fazendo a vontade dele.

"Nós lhe contamos isso, Sra. Durrant", disse um jovem com óculos grossos e um bigode flamejante. "Eu digo que as condições foram cumpridas. Ela me deve um soberano."

"Não antes do peixe... com ele, Sra. Durrant", disse Charlotte Wilding.

"Essa foi a aposta; com o peixe — disse Clara, séria. Begônias, mãe. Para comê-las com o peixe dele.

"Oh, querido", disse a Sra. Durrant.

"Charlotte não vai pagar você", disse Timothy.

"Como você ousa..." disse Charlotte.

"Esse privilégio será meu", disse o cortês Sr. Wortley, exibindo uma caixa de prata repleta de títulos soberanos e colocando uma moeda sobre a mesa. Então a Sra. Durrant levantou-se e desceu pela sala, mantendo-se muito ereta, e as meninas vestidas de gaze amarela, azul e prateada a seguiram, e a idosa Srta. Eliot, vestida de veludo; e uma mulher pequena e rosada,

hesitante à porta, limpa, escrupulosa, provavelmente uma governanta. Todos desmaiaram na porta aberta.

"Quando você tiver a minha idade, Charlotte", disse a Sra. Durrant, puxando o braço da menina entre os seus enquanto andavam de um lado para o outro no terraço.

"Por que você está tão triste?" Charlotte perguntou impulsivamente.

"Pareço-lhe triste? Espero que não", disse a Sra. Durrant.

"Bem, agora mesmo. Você não está velho."

"Velho o suficiente para ser mãe de Timothy." Eles pararam.

Miss Eliot estava olhando pelo telescópio do Sr. Clutterbuck na beira do terraço. O velho surdo ficou ao lado dela, acariciando a barba e recitando os nomes das constelações: "Andromeda, Bootes, Sidonia, Cassiopeia.... "

"Andromeda", murmurou Miss Eliot, deslocando ligeiramente o telescópio.

A Sra. Durrant e Charlotte olharam para o cano do instrumento apontado para o céu.

"Existem milhões de estrelas", disse Charlotte com convicção. A senhorita Eliot afastou-se do telescópio. Os jovens riram de repente na sala de jantar.

"Deixe-me ver", disse Charlotte ansiosamente.

"As estrelas me aborrecem", disse a Sra. Durrant, descendo o terraço com Julia Eliot. "Uma vez li um livro sobre as estrelas... O que elas estão dizendo?" Ela parou em frente à janela da sala de jantar. "Timothy", ela observou.

"O jovem silencioso", disse Miss Eliot.

"Sim, Jacob Flanders", disse a Sra. Durrant.

"Oh, mãe! Eu não te reconheci!" exclamou Clara Durrant, vindo da direção oposta com Elsbeth. "Que delícia", ela respirou, esmagando uma folha de verbena.

A Sra. Durrant virou-se e foi embora sozinha.

"Clara!" ela ligou. Clara foi até ela

"Como eles são diferentes!" disse a senhorita Eliot.

O Sr. Wortley passou por eles, fumando um charuto.

"Todos os dias que vivo me pego concordando..." ele disse ao passar por eles.

"É tão interessante adivinhar..." murmurou Julia Eliot.

"Quando saímos pela primeira vez, pudemos ver as flores naquele canteiro", disse Elsbeth.

"Vemos muito pouco agora", disse Miss Eliot.

"Ela devia ser tão linda e todos a amavam, é claro", disse Charlotte.

"Suponho que Sr. Wortley..." ela fez uma pausa.

"A morte de Edward foi uma tragédia", disse Miss Eliot decididamente.

Aqui o Sr. Erskine se juntou a eles.

"Não existe silêncio", disse ele positivamente. "Posso ouvir vinte sons diferentes em uma noite como esta, sem contar suas vozes."

"Faça uma aposta nisso?" disse Carlota.

"Feito", disse o Sr. Erskine. "Um, o mar; dois, o vento; três, um cachorro; quatro..."

Os outros passaram.

"Pobre Timothy", disse Elsbeth.

"Uma noite muito bonita", gritou a Srta. Eliot no ouvido do Sr. Clutterbuck.

"Gosta de olhar as estrelas?" disse o velho, virando o telescópio para Elsbeth.

"Você não fica melancólico - olhar para as estrelas?" gritou a senhorita Eliot.

"Meu Deus, não, meu Deus, não", o Sr. Clutterbuck riu quando a entendeu.

"Por que isso deveria me deixar melancólico? Nem por um momento - querido, não."

"Obrigado, Timothy, mas estou entrando", disse a Srta. Eliot. "Elsbeth, aqui está um xale."

"Estou entrando", Elsbeth murmurou com os olhos voltados para o telescópio. "Cassiopeia", ela murmurou. "Onde vocês estão?" ela perguntou, tirando os olhos do telescópio. "Como está escuro!"

A Sra. Durrant estava sentada na sala, perto de um abajur, enrolando um novelo de lã. O Sr. Clutterbuck lia o Times. Ao longe havia uma segunda lâmpada, e ao redor dela sentavam-se as jovens, apontando tesouras sobre objetos ornamentados com lantejoulas prateadas para teatros particulares. O Sr. Wortley leu um livro.

"Sim; ele está perfeitamente certo", disse a Sra. Durrant, levantando-se e parando de enrolar a lã. E enquanto o Sr. Clutterbuck lia o resto do discurso de Lord Lansdowne ela sentou-se ereta, sem tocar na bola.

"Ah, Sr. Flanders", disse ela, falando com orgulho, como se fosse para o próprio Lord Lansdowne. Então ela suspirou e começou a enrolar a lã novamente.

"Sente-se aí", disse ela.

Jacob saiu do lugar escuro perto da janela onde havia pairado. A luz derramou-se sobre ele, iluminando cada recanto de sua pele; mas nem um músculo do seu rosto se moveu enquanto ele olhava para o jardim.

"Quero saber sobre sua viagem", disse a Sra. Durrant.

"Sim", ele disse.

"Vinte anos atrás fizemos a mesma coisa."

"Sim", ele disse. Ela olhou para ele bruscamente.

"Ele é extraordinariamente estranho", pensou ela, notando como ele mexia nas meias. "Ainda assim de aparência tão distinta."

"Naquela época..." ela retomou, e contou-lhe como eles haviam navegado... "meu marido, que sabia muito sobre navegação, pois tinha um iate antes de nos casarmos"... e então como eles tinham desafiado precipitadamente os pescadores, "quase pagamos com nossas vidas, mas tão orgulhosos de nós mesmos!" Ela estendeu a mão que segurava o novelo de lã.

"Devo segurar sua lã?" Jacob perguntou rigidamente.

“Faça isso pela sua mãe”, disse a Sra. Durrant, olhando para ele novamente com atenção, enquanto transferia a meada. “Sim, vai muito melhor.”

Ele sorriu; mas não disse nada.

Elsbeth Siddons pairava atrás deles com algo prateado no braço.

“Nós queremos”, ela disse... “Eu vim...” ela fez uma pausa.

“Pobre Jacob”, disse a Sra. Durrant, calmamente, como se o conhecesse desde sempre. “Eles vão fazer você atuar na peça deles.”

“Como eu te amo!” disse Elsbeth, ajoelhando-se ao lado da cadeira da Sra. Durrant.

“Dê-me a lâ”, disse a Sra. Durrant.

“Ele veio - ele veio!” gritou Charlotte Wilding. “Eu ganhei minha aposta!”

“Há outro grupo mais acima”, murmurou Clara Durrant, subindo mais um degrau da escada. Jacob segurou a escada enquanto ela se esticava para alcançar as uvas no alto da videira.

“Pronto!” ela disse, cortando o talo. Ela parecia semitransparente, pálida, maravilhosamente linda lá em cima, entre as folhas das videiras e os cachos amarelos e roxos, as luzes nadando sobre ela em ilhas coloridas. Gerânios e begônias ficavam em vasos ao longo de tábuas; tomates escalaram as paredes.

“As folhas realmente precisam ser desbastadas”, ela considerou, e uma folha verde, espalhada como a palma de uma mão, circulou passando pela cabeça de Jacob.

“Já tenho mais do que posso comer”, disse ele, olhando para cima.

“Parece absurdo...”, começou Clara, “voltar para Londres...”

“Ridículo,” disse Jacob, com firmeza.

“Então...”, disse Clara, “você deve vir no ano que vem, propriamente”, disse ela, cortando outra folha de videira, um tanto ao acaso.

“Se... se...”

Uma criança passou correndo pela estufa gritando. Clara desceu lentamente a escada com o seu cesto de uvas.

“Um ramo branco e dois roxos”, disse ela, e colocou duas grandes folhas sobre eles, onde ficaram enrolados e quentes na cesta.

“Eu me diverti”, disse Jacob, olhando para a estufa.

“Sim, foi maravilhoso”, ela disse vagamente.

“Oh, senhorita Durrant”, disse ele, pegando a cesta de uvas; mas ela passou por ele em direção à porta da estufa.

“Você é bom demais... bom demais”, pensou ela, pensando em Jacob, pensando que ele não deveria dizer que a amava. Não, não, não.

As crianças passavam girando pela porta, jogando coisas para o alto.

“Pequenos demônios!” ela chorou. “O que eles têm?” ela perguntou a Jacob.

“Cebolas, eu acho”, disse Jacob. Ele olhou para eles sem se mover.

“No próximo agosto, lembre-se, Jacob”, disse a Sra. Durrant, apertando-lhe a mão no terraço onde o fúcsia pendia, como um brinco escarlate, atrás de sua

cabeça. O Sr. Wortley saiu pela janela com chinelos amarelos, seguindo o Times e estendendo a mão muito cordialmente.

"Adeus", disse Jacob. "Adeus", ele repetiu. "Adeus", ele disse mais uma vez. Charlotte Wilding abriu a janela do quarto e gritou: "Adeus, Sr. Jacob!"

"Sr. Flandres!" — exclamou o Sr. Clutterbuck, tentando se libertar da cadeira tipo colmeia. "Jacob Flandres!"

"Tarde demais, Joseph", disse a Sra. Durrant.

"Não é para sentar para mim", disse Miss Eliot, plantando o tripé no gramado.

05. Capítulo Cinco

Londres, quartos, encontros, ruas e a solidão urbana em torno do protagonista.

“Prefiro pensar”, disse Jacob, tirando o cachimbo da boca, “que está em Virgílio”, e empurrando a cadeira para trás, foi até a janela.

Os condutores mais imprudentes do mundo são, certamente, os condutores das carrinhas dos correios. Descendo a Lamb's Conduit Street, a van escarlate dobrou a esquina perto do pilar de modo a roçar no meio-fio e fazer com que a garotinha que estava na ponta dos pés para postar uma carta olhasse para cima, meio assustada, meio curiosa. Ela fez uma pausa com a mão na boca da caixa; então largou a carta e fugiu. Raramente vemos uma criança na ponta dos pés com pena - mais frequentemente um leve desconforto, um grão de areia no sapato que dificilmente vale a pena remover - esse é o nosso sentimento, e então - Jacob voltou-se para a estante de livros.

Há muito tempo, grandes pessoas viviam aqui e, ao voltarem da Corte depois da meia-noite, ficavam de pé, aconchegando as saias de cetim, sob os umbrais esculpidos das portas, enquanto o lacaio se levantava do colchão no chão, apertava apressadamente os botões inferiores do colete e os deixava entrar. Southampton Row, no entanto, é notável hoje em dia principalmente pelo fato de que você sempre encontrará lá um homem tentando vender uma tartaruga a um alfaiate. "Exibindo o tweed, senhor; o que a pequena nobreza quer é algo singular que chame a atenção, senhor - e limpo em seus hábitos, senhor!" Então eles exibem suas tartarugas.

Na esquina de Mudie, na Oxford Street, todas as contas vermelhas e azuis estavam juntas no cordão. Os ônibus motorizados estavam trancados. O Sr.

Spalding indo para a cidade olhou para o Sr. Charles Budgeon com destino a Shepherd's Bush. A proximidade dos ônibus deu aos passageiros externos a oportunidade de olharem-se nos rostos. No entanto, poucos aproveitaram isso. Cada um tinha seu próprio negócio para pensar. Cada um tinha seu passado encerrado dentro de si como as folhas de um livro que conhecia de cor; e seus amigos só conseguiam ler o título, James Spalding ou Charles Budgeon, e os passageiros que iam na direção oposta não conseguiam ler absolutamente nada - exceto "um homem de bigode ruivo", "um jovem vestido de cinza fumando cachimbo". A luz do sol de outubro repousava sobre todos aqueles homens e mulheres sentados, imóveis; e o pequeno Johnnie Sturgeon aproveitou a oportunidade para descer a escada, carregando seu grande pacote misterioso, e assim, esquivando-se de um percurso em zigue-zague entre as rodas, chegou à calçada, começou a assobiar uma música e logo desapareceu de vista - para sempre. Os ônibus avançavam e cada pessoa sentia alívio por estar um pouco mais perto do fim de sua jornada, embora alguns se convencessem de superar o compromisso imediato com a promessa de indulgência além - bife e pudim de rim, bebida ou um jogo de dominó no canto enfumaçado de um restaurante da cidade. Ah, sim, a vida humana é muito tolerável no topo de um ônibus em Holborn, quando o policial levanta o braço e o sol bate nas costas, e se existe uma concha secretada pelo homem para caber no próprio homem, aqui a encontramos, nas margens do Tâmesa, onde as grandes ruas se unem e a Catedral de São Paulo, como a voluta no topo da concha do caracol, a completa. Jacob, descendo do ônibus, subiu os degraus, consultou o relógio e finalmente decidiu entrar... Será que é necessário um esforço? Sim. Essas mudanças de humor nos desgastam.

Está escuro, assombrado por fantasmas de mármore branco, aos quais o órgão sempre assombra. Se uma bota range, é horrível; então a ordem; a disciplina. O verger com sua vara tem a vida resolvida abaixo dele. Doces e santos são os coristas angélicos. E para sempre ao redor dos ombros de mármore, entrando e saindo dos dedos dobrados, ecoam os sons finos e agudos da voz e do órgão. Para sempre réquiem - repouso. Cansada de esfregar os degraus do escritório da Sociedade Prudencial, o que fazia ano após ano, a Sra. Lidgett sentou-se sob o túmulo do grande duque, cruzou as mãos e semicerrou os olhos. Um lugar magnífico para uma velha descansar, ao lado dos ossos do grande duque, cujas vitórias nada significam para ela, cujo nome ela não conhece, embora ela nunca deixe de cumprimentar os anjinhos à sua frente, enquanto desmaia, desejando o mesmo em seu próprio túmulo, pois a cortina de couro do coração se alargou, e sai roubando na ponta dos pés pensamentos de descanso, doces melodias... O velho Spicer, comerciante de juta, entretanto, não pensava nada disso. Estranhamente, ele nunca esteve em St. Paul está há cinquenta anos, embora as janelas do seu escritório dassem para o cemitério da igreja. "Então isso é tudo? Bem, um lugar antigo e sombrio... Onde fica o túmulo de Nelson? Não há tempo agora - volte - uma moeda para deixar na caixa.... Chuva ou bom tempo, está? Bem, se ao menos ele se decidisse!" As crianças entram preguiçosamente - o sacristão as dissuade - e outra e outra... homem, mulher, homem, mulher, menino... levantando os olhos, franzindo os lábios, a mesma sombra roçando os mesmos rostos; a cortina de couro do coração se abre.

Nada poderia parecer mais certo nos degraus de São Paulo do que que cada pessoa recebe milagrosamente casaco, saia e botas; uma renda; um objeto. Apenas Jacob, carregando na mão o Império Bizantino de Finlay, que comprara em Ludgate Hill, parecia um pouco diferente; pois na mão ele

carregava um livro, livro que ele abriria e estudaria precisamente às nove e meia, junto à sua lareira, como ninguém mais de toda aquela multidão faria. Eles não têm casas. As ruas pertencem a eles; as lojas; as igrejas; são deles as inúmeras mesas; as luzes esticadas do escritório; as vans são deles e a ferrovia está suspensa bem acima da rua. Se você olhar mais de perto, verá que três homens idosos, um pouco distantes um do outro, correm como aranhas pela calçada, como se a rua fosse seu salão, e aqui, encostada na parede, uma mulher olha para o nada, com os cadarços das botas estendidos, que ela não pede para você comprar. Os cartazes também são deles; e as notícias sobre eles. Uma cidade destruída; uma corrida vencida. Um povo sem-teto, circulando sob o céu cujo azul ou branco é retido por um teto feito de limalhas de aço e esterco de cavalo reduzido a pó.

Ali, sob a sombra verde, com a cabeça inclinada sobre o papel branco, o Sr. Sibley transferia figuras para fólhos, e sobre cada mesa você observa, como forragem, um monte de papéis, o alimento do dia, lentamente consumidos pela caneta diligente. Inúmeros sobretudos da qualidade prescrita ficavam vazios durante todo o dia nos corredores, mas quando o relógio marcava seis horas, cada um era preenchido com exatidão, e as pequenas figuras, divididas em calças ou moldadas em uma única espessura, sacudiam-se rapidamente com movimentos angulares para a frente ao longo da calçada; então caiu na escuridão. Sob a calçada, enterrados na terra, ralos ociosos revestidos de luz amarela os transportavam para sempre de um lado para outro, e grandes letras em placas esmaltadas representavam no submundo os parques, praças e circos da parte superior. "Marble Arch - Shepherd's Bush" - para a maioria, o Arch e o Bush são letras eternamente brancas sobre um fundo azul. Somente em um ponto — pode ser Acton, Holloway, Kensal Rise, Caledonian Road — o nome significa lojas onde você compra coisas e casas,

em uma das quais, à direita, onde as árvores de podridão crescem nas pedras do pavimento, há uma janela quadrada com cortinas e um quarto.

Muito depois do pôr-do-sol, uma velha cega estava sentada num banquinho de acampamento, de costas para o muro de pedra do Union of Londres e do Smith's Bank, apertando um vira-lata marrom com força nos braços e cantando em voz alta, não por moedas, não, do fundo de seu coração alegre e selvagem - seu coração pecaminoso e bronzeado - pois a criança que a busca é fruto do pecado, e deveria estar na cama, envolta em uma cortina, dormindo, em vez de ouvir à luz da lamparina a canção selvagem de sua mãe, onde ela senta-se contra o banco, cantando sem dinheiro, com o cachorro contra o peito.

Eles foram para casa. As torres cinzentas da igreja os receberam; a cidade velha, velha, pecaminosa e majestosa. Um atrás do outro, redondos ou pontiagudos, perfurando o céu ou aglomerando-se, como navios à vela, como penhascos de granito, pináculos e escritórios, cais e fábricas lotam a margem; eternamente os peregrinos marcham; barcaças descansam no meio do rio carregadas; como alguns acreditam, a cidade adora suas prostitutas.

Mas poucos, ao que parece, são admitidos nesse grau. De todas as carruagens que saem do arco da Ópera, nenhuma vira para leste, e quando o pequeno ladrão é apanhado no mercado vazio, ninguém em vestido de noite preto e branco ou cor-de-rosa bloqueia o caminho, parando com a mão na porta da carruagem para ajudar ou condenar - embora Lady Charles, para lhe fazer justiça, suspire tristemente enquanto sobe a escada, desce Thomas à Kempis, e não dorme até que a sua mente se perca mergulhando na complexidade das coisas. "Por quê? Por quê? Por quê?" ela suspira. No geral, é melhor voltar andando da Opera House. A fadiga é o remédio para dormir

mais seguro.

A temporada de outono estava em pleno andamento. Tristan puxava o tapete sob as axilas duas vezes por semana; Isolde agitou o cachecol em milagrosa simpatia com a batuta do maestro. Em todas as partes da casa encontravam-se rostos rosados e seios brilhantes. Quando uma mão real presa a um corpo invisível escorregou e retirou o buquê vermelho e branco que repousava na borda escarlate, a Rainha da Inglaterra parecia um nome pelo qual valeria a pena morrer. A beleza, em sua variedade de estufa (que não é das piores), floresceu caixa após caixa; e embora nada tenha sido dito de profunda importância, e embora seja geralmente aceito que a sagacidade abandonou os belos lábios na época em que Walpole morreu - pelo menos quando Victoria, em sua camisola, desceu para encontrar seus ministros, os lábios (através de um binóculo) permaneceram vermelhos, adoráveis. Homens calvos e distintos, com bengalas com pontas douradas, passeavam pelas avenidas carmesim entre as barracas, e só interromperam o contato com os camarotes quando as luzes se apagaram, e o maestro, primeiro fazendo uma reverência à Rainha, ao lado dos homens carecas, virou-se e ergueu a varinha.

Então dois mil corações na semi-escuridão lembraram-se, anteciparam-se, percorreram labirintos escuros; e Clara Durrant despediu-se de Jacob Flanders e provou a doçura da morte em efígie; e a Sra. Durrant, sentada atrás dela na escuridão do camarote, deu um suspiro agudo; e o Sr. Wortley, mudando de posição atrás da esposa do embaixador italiano, pensou que Brangaena estava um pouco rouca; e suspenso na galeria muitos metros acima de suas cabeças, Edward Whittaker sub-repticiamente segurou uma tocha para sua partitura em miniatura; e... e...

Em suma, o observador fica sufocado com observações. Apenas para evitar que sejamos submersos no caos, a natureza e a sociedade organizaram entre si um sistema de classificação que é a própria simplicidade; barracas, camarotes, anfiteatro, galeria. Os moldes são preenchidos todas as noites. Não há necessidade de distinguir detalhes. Mas a dificuldade permanece: é preciso escolher. Pois embora eu não tenha nenhum desejo de ser Rainha da Inglaterra - ou apenas por um momento - eu me sentaria de bom grado ao lado dela; Eu ouvia as fofocas do primeiro-ministro; a condessa sussurra e compartilha suas memórias de salões e jardins; as frentes maciças dos respeitáveis escondem afinal o seu código secreto; ou por que tão impermeável? E então, tirando o próprio capacete, é estranho assumir, por um momento, que alguém — qualquer um — seja um homem de valor que governou o Império; referir enquanto Brangaena canta os fragmentos de Sófocles, ou ver num piscar de olhos, como o pastor flauta a sua melodia, pontes e aquedutos. Mas não - devemos escolher. Nunca houve uma necessidade mais dura! ou que implique maior dor, desastre mais certo; pois onde quer que eu me sente, morro no exílio: Whittaker em sua pensão; Lady Charles na Mansão.

Um jovem com nariz de Wellington, que ocupava um assento por sete centavos e seis centavos, desceu as escadas de pedra quando a ópera terminou, como se ainda estivesse um pouco afastado de seus colegas pela influência da música.

À meia-noite, Jacob Flanders ouviu uma batida na porta.

"Por Júpiter!" ele exclamou. "Você é exatamente o homem que eu quero!" e sem mais delongas descobriram as linhas que ele procurava o dia todo; só que eles não vêm em Virgílio, mas em Lucrécio.

"Sim; isso deve fazê-lo sentar-se", disse Bonamy, quando Jacob parou de ler. Jacob estava animado. Foi a primeira vez que ele leu seu ensaio em voz alta.

"Maldito porco!" ele disse, de maneira um tanto extravagante; mas o elogio subiu à sua cabeça. O professor Bulteel, de Leeds, publicou uma edição de Wycherley sem declarar que havia omitido, estripado ou indicado apenas por asteriscos várias palavras e algumas frases indecentes. Um ultraje, disse Jacob; uma quebra de fé; puro pudor; símbolo de uma mente obscena e de uma natureza nojenta. Aristóфанes e Shakespeare foram citados. A vida moderna foi repudiada. Um grande jogo foi feito com o título profissional, e Leeds, como local de aprendizado, foi ridicularizado com desprezo. E o mais extraordinário é que esses jovens estavam perfeitamente certos - extraordinário porque, mesmo enquanto Jacob copiava as suas páginas, ele sabia que ninguém jamais as imprimiria; e certamente voltaram do Fortnightly, do Contemporary, do Nineteenth Century — quando Jacob os jogou na caixa preta de madeira onde guardava as cartas da mãe, suas velhas calças de flanela e um ou dois bilhetes com o carimbo do correio da Cornualha. A tampa se fechou sobre a verdade.

Esta caixa preta de madeira, na qual seu nome ainda estava legível em tinta branca, ficava entre as longas janelas da sala de estar. A rua corria abaixo. Sem dúvida o quarto ficava atrás. A mobília - três cadeiras de vime e uma mesa com pernas de portão - veio de Cambridge. Estas casas (a filha da Sra. Garfit, a Sra. Whitehorn, era a proprietária desta) foram construídas, digamos, há cento e cinquenta anos. Os quartos são bem torneados e os tetos altos; acima da porta, uma rosa, ou uma caveira de carneiro, está esculpida na madeira. O século XVIII tem sua distinção. Até os painéis, pintados com tinta de cor framboesa, têm a sua distinção....

"Distinção" - Sra. Durrant disse que Jacob Flanders tinha uma "aparência distinta". "Extremamente estranho", disse ela, "mas com uma aparência tão distinta." Vê-lo pela primeira vez, essa sem dúvida é a palavra certa para ele. Recostando-se na cadeira, tirando o cachimbo dos lábios e dizendo a Bonamy: "Sobre esta ópera agora" (pois tinham acabado com a indecência). "Esse tal Wagner"... distinção era uma das palavras a usar com naturalidade, embora, olhando para ele, seria difícil dizer qual era o seu lugar na casa de ópera, barracas, galeria ou círculo de gala. Um escritor? Ele não tinha autoconsciência. Um pintor? Havia algo no formato de suas mãos (ele descendia por parte de mãe de uma família da maior antiguidade e da mais profunda obscuridade) que indicava gosto. Depois, a boca — mas certamente, de todas as ocupações fúteis, esta de catalogar características é a pior. Uma palavra é suficiente. Mas se não conseguirmos encontrá-lo?

"Gosto de Jacob Flanders", escreveu Clara Durrant em seu diário. "Ele é tão pouco mundano. Ele não se mostra arrogante, e podemos dizer o que quisermos para ele, embora ele seja assustador porque..." Mas o Sr. Letts deixa pouco espaço em seus diários de xelins. Não foi Clara quem invadiu a quarta-feira. A mais humilde e sincera das mulheres! "Não, não, não", ela suspirou, parada na porta da estufa, "não quebre... não estrague?... o quê? Algo infinitamente maravilhoso.

Mas então, esta é apenas a linguagem de uma jovem, também daquela que ama ou se abstém de amar. Ela desejou que o momento continuasse para sempre exatamente como era naquela manhã de julho. E os momentos não. Agora, por exemplo, Jacob estava contando uma história sobre um passeio a pé que ele havia feito, e a pousada se chamava "A Panela Espumante", o que, considerando o nome da proprietária... Eles gritaram de tanto rir. A piada era indecente.

Então Julia Eliot disse "o jovem silencioso" e, ao jantar com primeiros-ministros, sem dúvida quis dizer: "Se ele quiser progredir no mundo, terá de encontrar a língua".

Timothy Durrant nunca fez nenhum comentário.

A empregada foi generosamente recompensada.

A opinião do Sr. Sopwith era tão sentimental quanto a de Clara, embora expressada com muito mais habilidade.

Betty Flanders era romântica com Archer e terna com John; ela estava irracionalmente irritada com a falta de jeito de Jacob em casa.

O capitão Barfoot gostava mais dele entre os meninos; mas quanto a dizer por quê....

Parece então que homens e mulheres são igualmente culpados. Parece que uma opinião profunda, imparcial e absolutamente justa sobre os nossos semelhantes é totalmente desconhecida. Ou somos homens ou somos mulheres. Ou somos frios ou somos sentimentais. Ou somos jovens ou estamos envelhecendo. Em qualquer caso, a vida é apenas uma procissão de sombras, e Deus sabe por que as abraçamos com tanto entusiasmo e as vemos partir com tanta angústia, sendo sombras. E por que, se isso é muito mais do que isso é verdade, por que ainda somos surpreendidos no canto da janela por uma visão repentina de que o jovem na cadeira é, de todas as coisas no mundo, a mais real, a mais sólida, a mais conhecida por nós - por que, de fato? Por enquanto não sabemos nada sobre ele.

Essa é a maneira de vermos. Tais são as condições do nosso amor.

("Tenho vinte e dois anos. Estamos quase no fim de outubro. A vida é totalmente agradável, embora infelizmente haja um grande número de tolos por aí. É preciso se dedicar a uma coisa ou outra - Deus sabe o quê. Tudo é realmente muito alegre - exceto acordar de manhã e usar fraque.")

"Eu digo, Bonamy, e Beethoven?"

("Bonamy é um sujeito incrível. Ele sabe praticamente tudo - não mais sobre literatura inglesa do que eu - mas leu todos aqueles franceses.")

"Suspeito que você esteja falando besteira, Bonamy. Apesar do que você diz, pobre e velho Tennyson... "

("A verdade é que alguém deveria ter aprendido francês. Agora, suponho, o velho Barfoot está conversando com minha mãe. Isso é algo estranho, com certeza. Mas não consigo ver Bonamy lá embaixo. Maldita Londres!") pois as carroças do mercado avançavam pesadamente pela rua.

"Que tal uma caminhada no sábado?"

("O que vai acontecer no sábado?")

Depois, tirando a carteira, assegurou-se de que a noite da festa dos Durrant seria na semana seguinte.

Mas embora tudo isso possa muito bem ser verdade - assim Jacob pensou e falou - então ele cruzou as pernas - encheu seu cachimbo - tomou um gole de uísque e uma vez olhou para sua carteira, bagunçando o cabelo ao fazê-lo, ainda resta algo que nunca pode ser transmitido a uma segunda pessoa, exceto pelo próprio Jacob. Além disso, parte disso não é Jacob, mas Richard Bonamy - a sala; os carrinhos de mercado; a hora; o exato momento da história. Depois considere o efeito do sexo — como entre homem e mulher

ele paira ondulado, trêmulo, de modo que aqui há um vale, ali há um pico, quando na verdade, talvez, tudo seja tão plano quanto minha mão. Até as palavras exatas recebem o sotaque errado. Mas alguma coisa está sempre impelindo alguém a cantarolar vibrando, como a mariposa-falcão, na entrada da caverna do mistério, dotando Jacob Flanders de todos os tipos de qualidades que ele não tinha - pois embora, certamente, ele estivesse sentado conversando com Bonamy, metade do que ele disse era chato demais para ser repetido; muito ininteligível (sobre pessoas desconhecidas e o Parlamento); o que resta é principalmente uma questão de suposições. No entanto, sobre ele estamos pendurados vibrando.

"Sim", disse o capitão Barfoot, batendo o cachimbo no fogão de Betty Flanders e abotoando o casaco. "Isso duplica o trabalho, mas não me importo com isso."

Ele agora era vereador. Eles olharam para a noite, que era igual à noite de Londres, só que bem mais transparente. Os sinos das igrejas da cidade marcavam onze horas. O vento vinha do mar. E todas as janelas dos quartos estavam escuras — os Pajens estavam dormindo; os Garfits estavam dormindo; os Cranches estavam dormindo — enquanto em Londres, a essa hora, queimavam Guy Fawkes na Colina do Parlamento.

06. Capítulo Seis

Durrants, visitas, sociabilidade e as aproximações que revelam Jacob por reflexo.

As chamas já haviam pegado.

"Lá está São Paulo!" alguém gritou.

À medida que a madeira se iluminava, a cidade de Londres iluminou-se por um segundo; nos outros lados do fogo havia árvores. Dos rostos que pareciam frescos e vívidos, como se pintados de amarelo e vermelho, o mais proeminente era o rosto de uma menina. Por um truque da luz do fogo, ela parecia não ter corpo. O formato oval do rosto e do cabelo pendia ao lado do fogo, com um vácuo escuro como fundo. Como se estivesse atordoada pelo brilho, seus olhos azul-esverdeados fitaram as chamas. Cada músculo de seu rosto estava tenso. Havia algo de trágico no olhar dela — sua idade estava entre vinte e vinte e cinco anos.

Uma mão descendo da escuridão xadrez colocou em sua cabeça o chapéu cônico branco de um pierrot. Balançando a cabeça, ela ainda olhava. Um rosto com bigodes apareceu acima dela. Eles deixaram cair duas pernas de uma mesa sobre o fogo e alguns galhos e folhas. Tudo isso resplandecia e mostrava rostos recuados, redondos, pálidos, lisos, barbudos, alguns com chapéus de bico; toda intenção; mostrava também a Basílica de São Paulo flutuando na névoa branca e irregular, e duas ou três torres estreitas, brancas como papel, em forma de extintor.

As chamas lutavam através da madeira e rugiam quando, só Deus sabe de onde, baldes lançavam água em lindas formas ocas, como se fossem uma carapaça de tartaruga polida; arremessado de novo e de novo; até que o silvo foi como um enxame de abelhas; e todos os rostos desapareceram.

"Oh, Jacob", disse a garota, enquanto subiam a colina no escuro, "estou terrivelmente infeliz!"

Gritos de risada vieram dos outros - altos, baixos; alguns antes, outros depois.

A sala de jantar do hotel estava bem iluminada. Uma cabeça de veado enegrecida estava numa das extremidades da mesa; no outro, um busto romano enegrecido e avermelhado para representar Guy Fawkes, de quem era a noite. Os comensais eram ligados entre si por pedaços de rosas de papel, de modo que, na hora de cantar "Auld Lang Syne", com as mãos cruzadas, uma linha rosa e amarela subia e descia por toda a extensão da mesa. Houve um enorme bater de taças de vinho verde. Um jovem levantou-se e Florinda, pegando num dos globos arroxeados que estavam sobre a mesa, atirou-o diretamente à cabeça dele. Ele se transformou em pó.

"Estou tão terrivelmente infeliz!" ela disse, virando-se para Jacob, que estava sentado ao lado dela.

A mesa corria, como se tivesse pernas invisíveis, para o lado da sala, e um realejo decorado com um pano vermelho e dois vasos de flores de papel tocavam uma valsa.

Jacob não sabia dançar. Ele ficou encostado na parede fumando um cachimbo.

"Achamos", disseram dois dos dançarinos, separando-se dos demais e curvando-se profundamente diante dele, "que você é o homem mais lindo que já vimos."

Então eles enfeitaram sua cabeça com flores de papel. Então alguém trouxe uma cadeira branca e dourada e o fez sentar nela. Ao passarem, as pessoas penduravam uvas de vidro em seus ombros, até que ele parecesse a figura de proa de um navio naufragado. Então Florinda ajoelhou-se e escondeu o rosto no colete. Com uma mão ele a segurou; com o outro, seu cachimbo.

“Agora vamos conversar”, disse Jacob, enquanto descia Haverstock Hill entre quatro e cinco horas da manhã do dia seis de novembro, de braços dados com Timmy Durrant, “sobre algo sensato”.

Os gregos — sim, era disso que falavam — que, depois de tudo dito e feito, quando se enxagua a boca com toda a literatura do mundo, incluindo a chinesa e a russa (mas estes eslavos não são civilizados), é o sabor do grego que permanece. Durrant citou *Ésquilo* - Jacob Sófocles. É verdade que nenhum grego poderia ter entendido ou nenhum professor poderia ter-se absterido de apontar: Deixa para lá; para que serve o grego senão para ser gritado em Haverstock Hill ao amanhecer? Além disso, Durrant nunca deu ouvidos a Sófocles, nem Jacob a *Ésquilo*. Eles eram orgulhosos, triunfantes; parecia a ambos que tinham lido todos os livros do mundo; conhecido cada pecado, paixão e alegria. As civilizações os cercavam como flores prontas para serem colhidas. As eras batiam a seus pés como ondas próprias para velejar. E examinando tudo isto, assomando através do nevoeiro, da luz dos candeeiros, das sombras de Londres, os dois jovens decidiram a favor da Grécia.

"Provavelmente", disse Jacob, "somos as únicas pessoas no mundo que sabem o que os gregos queriam dizer."

Beberam café numa barraca onde as jarras eram polidas e pequenas lamparinas acesas ao longo do balcão.

Tomando Jacob por um cavalheiro militar, o dono da barraca contou-lhe sobre seu filho em Gibraltar, e Jacob amaldiçoou o exército britânico e elogiou o duque de Wellington. Então eles desceram novamente a colina falando sobre os gregos.

Uma coisa estranha - pensando bem - é esse amor pelo grego, florescendo em tal obscuridade, distorcido, desanimado, mas saltando à tona, de repente, especialmente ao sair de salas lotadas, ou após um excesso de publicações, ou quando a lua flutua entre as ondas das colinas, ou em dias ociosos, pálidos e infrutíferos em Londres, como um específico; uma lâmina limpa; sempre um milagre. Jacob não sabia nada de grego, o que lhe serviu para tropeçar numa peça. Da história antiga ele nada sabia. No entanto, ao entrar em Londres, pareceu-lhe que eles estavam fazendo as lajes ressoarem na estrada para a Acrópole, e que se Sócrates os visse chegando, ele se agitaria e diria "meus bons companheiros", pois todo o sentimento de Atenas era inteiramente do seu coração; livre, aventureiro, espirituoso... Ela o chamou de Jacob sem pedir sua licença. Ela havia se sentado em seu joelho. Assim faziam todas as boas mulheres nos dias dos gregos.

Nesse momento, ergueu-se no ar uma lamentação vacilante, trêmula e triste, que parecia não ter forças para se desdobrar, mas ainda assim continuou; ao som do qual as portas das ruas secundárias se abriram sombriamente; os trabalhadores avançaram.

Florinda estava doente.

A Sra. Durrant, sem dormir como sempre, marcou ao lado de certas linhas do Inferno.

Clara dormia enterrada nos travesseiros; na penteadeira, rosas desgrenhadas e um par de longas luvas brancas.

Ainda com o chapéu cônico branco de pierrot, Florinda passou mal.

O quarto parecia adequado para essas catástrofes: barato, cor de mostarda, meio sótão, meio estúdio, curiosamente ornamentado com estrelas de papel prateado, chapéus de mulheres galesas e rosários pendurados nos suportes de gás. Quanto à história de Florinda, o seu nome lhe foi conferido por um pintor que desejava que significasse que a flor da sua virgindade ainda estava por colher. Seja como for, ela não tinha sobrenome e tinha como pai apenas a fotografia de uma lápide sob a qual, segundo ela, seu pai estava enterrado. Às vezes ela insistia no tamanho dele, e corria o boato de que o pai de Florinda morrera devido ao crescimento dos ossos que nada conseguia impedir; tal como a sua mãe gozava da confiança de um mestre real, e de vez em quando a própria Florinda era princesa, mas principalmente quando bêbada. Assim abandonada, ainda por cima bonita, com olhos trágicos e lábios de criança, ela falava mais sobre virgindade do que a maioria das mulheres; e o havia perdido apenas na noite anterior, ou o valorizava além do coração, de acordo com o homem com quem ela conversou. Mas ela sempre conversava com homens? Não, ela tinha sua confidente: Mãe Stuart. Stuart, como diria a senhora, é o nome de uma casa real; mas o que isso significava e qual era o seu negócio, ninguém sabia; apenas que a Sra. Stuart recebia vales postais todas as segundas-feiras de manhã, tinha um papagaio, acreditava na transmigração das almas e sabia ler o futuro nas folhas de chá. Papel de parede sujo de pensão ela estava por trás da castidade de Florinda.

Agora Florinda chorava e passava o dia vagando pelas ruas; ficou em Chelsea observando o rio passar; percorrido pelas ruas comerciais; abriu a bolsa e

passou pó nas bochechas em ônibus; leia cartas de amor, apoiando-as no pote de leite do A.B.C. comprar; vidro detectado no açucareiro; acusou a garçonete de querer envenená-la; declarou que os jovens olhavam para ela; e ao anoitecer se viu passeando lentamente pela rua de Jacob, quando lhe ocorreu que gostava mais daquele homem, Jacob, do que dos judeus sujos, e sentou-se à mesa dele (ele estava copiando seu ensaio sobre a Ética da Indecência), tirou as luvas e contou-lhe como Madre Stuart havia batido na cabeça dela com o abafador de chá.

Jacob acreditou na palavra dela de que ela era casta. Ela tagarelou, sentada perto da lareira, sobre pintores famosos. O túmulo de seu pai foi mencionado. Ela parecia selvagem, frágil e bela, e assim eram as mulheres dos gregos, pensou Jacob; e esta era a vida; e ele próprio um homem e Florinda casta.

Ela saiu com um dos poemas de Shelley debaixo do braço. A Sra. Stuart, disse ela, falava muitas vezes dele.

Maravilhosos são os inocentes. Acreditar que a própria menina transcende todas as mentiras (pois Jacob não era tão tolo a ponto de acreditar implicitamente), admirar-se com inveja da vida desancorada - a sua própria parecendo mimada e até enclausurada em comparação - ter em mãos como especificidades soberanas para todos os distúrbios da alma Adonais e as peças de Shakespeare; descobrir uma camaradagem toda animada do lado dela, protetora do lado dele, mas igual para ambos, pois as mulheres, pensou Jacob, são iguais aos homens - uma inocência como essa é bastante maravilhosa, e talvez não seja tão tola, afinal.

Pois quando Florinda chegou em casa naquela noite, primeiro lavou a cabeça; depois comi cremes de chocolate; então abriu Shelley. É verdade que

ela estava terrivelmente entediada. Do que se tratava? Ela teve que apostar consigo mesma que viraria a página antes de comer outra. Na verdade ela dormiu. Mas então o seu dia tinha sido longo, a Mãe Stuart tinha preparado o abafador de chá; - há paisagens formidáveis nas ruas, e embora Florinda fosse ignorante como uma coruja, e nunca aprendesse a ler correctamente nem sequer as suas cartas de amor, ainda assim ela tinha os seus sentimentos, gostava mais de alguns homens do que de outros, e estava inteiramente à disposição da vida. Se ela era virgem ou não, parece uma questão sem qualquer importância. A menos, de fato, que seja a única coisa de alguma importância.

Jacob estava inquieto quando ela o deixou.

Durante toda a noite, homens e mulheres agitaram-se nas batidas conhecidas. Os que chegavam tarde podiam ver sombras contra as persianas, mesmo nos subúrbios mais respeitáveis. Em nenhum quadrado na neve ou no nevoeiro faltava o seu casal amoroso. Todas as peças giravam em torno do mesmo assunto. Por causa disso, balas passavam por cabeças em quartos de hotel quase todas as noites. Quando o corpo escapou da mutilação, raramente o coração foi para o túmulo ileso. Pouco mais se falava nos teatros e nos romances populares. No entanto, dizemos que é uma questão sem importância alguma.

Com Shakespeare e Adonais, Mozart e o bispo Berkeley — escolha quem você gosta — o fato é oculto e as noites para a maioria de nós passam de maneira respeitável, ou apenas com o tipo de tremor que uma cobra faz ao deslizar pela grama. Mas então a ocultação por si só distrai a mente da impressão e do som. Se Florinda tivesse pensado, ela poderia ter lido com olhos mais claros do que nós. Ela e sua turma resolveram a questão

transformando-a em lavar as mãos todas as noites antes de ir para a cama, sendo a única dificuldade se você prefere água quente ou fria, o que, sendo resolvido, a mente pode continuar com sua vida sem ser atacada.

Mas ocorreu a Jacob, no meio do jantar, se perguntar se ela tinha alguma ideia.

Sentaram-se numa mesinha do restaurante.

Florinda apoiou as pontas dos cotovelos na mesa e segurou o queixo nas mãos. Sua capa havia escorregado para trás dela. Ela emergiu dourada e branca com contas brilhantes, o rosto florescendo em seu corpo, inocente, pouco colorido, os olhos olhando francamente ao seu redor, ou lentamente fixando-se em Jacob e descansando ali. Ela falou:

"Sabe aquela grande caixa preta que o australiano deixou no meu quarto há muito tempo atrás? Ela mordiscou o pãozinho e olhou para ele.

"Jacob. Você é como uma daquelas estátuas... Acho que há coisas lindas no Museu Britânico, não é? Muitas coisas lindas..." ela falou sonhadoramente. A sala estava enchendo; o calor aumentando. Conversar num restaurante é conversa de sonâmbulos atordoados, tantas coisas para olhar — tanto barulho — outras pessoas conversando. Alguém pode ouvir? Ah, mas eles não devem nos ouvir.

"Isso é como Ellen Nagle - aquela garota..." e assim por diante.

"Estou muito feliz desde que te conheço, Jacob. Você é um homem tão bom."

A sala ficou cada vez mais cheia; fale mais alto; facas fazendo mais barulho.

"Bem, você vê o que a faz dizer coisas assim é..."

Ela parou. O mesmo aconteceu com todos.

"Amanhã... domingo... uma fera... diga-me você... vá então!" Colidir! E ela varreu.

Foi na mesa ao lado deles que a voz ficou cada vez mais alta. De repente, a mulher jogou os pratos no chão. O homem foi deixado lá. Todo mundo ficou olhando. Então... "Bem, coitado, não devemos ficar olhando. Que tentativa! Você ouviu o que ela disse? Por Deus, ele parece um idiota! Não chegou ao ponto, suponho. Toda a mostarda na toalha da mesa. Os garçons rindo."

Jacob observou Florinda. No rosto dela parecia-lhe algo terrivelmente estúpido - enquanto ela olhava fixamente.

Ela saiu correndo, a mulher negra com a pena dançante no chapéu.

No entanto, ela tinha que ir a algum lugar. A noite não é um oceano negro tumultuado no qual você afunda ou navega como uma estrela. Na verdade, era uma noite chuvosa de novembro. As lâmpadas do Soho formavam grandes manchas gordurosas de luz na calçada. As ruas secundárias eram escuras o suficiente para abrigar homens ou mulheres encostados nas portas. Uma se separou quando Jacob e Florinda se aproximaram.

"Ela deixou cair a luva", disse Florinda.

Jacob, avançando, deu-lhe.

Ela lhe agradeceu efusivamente; refez seus passos; deixou cair a luva novamente. Mas por que? Para quem?

Enquanto isso, onde a outra mulher foi parar? E o homem?

As lâmpadas da rua não vão longe o suficiente para nos dizer. As vozes, raivosas, lascivas, desesperadas, apaixonadas, eram pouco mais do que vozes de feras enjauladas à noite. Só que não estão enjaulados, nem feras. Pare um homem; pergunte-lhe o caminho; ele vai te contar; mas temos medo de perguntar-lhe o caminho. O que alguém teme? - o olho humano. Imediatamente a calçada se estreita, o abismo se aprofunda. Lá! Eles se fundiram nisso - tanto homem quanto mulher. Mais adiante, anunciando abertamente a sua meritória solidez, uma pensão exhibe, por trás de janelas sem cortinas, o seu testemunho da solidez de Londres. Lá estão eles sentados, totalmente iluminados, vestidos como damas e cavalheiros, em cadeiras de bambu. As viúvas dos empresários provam laboriosamente que são parentes dos juízes. As esposas dos comerciantes de carvão imediatamente respondem que seus pais tinham cocheiros. Uma criada traz café e a cesta de crochê tem que ser movida. E assim por diante, na escuridão, passando por uma moça aqui à venda, ou ali por uma velha com apenas fósforos para oferecer, passando pela multidão da estação do metrô, as mulheres de cabelos velados, passando por fim apenas por portas fechadas, com ombreiras esculpidas, e um policial solitário, Jacob, com Florinda no braço, chegou ao seu quarto e, acendendo a lamparina, não disse nada.

“Não gosto de você quando fica assim”, disse Florinda.

O problema é insolúvel. O corpo está atrelado a um cérebro. A beleza anda de mãos dadas com a estupidez. Lá ela ficou olhando para o fogo como havia olhado para o pote de mostarda quebrado. Apesar de defender a indecência, Jacob duvidava que gostasse dela em estado bruto. Ele tinha uma reversão violenta em relação à sociedade masculina, aos quartos de clausura e às obras dos clássicos; e estava pronto para se voltar com ira contra quem quer

que tivesse moldado a vida dessa maneira.

Então Florinda pousou a mão no joelho dele.

Afinal, não foi culpa dela. Mas o pensamento o entristeceu. Não são catástrofes, assassinatos, mortes, doenças que nos envelhecem e nos matam; é a maneira como as pessoas olham e riem e sobem correndo os degraus dos ônibus.

Qualquer desculpa, porém, serve a uma mulher estúpida. Ele disse a ela que sua cabeça doía.

Mas quando ela olhou para ele, estupefata, meio adivinhando, meio compreendendo, talvez se desculpando, de qualquer maneira dizendo como ele havia dito: “Não é culpa minha”, de corpo reto e bonito, o rosto como uma concha dentro da tampa, então ele percebeu que os claustros e os clássicos não servem para nada. O problema é insolúvel.

07. Capítulo Sete

Ópera, poemas, mulheres, desejo e o brilho instável da vida cultural.

Por volta dessa época, uma firma de comerciantes que mantinha relações com o Oriente colocou no mercado pequenas flores de papel que se abriam ao tocar na água. Como era costume usar também tigelas no final do jantar, a nova descoberta foi considerada de excelente serviço. Nestes lagos abrigados as pequenas flores coloridas nadavam e deslizavam; superou ondas suaves e escorregadias e às vezes naufragou e caiu como seixos no chão de vidro. Suas fortunas eram observadas por olhos atentos e amáveis. É certamente uma grande descoberta que leva à união dos corações e à fundação dos lares. As flores de papel não fizeram menos.

Não se deve pensar, porém, que eles expulsaram as flores da natureza. Rosas, lírios, cravos em particular, olhavam por cima das bordas dos vasos e examinavam as vidas brilhantes e as rápidas condenações de suas relações artificiais. O Sr. Stuart Ormond fez exatamente esta observação; e encantador foi pensado; e Kitty Craster casou-se com ele seis meses depois. Mas as flores verdadeiras nunca podem ser dispensadas. Se pudessem, a vida humana seria um assunto completamente diferente. Pois as flores murcham; os crisântemos são os piores; perfeito durante a noite; amarelo e cansado na manhã seguinte - não digno de ser visto. No geral, embora o preço seja pecaminoso, os cravos pagam melhor; - é uma questão, porém, se é sensato tê-los conectados. Algumas lojas aconselham. Certamente é a única maneira de mantê-los no baile; mas se é necessário em jantares, a menos que os quartos sejam muito quentes, permanece em disputa. A velha Sra. Temple costumava recomendar uma folha de hera - apenas uma - colocada na tigela. Ela disse que mantinha a água pura por dias e dias. Mas há alguma razão

para pensar que a velha Sra. Temple estava enganada.

Os cartõezinhos, porém, com nomes gravados, são um problema mais sério que as flores. Mais pernas de cavalos foram gastas, mais vidas de cocheiros foram consumidas, mais horas de boa tarde desperdiçadas em vão do que serviram para vencermos a batalha de Waterloo e pagarmos por isso ainda por cima. Os pequenos demônios são a fonte de tantas indulgências, calamidades e ansiedades quanto a própria batalha. Às vezes a Sra. Bonham acaba de sair; em outras, ela está em casa. Mas, mesmo que as cartas sejam substituídas, o que parece improvável, há poderes indisciplinados que transformam a vida em tempestades, desordenam as manhãs laboriosas e destroem a estabilidade da tarde - isto é, costureiras e confeitarias. Seis metros de seda cobrirão um corpo; mas se for preciso imaginar seiscentas formas para ele e o dobro de cores? — no meio disso está a questão urgente do pudim com tufos de creme verde e ameias de pasta de amêndoa. Não chegou.

As horas do flamingo flutuavam suavemente no céu. Mas regularmente eles mergulhavam as asas na escuridão total; Notting Hill, por exemplo, ou os arredores de Clerkenwell. Não admira que o italiano tenha permanecido uma arte oculta e o piano sempre tocasse a mesma sonata. Para comprar um par de meias elásticas para a senhora Page, viúva, de sessenta e três anos, que recebia cinco xelins de auxílio ao ar livre e ajuda de seu único filho, que trabalhava na tinturaria dos senhores. Clara Durrant comprou as meias, tocou a sonata, encheu os vasos, pegou o pudim, deixou as cartas e, quando foi descoberta a grande invenção das flores de papel para nadar em tigelas, foi uma das que mais se maravilhou com suas breves vidas.

Tampouco faltavam poetas para celebrar o tema. Edwin Mallett, por exemplo, escreveu seus versos terminando:

E leia a desgraça deles nos olhos de Chloe,

o que fez Clara corar na primeira leitura e rir na segunda, dizendo que era típico dele chamá-la de Chloe quando o nome dela era Clara. Jovem ridículo! Mas quando, entre dez e onze horas de uma manhã chuvosa, Edwin Mallett colocou a vida a seus pés, ela saiu correndo do quarto e se escondeu em seu quarto, e Timothy lá embaixo não conseguiu continuar seu trabalho durante toda aquela manhã por causa de seus soluços.

"O que é o resultado de se divertir", disse a Sra. Durrant severamente, examinando o programa de dança, todos marcados com as mesmas iniciais, ou melhor, eram diferentes desta vez - R. B. em vez de EM; Agora era Richard Bonamy, o jovem com nariz de Wellington.

"Mas eu nunca poderia me casar com um homem com um nariz assim", disse Clara.

"Bobagem", disse a Sra. Durrant.

"Mas sou muito severa", ela pensou consigo mesma. Pois Clara, perdendo toda a vivacidade, rasgou o programa de dança e jogou-o no para-choque.

Tais foram as consequências gravíssimas da invenção das flores de papel para nadar em tigelas.

"Por favor", disse Julia Eliot, posicionando-se perto da cortina quase em frente à porta, "não me apresente. Gosto de ficar olhando. O engraçado", continuou ela, dirigindo-se ao Sr.

"A última vez que nos encontramos", disse o Sr. Salvin, "foi nos Farquhars. Pobre senhora! Ela tem muito que aturar."

"Ela não parece encantadora?" exclamou Miss Eliot, quando Clara Durrant passou por eles.

"E qual deles...?" — perguntou o Sr. Salvin, baixando a voz e falando em tom interrogativo.

"Há tantos..." respondeu a Srta. Eliot. Três jovens estavam à porta à procura da anfitriã.

"Você não se lembra de Elizabeth como eu", disse o Sr. Salvin, "dançando Highland Reels em Banchorie. Clara não tem o espírito materno. Clara é um pouco pálida."

"Que pessoas diferentes se vêem aqui!" disse a senhorita Eliot.

"Felizmente não somos governados pelos jornais vespertinos", disse Salvin.

"Eu nunca os li", disse Miss Eliot. "Não sei nada sobre política", acrescentou ela.

"O piano está afinado", disse Clara, passando por eles, "mas talvez tenhamos que pedir a alguém que o mova para nós".

"Eles vão dançar?" perguntou o Sr.

"Ninguém deve incomodá-la", disse a Sra. Durrant peremptoriamente ao passar.

"Julia Eliot. É Julia Eliot!" - disse a velha Lady Hibbert, estendendo as duas mãos. "E Sr. Salvin. O que vai acontecer conosco, Sr. Salvin? Com toda a

minha experiência na política inglesa... Meu querido, ontem à noite estava pensando em seu pai, um dos meus amigos mais antigos, Sr. Salvin. Nunca me diga que meninas de dez anos são incapazes de amar! Eu tinha todos os Shakespeares de cor antes de ser adolescente, Sr. Salvin!"

"Não diga isso", disse o Sr. Salvin.

"Mas eu tenho", disse Lady Hibbert.

"Oh, Sr. Salvin, sinto muito..."

"Eu me retirarei se você gentilmente me ajudar", disse o Sr. Salvin.

"Você deve sentar-se ao lado da minha mãe", disse Clara. "Todo mundo parece vir aqui... Sr. Calthorp, deixe-me apresentá-lo à Srta. Edwards."

"Você vai viajar no Natal?" disse o Sr.

"Se meu irmão conseguir licença", disse a Srta. Edwards.

"Em que regimento ele está?" disse o Sr.

"Os Vigésimos Hussardos", disse Miss Edwards.

"Talvez ele conheça meu irmão?" disse o Sr.

"Receio não ter percebido o seu nome", disse Miss Edwards.

"Calthorp", disse o Sr. Calthorp.

"Mas que prova havia de que a cerimônia de casamento foi realmente realizada?" disse o Sr.

"Não há razão para duvidar de que Charles James Fox..." começou o Sr. Burley; mas aqui a Sra. Stretton lhe disse que conhecia bem sua irmã; tinha

ficado com ela há menos de seis semanas; e achei a casa encantadora, mas sombria no inverno.

"Agindo como as meninas hoje em dia — —", disse a Sra. Forster.

O Sr. Bowley olhou em volta e, ao avistar Rose Shaw, aproximou-se dela, estendeu as mãos e exclamou: "Bem!"

"Nada!" ela respondeu. "Absolutamente nada, embora eu os tenha deixado sozinhos a tarde inteira de propósito."

"Meu Deus, meu Deus", disse o Sr. Bowley. "Vou convidar Jimmy para tomar café da manhã."

"Mas quem poderia resistir a ela?" gritou Rose Shaw. "Querida Clara, sei que não devemos tentar impedi-la..."

"Você e o Sr. Bowley estão conversando uma fofoca horrível, eu sei", disse Clara.

"A vida é perversa - a vida é detestável!" gritou Rose Shaw.

"Não há muito a ser dito sobre esse tipo de coisa, não é?" disse Timothy Durrant a Jacob.

"As mulheres gostam."

"Como o quê?" — disse Charlotte Wilding, aproximando-se deles.

"De onde você veio?" disse Timóteo. "Jantar em algum lugar, suponho."

"Não vejo por que não", disse Charlotte.

"As pessoas devem descer", disse Clara, passando. "Leve Charlotte, Timothy. Como vai, Sr. Flanders."

"Como vai, Sr. Flanders", disse Julia Eliot, estendendo a mão. "O que está acontecendo com você?"

"Quem é Silvia? O que é ela? Que todos os nossos namorados a elogiam?"

cantou Elsbeth Siddons.

Todos ficavam onde estavam ou sentavam-se se alguma cadeira estivesse vazia.

"Ah," suspirou Clara, que estava ao lado de Jacob, no meio do caminho.

"Então para Sílvia cantemos, Que Sílvia é excelente; Ela se destaca em cada coisa mortal Sobre a monótona morada terrena. Para ela tragamos guirlandas,"

cantou Elsbeth Siddons.

"Ah!" Clara exclamou em voz alta e bateu palmas com as mãos enluvadas; e Jacob bateu palmas; e então ela avançou e orientou as pessoas a entrarem pela porta.

"Você está morando em Londres?" perguntou a senhorita Julia Eliot.

"Sim", disse Jacó.

"Nos quartos?"

"Sim."

"Lá está o Sr. Clutterbuck. Você sempre vê o Sr. Clutterbuck aqui. Ele não está muito feliz em casa, infelizmente. Dizem que a Sra. Clutterbuck..." ela baixou a voz. "É por isso que ele fica com os Durrant. Você estava lá quando eles representaram a peça do Sr. Wortley? Ah, não, claro que não - no último momento, você ouviu - você teve que ir se juntar à sua mãe, eu me lembro, em Harrogate - No último momento, como eu estava dizendo, quando tudo estava pronto, as roupas terminadas e tudo mais - Agora Elsbeth vai cantar de novo. Clara está tocando seu acompanhamento ou virando-se para o Sr. Carter, eu acho. Não, o Sr. Carter está tocando sozinho - este é Bach", ela sussurrou, enquanto o Sr. Carter tocava os primeiros compassos.

"Você gosta de música?" disse a Sra. Durrant.

"Sim. Gosto de ouvir isso", disse Jacob. "Não sei nada sobre isso."

"Muito poucas pessoas fazem isso", disse a Sra. Durrant. "Ouso dizer que você nunca foi ensinado. Por que isso, Sir Jasper? - Sir Jasper Bigham - Sr. Flanders. Por que ninguém aprende nada que deveria saber, Sir Jasper?" Ela os deixou encostados na parede.

Nenhum dos cavalheiros disse nada durante três minutos, embora Jacob tenha se deslocado talvez uns quinze centímetros para a esquerda, e depois outros tantos para a direita. Então Jacob grunhiu e de repente atravessou a sala.

"Você vem comer alguma coisa?" ele disse a Clara Durrant.

"Sim, um gelo. Rápido. Agora", disse ela.

Eles desceram.

Mas no meio do caminho eles encontraram o Sr. Gresham, Herbert Turner, Sylvia Rashleigh e um amigo, que eles ousaram trazer, da América, "sabendo que a Sra. Durrant - desejando mostrar ao Sr. Pilcher. - Sr. Pilcher de Nova York - esta é a Srta. Durrant."

"De quem tanto ouvi falar", disse o Sr. Pilcher, curvando-se profundamente.

Então Clara o deixou.

08. Capítulo Oito

Viagens, leituras, Grécia imaginada e a formação estética de Jacob.

Por volta das nove e meia, Jacob saiu de casa, com a porta batendo, outras portas batendo, comprando seu jornal, subindo no ônibus ou, se o tempo permitisse, caminhando pela sua rua como as outras pessoas fazem. Cabeça baixa, escrivadinha, telefone, livros encadernados em couro verde, luz elétrica... "Carvões frescos, senhor?"... "Seu chá, senhor."... Fale sobre futebol, os Hotspurs, os Harlequins; seis e meia Star trazido pelo office-boy; as gralhas do Gray's Inn passando por cima; galhos na neblina são finos e quebradiços; e em meio ao barulho do trânsito de vez em quando uma voz grita: "Veredicto - veredicto - vencedor - vencedor", enquanto as cartas se acumulam em uma cesta, Jacob as assina, e todas as noites o encontra, enquanto tira o casaco, com algum músculo do cérebro novamente esticado.

Depois, às vezes, um jogo de xadrez; ou fotos na Bond Street, ou um longo caminho para casa para tomar ar com Bonamy no braço, marchando meditativamente, a cabeça jogada para trás, o mundo um espetáculo, a lua nascente acima das torres vindo para ser elogiada, as gaivotas voando alto, Nelson em sua coluna examinando o horizonte, e o mundo nosso navio.

Enquanto isso, a pobre Betty Flanders, tendo pegado o segundo correio, estava na mesa do corredor - a pobre Betty Flanders escrevendo o nome de seu filho, Jacob Alan Flanders, Esq., como fazem as mães, e a tinta pálida, profusa, sugerindo como as mães em Scarborough rabiscam sobre o fogo com os pés no para-choque, quando o chá é retirado, e nunca, nunca podem dizer, o que quer que seja - provavelmente isso - Não vá com o mal mulheres, sejam um bom menino; use suas camisas grossas; e volte, volte, volte para mim.

Mas ela não disse nada disso. "Você se lembra da velha senhorita Wargrave, que costumava ser tão gentil quando você tinha tosse convulsa?" ela escreveu; "ela finalmente morreu, coitadinha. Eles gostariam que você escrevesse. Ellen veio e passamos um bom dia fazendo compras. O velho Rato fica muito rígido e temos que levá-lo até a menor colina. Rebecca, finalmente, depois de não sei quanto tempo, foi para a casa do Sr. Flanders gostava da Sra. Flanders sabia exatamente como a Sra. Jarvis se sentia; e quão interessantes eram suas cartas sobre a Sra. Jarvis, seria possível lê-los ano após ano - os trabalhos inéditos de mulheres, escritos ao lado da lareira em pálida profusão, secos pela chama, pois o mata-borrão está gasto e com a ponta rachada e coagulada. Depois, Capitão Barfoot. A ele ela chamava de "o capitão", de quem falava com franqueza, mas nunca sem reservas. O capitão estava perguntando por ela sobre o acre de Garfit; galinhas aconselhadas; poderia prometer lucro; ou tinha ciática; ou a Sra. Barfoot estava em casa há semanas; ou o capitão diz que as coisas parecem ruins, isto é, política, pois, como Jacob sabia, o capitão às vezes falava, ao cair da noite, sobre a Irlanda ou a Índia; e então a Sra. A conversa sobre a granja de galinhas voltava e voltava, a mulher, mesmo com cinquenta anos, de coração impulsivo, desenhando nos nebulosos futuros rebanhos de Leghorns, Cochins, Orpingtons; como Jacob no borrão de seu contorno; mas poderoso como ele era; fresco e vigoroso, correndo pela casa, repreendendo Rebecca.

A carta estava sobre a mesa do corredor; Florinda, chegando naquela noite, levou-a consigo, colocou-a em cima da mesa enquanto beijava Jacob, e Jacob vendo a mão, deixou-a ali debaixo do candeeiro, entre a lata de biscoitos e a caixa de tabaco. Eles fecharam a porta do quarto atrás deles.

A sala de estar não sabia nem se importava. A porta estava fechada; e supor que a madeira, quando range, transmite qualquer coisa, exceto que os ratos

estão ocupados e a madeira seca, é infantil. Estas casas antigas são apenas tijolos e madeira, encharcadas de suor humano, granuladas com sujeira humana. Mas se o envelope azul-claro que estava ao lado da caixa de biscoitos transmitia os sentimentos de uma mãe, o coração ficou dilacerado pelo pequeno rangido, pela agitação repentina. Atrás da porta estava a coisa obscena, a presença alarmante, e o terror tomava conta dela como na morte ou no nascimento de um filho. Talvez fosse melhor entrar e encarar o fato de que ficar sentada na antecâmara ouvindo o pequeno rangido, a agitação repentina, pois seu coração estava inchado e a dor o percorria. Meu filho, meu filho — tal seria o seu grito, proferido para esconder a visão dele estendido com Florinda, indesculpável, irracional, numa mulher com três filhos que morava em Scarborough. E a culpa era de Florinda. Na verdade, quando a porta se abriu e o casal saiu, a Sra. Flanders teria se lançado sobre ela — só que foi Jacob quem veio primeiro, em seu roupão, amável, autoritário, lindamente saudável, como um bebê depois de uma caminhada, com olhos claros como água corrente. Florinda a seguiu, espreguiçando-se preguiçosamente; bocejando um pouco; arrumando o cabelo diante do espelho - enquanto Jacob lia a carta da mãe.

Consideremos as cartas — como elas chegam no café da manhã e à noite, com seus selos amarelos e seus selos verdes, imortalizados pelo carimbo postal — pois ver o próprio envelope na mesa de outra pessoa é perceber quão rapidamente as ações se separam e se tornam estranhas. Então, finalmente, o poder da mente para abandonar o corpo se manifesta, e talvez tenhamos medo, odiemos ou desejemos aniquilar esse fantasma de nós mesmos, que está sobre a mesa. Ainda assim, há cartas que apenas dizem que o jantar é às sete; outros encomendando carvão; marcando compromissos. A mão neles é quase imperceptível, muito menos a voz ou a

carranca. Ah, mas quando o correio bate e a carta chega sempre o milagre parece repetido - tentativa de fala. Veneráveis são as cartas, infinitamente corajosas, desamparadas e perdidas.

A vida se dividiria sem eles. "Venham tomar chá, venham jantar, qual é a verdade da história? Já ouviram a notícia? A vida na capital é alegre; os dançarinos russos.... " Estes comeram nossos espartilhos e adereços. Eles unem nossos dias e fazem da vida um globo perfeito. E no entanto, no entanto... quando vamos jantar, ao apertarmos as pontas dos dedos esperamos encontrar-nos em algum lugar em breve, uma dúvida se insinua; é assim que passamos os nossos dias? o raro, o limitado, que tão cedo nos foi oferecido - beber chá? jantar fora? E as notas se acumulam. E os telefones tocam. E onde quer que vamos, fios e tubos nos cercam para levar as vozes que tentam penetrar antes que a última carta seja distribuída e os dias acabem. "Tente penetrar", pois quando levantamos a taça, apertamos a mão, expressamos a esperança, algo sussurra: Isso é tudo? Nunca poderei saber, compartilhar, ter certeza? Estou condenado todos os meus dias a escrever cartas, a enviar vozes, que caem sobre a mesa de chá, desaparecem no corredor, marcando encontros, enquanto a vida diminui, para vir jantar? No entanto, as cartas são veneráveis; e o valente telefone, pois a viagem é solitária, e se, unidos por bilhetes e telefones, formos acompanhados, talvez — quem sabe? — possamos conversar pelo caminho.

Bem, as pessoas tentaram. Byron escreveu cartas. Cowper também. Durante séculos, a escrivanhinha continha folhas próprias para a comunicação de amigos. Mestres da linguagem, poetas de longa data, passaram do lençol que resiste ao lençol que perece, afastando a bandeja do chá, aproximando-se do fogo (pois as letras são escritas quando a escuridão pressiona uma caverna vermelha brilhante), e se dedicaram à tarefa de alcançar, tocar, penetrar o

coração individual. Se fosse possível! Mas as palavras têm sido usadas com demasiada frequência; tocado e virado, e deixado exposto à poeira da rua. As palavras que procuramos estão penduradas perto da árvore. Chegamos ao amanhecer e os encontramos doces sob a folha.

A Sra. Flanders escreveu cartas; A Sra. Jarvis os escreveu; A Sra. Durrant também; Madre Stuart realmente perfumou suas páginas, acrescentando assim um sabor que a língua inglesa não consegue fornecer; Jacob escrevia durante o dia longas cartas sobre arte, moralidade e política para jovens na faculdade. As cartas de Clara Durrant eram de uma criança. Florinda - o impedimento entre Florinda e seu redil era algo intransponível. Imagine uma borboleta, um mosquito ou outro inseto alado preso a um galho que, entupido de lama, rola pela página. Sua ortografia era abominável. Seus sentimentos são infantis. E por alguma razão, quando escreveu, declarou sua crença em Deus. Depois houve cruces - manchas de lágrimas; e a própria mão divagante e redimida apenas pelo fato — que sempre redimiu Florinda — pelo fato de ela se importar. Sim, fosse pelos cremes de chocolate, pelos banhos quentes, pelo formato do rosto no espelho, Florinda não conseguia mais fingir um sentimento do que engolir uísque. Incontinente foi sua rejeição. Grandes homens são verdadeiros, e essas pequenas prostitutas, olhando para o fogo, tirando uma esponja de pólvora, decorando os lábios em um centímetro de espelho, têm (assim pensava Jacob) uma fidelidade inviolável.

Então ele a viu subindo a Greek Street, de braço dado com outro homem.

A luz da lâmpada de arco o encharcou da cabeça aos pés. Ele ficou imóvel por um minuto embaixo dela. Sombras xadrezam a rua. Outras figuras, solteiras e juntas, surgiram, vacilaram e destruíram Florinda e o homem.

A luz encharcou Jacob da cabeça aos pés. Dava para ver o padrão em suas calças; os velhos espinhos em sua vara; os cadarços dos sapatos; mãos nuas; e rosto.

Era como se uma pedra fosse transformada em pó; como se faíscas brancas voassem de uma pedra de amolar lívida, que era sua espinha; como se a ferrovia em ziguezague, tendo mergulhado nas profundezas, caísse, caísse, caísse. Isso estava na cara dele.

Se sabemos o que estava em sua mente é outra questão. Considerando dez anos de antiguidade e uma diferença de sexo, o medo dele vem em primeiro lugar; isso é engolido por um desejo de ajudar – sentido avassalador, razão e hora da noite; a raiva viria logo em seguida — com Florinda, com o destino; e então surgiria um otimismo irresponsável. "Certamente há luz suficiente na rua neste momento para afogar todas as nossas preocupações em ouro!" Ah, de que adianta dizer isso? Mesmo enquanto você fala e olha por cima do ombro em direção à Avenida Shaftesbury, o destino está afetando-o. Ele se virou para ir embora. Quanto a segui-lo de volta aos seus aposentos, não, isso não faremos.

No entanto, é claro que isso é precisamente o que se faz. Ele entrou e fechou a porta, embora fossem apenas dez horas em um dos relógios da cidade. Ninguém pode ir para a cama às dez. Ninguém estava pensando em ir para a cama. Era janeiro e era sombrio, mas a Sra. Wagg estava à sua porta, como se esperasse que algo acontecesse. Um realejo tocava como um rouxinol obscuro sob folhas molhadas. As crianças atravessaram a estrada correndo. Aqui e ali podiam-se ver painéis marrons no interior da porta do corredor... A marcha que a mente mantém sob as janelas dos outros é bastante estranha. Agora distraído pelos painéis marrons; agora por uma samambaia num vaso;

aqui improvisando algumas frases para dançar com o realejo; novamente arrancando uma alegria desapegada de um homem bêbado; então, completamente absortos em palavras, os pobres gritam uns para os outros do outro lado da rua (tão abertamente, tão vigorosamente) - mas tendo o tempo todo como centro, como ímã, um jovem sozinho em seu quarto.

“A vida é perversa - a vida é detestável”, exclamou Rose Shaw.

O que há de estranho na vida é que, embora a sua natureza deva ter sido evidente para todos durante centenas de anos, ninguém deixou nenhum relato adequado dela. As ruas de Londres têm o seu mapa; mas nossas paixões são desconhecidas. O que você vai encontrar se virar esta esquina?

“Holborn bem na sua frente”, diz o policial. Ah, mas aonde você vai se, em vez de passar pelo velho de barba branca, medalha de prata e violino barato, você o deixa continuar com sua história, que termina com um convite para ir a algum lugar, ao quarto dele, presumivelmente perto de Queen's Square, e lá ele lhe mostra uma coleção de ovos de pássaros e uma carta da secretária do Príncipe de Gales, e isso (pulando as etapas intermediárias) leva você, em um dia de inverno, à costa de Essex, de onde o pequeno barco parte para o navio, e o navio navega e você vê no horizonte os Açores; e os flamingos sobem; e aí você está sentado à beira do pântano, bebendo ponche de rum, um pária da civilização, pois cometeu um crime, está infectado com febre amarela, muito provavelmente, e - preencha o esboço como quiser.

Tão frequentes como as esquinas de Holborn são estes abismos na continuidade dos nossos caminhos. Mesmo assim, seguimos em frente.

Rose Shaw, conversando de maneira bastante emocionada com o Sr. Bowley na festa da Sra. Durrant algumas noites atrás, disse que a vida era perversa

porque um homem chamado Jimmy se recusou a se casar com uma mulher chamada (se não me falha a memória) Helen Aitken.

Ambos eram lindos. Ambos eram inanimados. A mesa de chá oval invariavelmente os separava, e o prato de biscoitos era tudo o que ele lhe dava. Ele se curvou; ela inclinou a cabeça. Eles dançaram. Ele dançou divinamente. Sentaram-se na alcova; nunca uma palavra foi dita. Seu travesseiro estava molhado de lágrimas. O gentil Sr. Bowley e a querida Rose Shaw ficaram maravilhados e deplorados. Bowley tinha quartos no Albany. Rose renascia todas as noites exatamente quando o relógio marcava oito horas. Todos os quatro foram triunfos da civilização, e se insistirmos que o domínio da língua inglesa faz parte da nossa herança, só podemos responder que a beleza é quase sempre burra. A beleza masculina associada à beleza feminina gera no espectador uma sensação de medo. Muitas vezes eu os vi - Helen e Jimmy - e os comparei a navios à deriva, e temi por minha pequena embarcação. Ou ainda, você já viu belos cães collie adormecidos a vinte metros de distância? Quando ela lhe passou a xícara, senti um tremor em seus flancos. Bowley viu o que estava acontecendo e convidou Jimmy para tomar café da manhã. Helen deve ter confiado em Rose. De minha parte, acho extremamente difícil interpretar canções sem palavras. E agora Jimmy alimenta corvos na Flandres e Helen visita hospitais. Oh, a vida é condenável, a vida é perversa, como disse Rose Shaw.

As lâmpadas de Londres sustentam a escuridão como pontas de baionetas acesas. A cobertura amarela afunda e incha sobre a grande cama de dossel. Os passageiros dos vagões do correio que chegavam a Londres no século XVIII olhavam através dos galhos sem folhas e viam a árvore brilhando abaixo deles. A luz brilha atrás das persianas amarelas e cor-de-rosa, acima das claraboias e nas janelas do porão. O mercado de rua no Soho está repleto

de luz. Carne crua, canecas de porcelana e meias de seda brilham nele. Vozes cruas envolvem os jatos de gás em chamas. Com os braços na cintura, eles ficam na calçada gritando - Srs. Chaleira e Wilkinson; suas esposas estão sentadas na loja, peles enroladas no pescoço, braços cruzados e olhos desdenhosos. Rostos como se vê. O homenzinho que dedilha a carne deve ter se agachado diante do fogo em inúmeras hospedarias, e ouvido, visto e conhecido tanto que parece proferir-se até mesmo com volubilidade de olhos escuros, lábios soltos, enquanto ele dedilha a carne silenciosamente, seu rosto triste como o de um poeta, e nunca uma canção cantada. Mulheres com xales carregam bebês com pálpebras roxas; meninos ficam nas esquinas; as meninas olham para o outro lado da rua - ilustrações rudes, imagens de um livro cujas páginas viramos e reviramos como se devêssemos finalmente encontrar o que procuramos. Cada rosto, cada loja, cada janela de quarto, cada bar e cada praça escura é uma imagem febrilmente virada - em busca de quê? O mesmo acontece com os livros. O que buscamos em milhões de páginas? Ainda esperançosamente virando as páginas - ah, aqui é o quarto de Jacob.

Ele sentou-se à mesa lendo o Globe. O lençol rosado estava estendido diante dele. Ele apoiou o rosto na mão, de modo que a pele da bochecha ficou enrugada em dobras profundas. Ele parecia terrivelmente severo, determinado e desafiador. (O que as pessoas passam em meia hora! Mas nada poderia salvá-lo. Esses acontecimentos são características de nossa paisagem. Um estrangeiro que chegasse a Londres dificilmente deixaria de ver a Basílica de São Paulo.) Ele julgava a vida. Esses jornais rosados e esverdeados são finas folhas de gelatina prensadas todas as noites sobre o cérebro e o coração do mundo. Eles tiram a impressão do todo. Jacob olhou para ele. Uma greve, um assassinato, futebol, corpos encontrados;

vociferação de todas as partes da Inglaterra simultaneamente. Como é lamentável que o jornal Globe não ofereça nada melhor a Jacob Flanders! Quando uma criança começa a ler história, ficamos maravilhados, com tristeza, ao ouvi-la soletrar com sua nova voz as palavras antigas.

O discurso do primeiro-ministro foi relatado em cerca de cinco colunas. Tateando no bolso, Jacob tirou um cachimbo e começou a enchê-lo. Cinco minutos, dez minutos, quinze minutos se passaram. Jacob levou o papel para perto do fogo. O Primeiro-Ministro propôs uma medida para dar autonomia à Irlanda. Jacob apagou o cachimbo. Ele certamente estava pensando no governo autônomo na Irlanda - um assunto muito difícil. Uma noite muito fria.

A neve, que caiu a noite toda, caía às três da tarde sobre os campos e a colina. Tufos de grama seca apareciam no topo da colina; os arbustos de tojo eram pretos e, de vez em quando, um arrepio negro atravessava a neve enquanto o vento levava rajadas de partículas congeladas à sua frente. O som era o de uma vassoura varrendo — varrendo.

O riacho avançava pela estrada sem ser visto por ninguém. Paus e folhas presos na grama congelada. O céu estava de um cinza sombrio e as árvores de ferro preto. Intransigente era a severidade do país. Às quatro horas a neve caía novamente. O dia havia acabado.

Uma janela tingida de amarelo com cerca de sessenta centímetros de largura combatia sozinha os campos brancos e as árvores negras... Às seis horas, uma figura de homem carregando uma lanterna atravessou o campo...

Espaços de completa imobilidade separavam cada um desses movimentos. A terra parecia morta... Então o velho pastor voltou rigidamente pelo campo.

Rígida e dolorosamente, a terra congelada foi pisada e cedeu à pressão como uma esteira. As vozes desgastadas dos relógios repetiam o fato da hora durante toda a noite.

Jacó também os ouviu e apagou o fogo. Ele se levantou. Ele se espreguiçou. Ele foi para a cama.

09. Capítulo Nove

Londres, encontros e observações que fragmentam a imagem pública de Jacob.

A condessa de Rocksbeer estava sentada à cabeceira da mesa, sozinha com Jacob. Alimentada com champanhe e especiarias durante pelo menos dois séculos (quatro, se contarmos a linhagem feminina), a Condessa Lucy parecia bem alimentada. Ela tinha um faro perspicaz para cheiros, prolongado, como se os procurasse; seu lábio inferior projetava-se como uma estreita saliência vermelha; seus olhos eram pequenos, com tufo arenoso no lugar das sobrancelhas, e sua papada era pesada. Atrás dela (a janela dava para Grosvenor Square) estava Moll Pratt na calçada, oferecendo violetas para venda; e a senhora Hilda Thomas, levantando as saias, preparando-se para atravessar a rua. Um era de Walworth; o outro de Putney. Ambos usavam meias pretas, mas a Sra. Thomas estava enrolada em peles. A comparação foi muito a favor de Lady Rocksbeer. Moll tinha mais humor, mas era violento; estúpido também. Hilda Thomas tinha a boca mole, toda a sua armação prateada inclinada; copinhos para ovos na sala; e as janelas cobertas. Lady Rocksbeer, quaisquer que fossem as deficiências do seu perfil, tinha sido uma grande amazona para cães de caça. Ela usou a faca com autoridade, rasgou os ossos de galinha, pedindo perdão a Jacob, com as próprias mãos.

"Quem está passando?" ela perguntou a Boxall, o mordomo.

"A carruagem de Lady Fittlemere, minha senhora", o que a lembrou de enviar um cartão perguntando pela saúde de Sua Senhoria. Uma velha rude, pensou Jacob. O vinho foi excelente. Ela se autodenominava "uma velha" — "tão gentil em almoçar com uma velha" —, o que o lisonjeava. Ela falou de Joseph Chamberlain, que ela conhecia. Ela disse que Jacob deveria vir e conhecer uma de nossas celebridades. E Lady Alice entrou com três

cachorros na coleira, e Jackie, que correu para beijar sua avó, enquanto Boxall trouxe um telegrama, e Jacob ganhou um bom charuto.

Poucos momentos antes de um cavalo saltar, ele diminui a velocidade, desliza, recompõe-se, sobe como uma onda monstruosa e cai do outro lado. As sebes e o céu descem em semicírculo. Então, como se seu próprio corpo colidisse com o corpo do cavalo e fossem suas próprias patas dianteiras crescidas com as dele que saltassem, correndo pelo ar você vai, o chão resiliente, os corpos uma massa de músculos, mas você também tem comando, quietude ereta, olhos julgando com precisão. 'Então as curvas cessam, mudando para golpes de martelo, que balançam; e você se levanta com um sobressalto; recostando-se um pouco, brilhando, formigando, coberto de gelo sobre as artérias latejantes, ofegante: "Ah! ho! Hah!" o vapor subindo dos cavalos enquanto eles se acotovelam no cruzamento, onde está a placa de sinalização, e a mulher de avental fica parada e olha para a porta. O homem se levanta dos repolhos para olhar também.

Então Jacob galopou pelos campos de Essex, caiu na lama, perdeu a caçada e cavalgou sozinho comendo sanduíches, olhando por cima das sebes, notando as cores como se tivessem sido recentemente raspadas, amaldiçoando a sua sorte.

Ele tomou chá na pousada; e lá estavam todos eles, batendo, batendo os pés, dizendo: "Depois de você", cortantes, lacônicos, jocosos, vermelhos como barbelas de perus, usando a liberdade de expressão até que a Sra. Horsefield e sua amiga Srta. Dudding apareceram na porta com as saias levantadas e os cabelos soltos. Então Tom Dudding bateu na janela com o chicote. Um automóvel latejava no pátio. Os cavalheiros, à procura de fósforos, mudaram-se e Jacob foi para o bar com Brandy Jones fumar com os camponeses. Lá

estava o velho Jevons sem um olho, com as roupas cor de lama, a bolsa nas costas e o cérebro enterrado com os pés na terra entre as raízes de violeta e de urtiga; Mary Sanders com sua caixa de madeira; e Tom mandou buscar cerveja, o filho idiota do sacristão — tudo isso num raio de cinquenta quilômetros de Londres.

A Sra. Papworth, de Endell Street, Covent Garden, atendeu o Sr. Bonamy em New Square, Lincoln's Inn, e enquanto lavava a louça do jantar na copa, ouviu os jovens cavalheiros conversando na sala ao lado. O Sr. Sanders estava lá novamente; Flandres ela quis dizer; e quando uma velha curiosa erra o nome, que chance há de ela relatar fielmente uma discussão? Enquanto segurava os pratos debaixo d'água e depois os distribuía na pilha sob o gás sibilante, ela ouviu: ouviu Sanders falando em um tom de voz alto e um tanto autoritário: "bom", disse ele, e "absoluto" e "justiça" e "punição" e "a vontade da maioria". Então seu cavalheiro apareceu; ela o apoiou na discussão contra Sanders. No entanto, Sanders era um jovem excelente (aqui todas as sobras foram rodopiando pela pia, limpas por suas mãos roxas e quase sem unhas). "Mulheres" — pensou ela, e se perguntou o que Sanders e seu cavalheiro faziam naquela linha, uma pálpebra afundando perceptivelmente enquanto ela meditava, pois ela era mãe de nove filhos — três natimortos e um surdo e mudo de nascença. Colocando os pratos na prateleira, ela ouviu mais uma vez Sanders fazendo isso ("Ele não dá chance a Bonamy", pensou ela). "Alguma coisa objetiva", disse Bonamy; e "ponto comum" e mais alguma coisa - todas palavras muito longas, ela notou. "O aprendizado dos livros faz isso", ela pensou consigo mesma, e, ao enfiar os braços dentro da jaqueta, ouviu algo - poderia ser a mesinha perto da lareira - cair; e então bater, bater, bater - como se estivessem brigando - pela sala, fazendo os pratos dançarem.

"Café da manhã de amanhã, senhor", disse ela, abrindo a porta; e lá estavam Sanders e Bonamy como dois touros de Basã empurrando um ao outro para cima e para baixo, fazendo tanto barulho, e todas aquelas cadeiras no caminho. Eles nunca a notaram. Ela se sentia maternal com eles. "Seu café da manhã, senhor", disse ela, quando eles se aproximaram. E Bonamy, com todo o cabelo despenteado e a gravata esvoaçante, rompeu-se e empurrou Sanders para a poltrona, e disse que o Sr. Sanders havia quebrado a cafeteira e que estava ensinando o Sr.

Com certeza, a cafeteira estava quebrada no tapete da lareira.

"Qualquer dia desta semana, exceto quinta-feira", escreveu Miss Perry, e este não foi de forma alguma o primeiro convite. Todas as semanas da senhorita Perry foram vazias, com exceção de quinta-feira, e seu único desejo era ver o filho de sua velha amiga? O tempo é concedido às senhoras solteironas ricas em longas fitas brancas. Eles dão voltas e voltas, voltas e voltas, auxiliados por cinco criadas, um mordomo, um belo papagaio mexicano, refeições regulares, a biblioteca de Mudie e amigos aparecendo. Ela já estava um pouco magoada por Jacob não ter ligado.

"Sua mãe", disse ela, "é uma das minhas amigas mais antigas."

Miss Rosseter, que estava sentada perto do fogo, segurando o Spectator entre a bochecha e o fogo, recusou-se a ter uma cortina de fogo, mas finalmente aceitou uma. O tempo foi então discutido, pois em deferência a Parkes, que estava abrindo mesinhas, assuntos mais graves foram adiados. Miss Rosseter chamou a atenção de Jacob para a beleza do armário.

"Tão maravilhosamente inteligente em pegar as coisas", disse ela. Miss Perry encontrou-o em Yorkshire. O Norte da Inglaterra foi discutido. Quando Jacob

falou, ambos ouviram. Miss Perry estava pensando em algo adequado e viril para dizer quando a porta se abriu e o Sr. Benson foi anunciado. Agora havia quatro pessoas sentadas naquela sala. Senhorita Perry, 66 anos; Senhorita Rosseter 42; Sr. e Jacó 25.

"Meu velho amigo está tão bem como sempre", disse o Sr. Benson, batendo nas barras da gaiola do papagaio; Miss Rosseter elogiou simultaneamente o chá; Jacob entregou os pratos errados; e Miss Perry manifestou o seu desejo de se aproximar mais. "Seus irmãos", ela começou vagamente.

"Archer e John," Jacob forneceu a ela. Então, para seu prazer, ela recuperou o nome de Rebecca; e como um dia "quando vocês eram todos meninos, brincando na sala de estar — -"

"Mas Miss Perry está com o porta-chaleira", disse Miss Rosseter, e na verdade Miss Perry estava apertando-o contra o peito. (Será que ela amava o pai de Jacob?)

"Tão inteligente" - "não tão bom como sempre" - "Achei muito injusto", disseram o Sr. Benson e a Srta. Rosseter, discutindo o sábado em Westminster. Eles não competiam regularmente por prêmios? Benson não ganhou três vezes um guinéu e Miss Rosseter uma vez dez e seis pence? É claro que Everard Benson tinha um coração fraco, mas mesmo assim, para ganhar prêmios, lembrar dos papagaios, bajuladora senhorita Perry, desprezar a senhorita Rosseter, dar chás em seus quartos (que eram no estilo de Whistler, com lindos livros nas mesas), tudo isso, assim Jacob sentia sem conhecê-lo, fazia dele um idiota desprezível. Quanto à senhorita Rosseter, ela cuidou de um câncer e agora pintava aquarelas.

"Fugindo tão cedo?" - disse Miss Perry vagamente. "Em casa todas as tardes, se você não tiver nada melhor para fazer, exceto às quintas-feiras."

"Nunca vi você abandonar suas velhinhas", dizia a Srta. Rosseter, e o Sr. Benson estava debruçado sobre a gaiola do papagaio, e a Srta.

O fogo ardia entre dois pilares de mármore esverdeado, e sobre a lareira havia um relógio verde guardado por Britannia apoiado em sua lança. Quanto às pinturas, uma donzela com um grande chapéu ofereceu rosas por cima do portão do jardim a um cavalheiro vestido com trajes do século XVIII. Um mastim estava estendido contra uma porta danificada. Os vidros inferiores das janelas eram de vidro fosco, e as cortinas, bem fechadas, também eram de pelúcia e verdes.

Laurette e Jacob estavam sentados lado a lado, com os dedos dos pés apoiados no para-choque, em duas cadeiras grandes forradas de pelúcia verde. As saias de Laurette eram curtas, as pernas longas, finas e cobertas de forma transparente. Seus dedos acariciaram seus tornozelos.

"Não é exatamente que eu não os entenda", ela dizia pensativamente. "Devo ir e tentar novamente."

"A que horas você estará aí?" disse Jacó.

Ela encolheu os ombros.

"Amanhã?"

Não, amanhã não.

"Este tempo me faz sentir saudades do campo", disse ela, olhando por cima do ombro para a vista dos fundos das casas altas pela janela.

"Eu gostaria que você estivesse comigo no sábado", disse Jacob.

"Eu costumava andar de bicicleta", disse ela. Ela se levantou graciosamente e com calma. Jacó levantou-se. Ela sorriu para ele. Quando ela fechou a porta, ele colocou muitos xelins em cima da lareira.

No geral, uma conversa muito razoável; um quarto muito respeitável; uma garota inteligente. Somente a própria Madame, ao ver Jacob sair, tinha aquele olhar malicioso, aquela lascívia, aquele tremor da superfície (visível principalmente nos olhos), que ameaça derramar todo o saco de excremento, com dificuldade de se manter unido, sobre a calçada. Em suma, algo estava errado.

Não muito tempo atrás, os operários haviam dourado o "y" final no nome de Lord Macaulay, e os nomes se estendiam em arquivo ininterrupto ao redor da cúpula do Museu Britânico. A uma profundidade considerável abaixo, muitas centenas de vivos sentavam-se nos raios de uma roda de carroça, copiando livros impressos para livros manuscritos; levantando-se de vez em quando para consultar o catálogo; recuperando seus lugares furtivamente, enquanto de vez em quando um homem silencioso reabastecia seus compartimentos.

Houve uma pequena catástrofe. A pilha da senhorita Marchmont desequilibrou-se e caiu no compartimento de Jacob. Coisas assim aconteceram com Miss Marchmont. O que ela procurava em milhões de páginas, com seu velho vestido de pelúcia e sua peruca de cabelos cor de vinho, com suas pedras preciosas e suas frieiras? Às vezes uma coisa, às vezes outra, para confirmar a sua filosofia de que cor é som - ou, talvez, tenha algo a ver com música. Ela nunca conseguia dizer, embora não fosse por falta de tentativa. E ela não poderia convidar você de volta ao quarto dela, pois "não estava muito limpo, infelizmente", então ela deveria encontrá-

lo no corredor, ou sentar-se em uma cadeira no Hyde Park para explicar sua filosofia. O ritmo da alma depende disso - ("como os meninos são rudes!" ela dizia), e da política irlandesa do Sr. Asquith, e Shakespeare entra, "e a rainha Alexandra muito gentilmente uma vez reconheceu uma cópia do meu panfleto", ela dizia, acenando magnificamente para os meninos. Mas ela precisa de fundos para publicar o seu livro, pois "os editores são capitalistas - os editores são cobardes". E então, enfiando o cotovelo na pilha de livros, ela caiu.

Jacob permaneceu bastante impassível.

Mas Fraser, o ateu, por outro lado, detestando pelúcia, mais de uma vez abordado com folhetos, mexeu-se irritado. Ele abominava a imprecisão — a religião cristã, por exemplo, e os pronunciamentos do velho Dean Parker. Dean Parker escreveu livros e Fraser os destruiu totalmente pela força da lógica e deixou seus filhos sem batismo - sua esposa fez isso secretamente na pia - mas Fraser a ignorou e continuou apoiando blasfemadores, distribuindo panfletos, divulgando seus fatos no Museu Britânico, sempre com o mesmo terno xadrez e gravata de fogo, mas pálido, manchado, irritado. Na verdade, que obra - destruir a religião!

Jacob transcreveu uma passagem inteira de Marlowe.

Miss Julia Hedge, a feminista, esperava pelos seus livros. Eles não vieram. Ela molhou a caneta. Ela olhou ao redor. Sua atenção foi atraída pelas últimas letras do nome de Lorde Macaulay. E ela os leu por toda a cúpula - os nomes de grandes homens que nos lembram... - "Oh, droga", disse Julia Hedge, "por que eles não deixaram espaço para um Eliot ou uma Brontë?"

Infelizmente Júlia! molhando a caneta com amargura e deixando os cadarços dos sapatos desamarrados. Quando seus livros chegaram, ela se dedicou a seus trabalhos gigantescos, mas percebeu, através de um dos nervos de sua sensibilidade exasperada, com que serenidade, despreocupação e com todas as considerações os leitores do sexo masculino se dedicavam aos seus. Aquele jovem, por exemplo. O que ele tinha que fazer além de copiar poesia? E ela deve estudar estatística. Existem mais mulheres do que homens. Sim; mas se você deixar as mulheres trabalharem como os homens trabalham, elas morrerão muito mais rápido. Eles serão extintos. Esse foi o argumento dela. A morte, o fel e o pó amargo estavam na ponta da caneta; e à medida que a tarde avançava, o vermelho invadiu suas maçãs do rosto e uma luz apareceu em seus olhos.

Mas o que levou Jacob Flanders a ler Marlowe no Museu Britânico?

Juventude, juventude - algo selvagem - algo pedante. Por exemplo, existe o Sr. Masefield, existe o Sr. Coloque-os na chama de Marlowe e queime-os até virar cinzas. Não deixe nenhum fragmento sobrar. Não brinque com a segunda categoria. Deteste sua própria idade. Construa um melhor. E para colocar isso em prática, leia ensaios incrivelmente enfadonhos sobre Marlowe para seus amigos. Para esse efeito, é necessário cotejar as edições do Museu Britânico. É preciso fazer a coisa sozinho. Inútil confiar nos vitorianos, que estripam, ou nos vivos, que são meros publicitários. A carne e o sangue do futuro dependem inteiramente de seis jovens. E como Jacob era um deles, sem dúvida parecia um pouco majestoso e pomposo ao virar a página, e Julia Hedge não gostava dele, naturalmente.

Mas então um homem com cara de pudim empurrou um bilhete para Jacob, e Jacob, recostando-se na cadeira, iniciou uma conversa inquieta e murmurada,

e eles foram embora juntos (Julia Hedge os observou), e riram alto (ela pensou) assim que chegaram ao corredor.

Ninguém riu na sala de leitura. Houve mudanças, murmúrios, espirros de desculpas e tosses repentinas e devastadoras. A hora da aula estava quase acabando. Os recepcionistas estavam coletando exercícios. Crianças preguiçosas queriam se alongar. Boas rabiscadas assiduamente — ah, mais um dia terminado e tão pouco feito! E de vez em quando ouvia-se de todo o grupo de seres humanos um suspiro pesado, depois do qual o velho humilhante tossia descaradamente, e Miss Marchmont empinava como um cavalo.

Jacob voltou apenas a tempo de devolver seus livros.

Os livros foram agora substituídos. Algumas letras do alfabeto estavam espalhadas pela cúpula. Juntos, formando um círculo ao redor da cúpula, estavam Platão, Aristóteles, Sófocles e Shakespeare; as literaturas de Roma, Grécia, China, Índia, Pérsia. Uma folha de poesia estava pressionada contra outra folha, uma letra polida colocada suavemente contra outra em uma densidade de significado, um conglomerado de beleza.

“A gente quer chá”, disse Miss Marchmont, recuperando seu guarda-chuva surrado.

A senhorita Marchmont queria seu chá, mas nunca resistiu a dar uma última olhada nos Elgin Marbles. Ela olhou para eles de lado, acenando com a mão e murmurando uma ou duas palavras de saudação que fizeram Jacob e o outro homem se virarem. Ela sorriu para eles amigavelmente. Tudo isso entrou em sua filosofia — que cor é som, ou talvez tenha algo a ver com música. E tendo feito o seu serviço, ela saiu mancando para tomar chá. Era hora de fechar. O

público se reuniu no salão para receber seus guarda-chuvas.

Na maioria das vezes, os alunos esperam a sua vez com muita paciência. Ficar parado e esperar enquanto alguém examina os discos brancos é reconfortante. O guarda-chuva certamente será encontrado. Mas o fato leva você o dia todo por Macaulay, Hobbes, Gibbon; através de oitavos, quartos, fólhos; afunda cada vez mais profundamente através das páginas de marfim e das encadernações marroquinas nesta densidade de pensamento, neste conglomerado de conhecimento.

A bengala de Jacob era como todas as outras; talvez eles tivessem confundido os escaninhos.

Há no Museu Britânico uma mente enorme. Considere que Platão está lado a lado com Aristóteles; e Shakespeare com Marlowe. Esta grande mente está acumulada além do poder de qualquer mente para possuí-la. No entanto (como demoram tanto para encontrar a bengala), não podemos deixar de pensar em como alguém poderia vir com um caderno, sentar-se a uma escrivaninha e ler tudo. Um homem erudito é o mais venerável de todos - um homem como Huxtable de Trinity, que escreve todas as suas cartas em grego, dizem, e poderia ter mantido o seu destino com Bentley. E depois há a ciência, as imagens, a arquitetura - uma mente enorme.

Eles empurraram a bengala sobre o balcão. Jacob estava sob a varanda do Museu Britânico. Estava chovendo. A Great Russell Street era envidraçada e brilhante — aqui amarela, aqui, do lado de fora da farmácia, vermelha e azul-clara. As pessoas correram rapidamente para perto da parede; carruagens chacoalhavam desordenadamente pelas ruas. Bem, mas um pouco de chuva não faz mal a ninguém. Jacob saiu andando como se estivesse no campo; e tarde da noite ele estava sentado à mesa com seu cachimbo e seu livro.

A chuva caiu. O Museu Britânico ficava num monte imenso e sólido, muito pálido, muito lustroso sob a chuva, a menos de quatrocentos metros dele. A vasta mente estava coberta de pedra; e cada compartimento nas profundezas estava seguro e seco. Os vigias noturnos, iluminando as costas de Platão e Shakespeare com suas lanternas, viram que no dia 22 de fevereiro nem chamas, nem ratos, nem ladrões iriam violar esses tesouros - homens pobres e altamente respeitáveis, com esposas e famílias em Kentish Town, fazem o seu melhor durante vinte anos para proteger Platão e Shakespeare, e depois são enterrados em Highgate.

A pedra permanece sólida sobre o Museu Britânico, assim como o osso permanece fresco sobre as visões e o calor do cérebro. Só que aqui o cérebro é o cérebro de Platão e de Shakespeare; o cérebro fez potes e estátuas, grandes touros e pequenas joias, e atravessou o rio da morte de um lado para o outro incessantemente, buscando algum pouso, agora embrulhando bem o corpo para seu longo sono; agora colocando uma moeda nos olhos; agora virando os dedos dos pés escrupulosamente para o Leste. Entretanto, Platão continua o seu diálogo; apesar da chuva; apesar dos apitos do táxi; apesar da mulher nos estábulos atrás da Great Ormond Street que chegou em casa bêbada e chorou a noite toda: "Deixe-me entrar! Deixe-me entrar!"

Na rua abaixo do quarto de Jacob, as vozes se elevaram.

Mas ele continuou lendo. Afinal, Platão continua imperturbável. E Hamlet pronuncia seu solilóquio. E ali ficam os mármores de Elgin, a noite toda, a lanterna do velho Jones às vezes lembrando Ulisses, ou uma cabeça de cavalo; ou às vezes um brilho dourado, ou a bochecha amarela e afundada de uma múmia. Platão e Shakespeare continuam; e Jacó, que estava lendo o Fedro, ouviu pessoas vociferando em volta do poste, e a mulher batendo na

porta e gritando: "Deixe-me entrar!" como se uma brasa tivesse caído do fogo, ou uma mosca, caindo do teto, estivesse deitada de costas, fraca demais para virar.

O Fedro é muito difícil. E assim, quando finalmente se lê em frente, acompanhando o passo, marchando, tornando-se (assim parece) momentaneamente parte desta energia ondulante e imperturbável, que tem impelido a escuridão desde que Platão caminhou pela Acrópole, é impossível ver o fogo.

O diálogo chega ao fim. O argumento de Platão está concluído. O argumento de Platão está guardado na mente de Jacó, e por cinco minutos a mente de Jacó continua sozinha, em frente, na escuridão. Então, levantando-se, abriu as cortinas e viu, com espantosa clareza, como os Springetts do lado oposto haviam ido para a cama; como choveu; como os judeus e a estrangeira, no fim da rua, estavam ao lado do pilar, discutindo.

Cada vez que a porta se abria e novas pessoas entravam, as que já estavam na sala se mexiam ligeiramente; os que estavam de pé olhavam por cima dos ombros; aqueles que estavam sentados pararam no meio das frases. Com a luz, o vinho, o dedilhar de um violão, algo emocionante acontecia cada vez que a porta se abria. Quem estava entrando?

"Esse é o Gibson."

"O pintor?"

"Mas continue com o que você estava dizendo."

Eles estavam dizendo algo que era íntimo demais para ser dito abertamente. Mas o barulho das vozes servia como um badalo na mente da pequena Sra.

Withers, assustando bandos de pequenos pássaros no ar, e então eles se acomodavam, e então ela sentia medo, colocava uma mão no cabelo, amarrava ambas em volta dos joelhos, olhava nervosamente para Oliver Skelton e dizia:

"Prometa, prometa, você não vai contar a ninguém."... ele era tão atencioso, tão terno. Foi o caráter do marido que ela discutiu. Ele estava com frio, ela disse.

Desceu sobre eles a esplêndida Madalena, morena, quente, volumosa, mal roçando a grama com os pés calçados em sandálias. O cabelo dela voou; alfinetes pareciam mal prender as sedas voadoras. Uma atriz, é claro, com uma linha de luz perpetuamente abaixo dela. Foi apenas "Meu querido" que ela disse, mas sua voz soava entre os desfiladeiros dos Alpes. E ela caiu no chão e cantou, já que não havia nada a ser dito, em torno de ah e oh. Mangin, o poeta, aproximando-se dela, ficou olhando para ela, puxando seu cachimbo. A dança começou.

Keymer, de cabelos grisalhos, pediu a Dick Graves que lhe contasse quem era Mangin, e disse que já tinha visto muitas coisas desse tipo em Paris (Magdalen havia se ajoelhado; agora o cachimbo dele estava em sua boca) para ficar chocada. "Que é aquele?" ela disse, guardando os óculos quando eles se aproximaram de Jacob, pois na verdade ele parecia quieto, não indiferente, mas como alguém na praia, observando.

"Oh, minha querida, deixe-me apoiar em você", ofegou Helen Askew, saltando sobre um pé só, pois o cordão prateado em volta de seu tornozelo havia se soltado. A Sra. Keymer virou-se e olhou para o quadro na parede.

“Olhe para Jacob”, disse Helen (eles estavam vendando seus olhos para algum jogo).

E Dick Graves, um pouco bêbado, muito fiel e muito simplório, disse-lhe que considerava Jacob o maior homem que já conhecera. E sentaram-se de pernas cruzadas em almofadas e conversaram sobre Jacob, e a voz de Helen tremia, pois ambos pareciam heróis para ela, e a amizade entre eles era muito mais bela do que a amizade entre mulheres. Anthony Pollett convidou-a para dançar e, enquanto ela dançava, ela olhou para eles, por cima do ombro, parados à mesa, bebendo juntos.

O mundo magnífico - o mundo vivo, são e vigoroso... Estas palavras referem-se ao trecho de calçada de madeira entre Hammersmith e Holborn em janeiro, entre duas e três da manhã. Esse era o chão sob os pés de Jacob. Era saudável e magnífico porque uma sala, acima de um estábulo, em algum lugar perto do rio, continha cinquenta pessoas animadas, falantes e amigáveis. E então caminhar pela calçada (quase não havia táxi ou policial à vista) é por si só estimulante. O longo laço de Piccadilly, costurado com diamantes, mostra melhor vantagem quando está vazio. Um jovem não tem nada a temer. Pelo contrário, embora possa não ter dito nada brilhante, ele se sente bastante confiante de que conseguirá se defender. Ele ficou satisfeito por ter conhecido Mangin; ele admirou a jovem caída no chão; ele gostou de todos eles; ele gostava desse tipo de coisa. Em suma, todos os tambores e trombetas soavam. Os catadores de rua eram as únicas pessoas no momento. Nem é necessário dizer o quão bem disposto Jacó se sentia em relação a eles; como lhe agradou entrar com a chave na sua própria porta; como ele parecia trazer consigo para a sala vazia dez ou onze pessoas que ele não conhecia quando partiu; como ele procurou algo para ler e encontrou, mas nunca leu e adormeceu.

Na verdade, tambores e trombetas não são uma frase. Na verdade, Piccadilly e Holborn, e a sala de estar vazia e a sala de estar com cinquenta pessoas podem, a qualquer momento, soprar música no ar. As mulheres talvez sejam mais excitáveis que os homens. É raro que alguém diga alguma coisa sobre isso, e ao ver as hordas atravessando a ponte Waterloo para pegar o ônibus direto para Surbiton, pode-se pensar que foi a razão que as impeliu. Não, não. São os tambores e as trombetas. Só que, se vocês virarem para uma daquelas pequenas baías da ponte de Waterloo para refletir sobre o assunto, provavelmente tudo parecerá uma confusão para todos vocês - tudo um mistério.

Eles cruzam a ponte incessantemente. Às vezes, no meio de carroças e ônibus, aparece um caminhão com grandes árvores da floresta acorrentadas. Depois, talvez, uma van de pedreiro com lápides recém-letradas registrando como alguém amou alguém que está enterrado em Putney. Então o automóvel da frente dá um solavanco para a frente e as lápides passam rápido demais para que você possa ler mais. O tempo todo o fluxo de pessoas nunca para de passar do lado de Surrey para Strand; do Strand ao lado de Surrey. Parece que os pobres tinham invadido a cidade e agora estavam presos em seus próprios aposentos, como besouros correndo para suas tocas, pois aquela velha mancava em direção a Waterloo, segurando uma bolsa brilhante, como se tivesse saído para a luz e agora tivesse fugido com alguns ossos de galinha raspados para seu casebre subterrâneo. Por outro lado, embora o vento seja forte e sopra em seus rostos, aquelas meninas ali, caminhando de mãos dadas, gritando uma canção, parecem não sentir frio nem vergonha. Eles estão sem chapéu. Eles triunfam.

O vento soprou as ondas. O rio corre abaixo de nós e os homens que estão nas barcaças têm de apoiar todo o seu peso no leme. Uma lona preta está

amarrada sobre uma enorme carga de ouro. Avalanches de carvão brilham negramente. Como é habitual, os pintores estão pendurados em tábuas nos grandes hotéis ribeirinhos e as janelas dos hotéis já têm pontos de luz. Do outro lado a cidade é branca como se fosse de idade; As ondas de São Paulo ficam brancas acima dos edifícios pontiagudos ou oblongos ao lado. Só a cruz brilha com um tom rosado. Mas em que século chegamos? Esta procissão do lado de Surrey até Strand durou para sempre? Aquele velho tem atravessado a ponte há seiscentos anos, com a turba de meninos em seu encaço, pois ele está bêbado, ou cego de miséria, e amarrado com roupas velhas, como as que os peregrinos poderiam ter usado. Ele segue em frente. Ninguém fica parado. Parece que marchamos ao som de música; talvez o vento e o rio; talvez esses mesmos tambores e trombetas - o êxtase e o burburinho da alma. Ora, até mesmo a risada infeliz, e o policial, longe de julgar o homem bêbado, examina-o com humor, e os meninos voltam correndo, e o funcionário da Somerset House não tem nada além de tolerância para com ele, e o homem que está lendo meia página de Lothair na banca de livros medita caridosamente, com os olhos longe da gravura, e a garota hesita na travessia e dirige para ele o olhar brilhante, porém vago, dos jovens.

Brilhante, mas vago. Ela tem talvez vinte e dois anos. Ela está maltrapilha. Ela atravessa a rua e olha os narcisos e as tulipas vermelhas na vitrine da floricultura. Ela hesita e sai em direção a Temple Bar. Ela anda rápido, mas qualquer coisa a distrai. Agora ela parece ver, e agora não percebe nada.

10. Capítulo Dez

Amores, festas e conversas em que Jacob aparece entre presença e distância.

Pelo cemitério abandonado da freguesia de St. Pancras, Fanny Elmer desviava-se entre os túmulos brancos encostados ao muro, atravessava a relva para ler um nome, apressava-se quando o coveiro se aproximava, apressava-se pela rua, parava agora junto a uma janela de porcelana azul, ora recuperava rapidamente o tempo perdido, entrava abruptamente numa padaria, comprava pãezinhos, acrescentava bolos, continuava de novo para que quem quisesse segui-la tivesse de trotar bastante. Ela não estava desleixada, no entanto. Ela usava meias de seda e sapatos com fivelas prateadas, apenas a pena vermelha do chapéu caía e o fecho da bolsa era fraco, pois dela caía uma cópia do programa do Madame Tussaud enquanto ela caminhava. Ela tinha os tornozelos de um cervo. Seu rosto estava escondido. É claro que, neste crepúsculo, movimentos rápidos, olhares rápidos e esperanças crescentes surgem naturalmente. Ela passou logo abaixo da janela de Jacob.

A casa era plana, escura e silenciosa. Jacob estava em casa ocupado com um problema de xadrez, com o tabuleiro num banco entre seus joelhos. Uma mão estava tocando o cabelo da parte de trás de sua cabeça. Ele lentamente avançou e levantou a rainha branca de sua casa; em seguida, colocou-a novamente no mesmo lugar. Ele encheu o cachimbo; ruminado; moveu dois peões; avançou o cavaleiro branco; depois ruminou com um dedo sobre o bispo. Agora Fanny Elmer passou por baixo da janela.

Ela estava indo sentar-se com Nick Bramham, o pintor.

Ela estava sentada com um xale espanhol florido, segurando na mão um romance amarelo.

"Um pouco mais baixo, um pouco mais solto, então... melhor, isso mesmo", murmurou Bramham, que a estava desenhando e fumando ao mesmo tempo, e estava naturalmente sem palavras. Sua cabeça poderia ter sido obra de um escultor, que ajustou a testa, esticou a boca e deixou marcas de polegares e listras de dedos no barro. Mas os olhos nunca foram fechados. Eles eram bastante proeminentes e injetados de sangue, como se estivessem olhando e olhando fixamente, e quando ele falou eles pareceram perturbados por um segundo, mas continuaram olhando. Uma luz elétrica sem sombra pendia acima de sua cabeça.

Quanto à beleza das mulheres, é como a luz do mar, nunca constante em uma única onda. Todos eles têm isso; todos eles perdem isso. Agora ela está sem graça e grossa como bacon; agora transparente como um copo pendurado. Os rostos fixos são os sem graça. Aí vem Lady Veneza exposta como um monumento de admiração, mas esculpida em alabastro, para ser colocada sobre a lareira e nunca espanada. Uma morena elegante e completa da cabeça aos pés serve apenas de ilustração para deitar na mesa da sala. As mulheres nas ruas têm cara de baralho; os contornos preenchidos com precisão com rosa ou amarelo, e a linha traçada firmemente ao redor deles. Então, numa janela do último andar, inclinando-se para fora, olhando para baixo, você vê a própria beleza; ou no canto de um ônibus; ou agachada em uma vala - uma beleza resplandecente, subitamente expressiva, retraída no momento seguinte. Ninguém pode contar com isso, nem aproveitá-lo, nem embrulhá-lo em papel. Não se ganha nada nas lojas, e Deus sabe que seria melhor ficar sentado em casa do que assombrar as vitrines de vidro na esperança de tirar delas vivo o verde brilhante, o rubi brilhante. O vidro

marinho em um pires perde seu brilho assim como as sedas. Assim, se você fala de uma mulher bonita, você quer dizer apenas algo que voa rápido e que, por um segundo, usa os olhos, lábios ou bochechas de Fanny Elmer, por exemplo, para brilhar.

Ela não era bonita, pois estava sentada rigidamente; o lábio inferior muito proeminente; o nariz dela é muito grande; seus olhos muito próximos. Ela era uma garota magra, com bochechas brilhantes e cabelos escuros, mal-humorada agora, ou rígida de tanto sentar. Quando Bramham quebrou seu pedaço de carvão, ela se assustou. Bramham estava fora de controle. Ele se agachou diante do fogo de gás aquecendo suas mãos. Enquanto isso ela olhou para o desenho dele. Ele grunhiu. Fanny vestiu um roupão e ferveu uma chaleira.

“Por Deus, é ruim”, disse Bramham.

Fanny caiu no chão, cruzou os joelhos com as mãos e olhou para ele, seus lindos olhos - sim, beleza, voando pela sala, brilharam ali por um segundo. Os olhos de Fanny pareciam questionar, lamentar, ser, por um segundo, o próprio amor. Mas ela exagerou. Bramham não notou nada. E quando a chaleira ferveu, ela levantou-se, mais como um potro ou um cachorrinho do que como uma mulher amorosa.

Agora Jacob foi até a janela e ficou com as mãos nos bolsos. O senhor Springett, do lado oposto, saiu, olhou a vitrine de sua loja e entrou novamente. As crianças passaram, olhando para os doces cor-de-rosa. A van de Pickford desceu a rua. Um garotinho girava em uma corda. Jacob se virou. Dois minutos depois, ele abriu a porta da frente e saiu andando na direção de Holborn.

Fanny Elmer tirou a capa do gancho. Nick Bramham soltou o desenho e enrolou-o debaixo do braço. Apagaram as luzes e seguiram pela rua, passando por todas as pessoas, automóveis, ônibus, carroças, até chegarem à Leicester Square, cinco minutos antes de Jacob chegar lá, pois seu caminho era um pouco mais longo, e ele havia sido parado em um quarteirão em Holborn esperando para ver o rei passar, de modo que Nick e Fanny já estavam debruçados sobre a barreira no calçadão do Empire quando Jacob empurrou as portas de vaivém e tomou seu lugar ao lado deles.

“Olá, nunca notei você”, disse Dick, cinco minutos depois.

“Maldita podridão”, disse Jacob.

“Senhorita Elmer”, disse Nick.

Jacob tirou o cachimbo da boca sem jeito.

Ele era muito estranho. E quando se sentaram num sofá macio e deixaram a fumaça subir entre eles e o palco, e ouviram ao longe as vozes agudas e a orquestra alegre irrompendo oportunamente, ele ainda estava estranho, só Fanny pensou: “Que voz linda!” Ela pensou em quão pouco ele disse, mas quão firme era. Ela pensou em como os jovens são dignos e distantes, e como são inconscientes, e como alguém poderia sentar-se silenciosamente ao lado de Jacob e olhar para ele. E como ele seria infantil, cansado de uma noite, pensou ela, e como seria majestoso; um pouco arrogante, talvez; “Mas eu não desistiria”, pensou ela. Ele se levantou e se inclinou sobre a barreira. A fumaça pairava sobre ele.

E para sempre a beleza dos jovens parece virar fumaça, por mais vigorosamente que eles persigam bolas de futebol, ou joguem bolas de críquete, dancem, corram ou caminhem pelas estradas. Possivelmente eles

irão perdê-lo em breve. Possivelmente eles olham nos olhos de heróis distantes e ocupam sua posição entre nós com certo desprezo, pensou ela (vibrando como uma corda de violino, para ser tocada e estalada). De qualquer forma, eles amam o silêncio e falam lindamente, cada palavra caindo como um disco recém-cortado, não como uma bolha de pequenas moedas lisas como as que as meninas usam; e eles se movem decididamente, como se soubessem quanto tempo ficar e quando partir - ah, mas o Sr. Flanders só tinha ido para conseguir um programa.

“Os dançarinos chegam bem no final”, disse ele, voltando para eles.

E não é agradável, continuou Fanny pensando, como os jovens tiram muitas moedas de prata dos bolsos das calças e olham para elas, em vez de terem tantas moedas na bolsa?

Então lá estava ela mesma, girando pelo palco em babados brancos, e a música era a dança e o movimento de sua própria alma, e toda a maquinaria, rocha e engrenagem do mundo giravam suavemente naqueles rápidos redemoinhos e quedas, ela sentiu, enquanto permanecia rígida, inclinada sobre a barreira a meio metro de Jacob Flanders.

Sua luva preta amassada caiu no chão. Quando Jacob deu a ela, ela estremeceu com raiva. Pois nunca houve uma paixão mais irracional. E Jacob teve medo dela por um momento - tão violento, tão perigoso é quando as jovens permanecem rígidas; agarre a barreira; se apaixonar.

Foi em meados de fevereiro. Os telhados do subúrbio de Hampstead Garden estavam cobertos por uma névoa trêmula. Estava quente demais para andar. Um cachorro latiu, latiu, latiu no buraco. As sombras líquidas cobriram a planície.

O corpo, após uma longa doença, fica lânguido, passivo, receptivo à doçura, mas fraco demais para contê-la. As lágrimas escorrem e caem enquanto o cachorro late no buraco, as crianças correm atrás dos aros, o campo escurece e ilumina. Além de um véu, ao que parece. Ah, mas feche o véu para não desmaiar de doçura, Fanny Elmer suspirou, sentada em um banco em Judges Walk, olhando para o subúrbio de Hampstead Garden. Mas o cachorro continuou latindo. Os automóveis apitavam na estrada. Ela ouviu um barulho distante e um zumbido. A agitação estava em seu coração. Ela se levantou e caminhou. A grama estava verde fresca; o sol quente. Em volta do lago, crianças abaixavam-se para lançar pequenos barcos; ou foram puxados para trás aos gritos pelas enfermeiras.

Ao meio-dia, as jovens saem para o ar livre. Todos os homens estão ocupados na cidade. Eles ficam à beira do lago azul. O vento fresco espalha as vozes das crianças. Meus filhos, pensou Fanny Elmer. As mulheres ficam em volta do lago, espancando grandes cães peludos e empinados. Gentilmente o bebê é embalado no carrinho. Os olhos de todas as enfermeiras, mães e mulheres errantes estão um pouco vidrados, absortos. Eles acenam gentilmente com a cabeça em vez de responder quando os meninos puxam suas saias, implorando para que sigam em frente.

E Fanny se mexeu, ouvindo algum grito — talvez um assobio de operário — alto no ar. Agora, entre as árvores, era o tordo cantando no ar quente uma vibração de júbilo, mas o medo parecia estimulá-lo, pensou Fanny; como se ele também estivesse ansioso com tanta alegria em seu coração - como se ele fosse observado enquanto cantava e pressionado pelo tumulto a cantar. Lá! Inquieto, ele voou para a próxima árvore. Ela ouviu a música dele mais fracamente. Mais além, ouvia-se o zumbido das rodas e o vento forte.

Ela gastou dez centavos no almoço.

"Querida, senhorita, ela deixou a umberella", resmungou a mulher malhada na caixa de vidro perto da porta da loja da Express Dairy Company.

"Talvez eu a pegue", respondeu Milly Edwards, a garçonete com tranças claras; e ela correu pela porta.

"Não adianta", disse ela, voltando um momento depois com o guarda-chuva barato de Fanny. Ela colocou a mão nas tranças.

"Ah, aquela porta!" resmungou o caixa.

Suas mãos estavam envoltas em luvas pretas, e as pontas dos dedos que desenhavam as tiras de papel estavam inchadas como salsichas.

"Torta e verduras para um. Café grande e bolinhos. Ovos com torradas. Dois bolos de frutas."

Assim as vozes agudas das garçonetes estalaram. Os convivas ouviram os seus pedidos repetidos com aprovação; vi a próxima mesa servida com antecipação. Seus próprios ovos com torradas foram finalmente entregues. Seus olhos não se desviaram mais.

Cubos úmidos de massa caíam em bocas abertas como sacos triangulares.

Nelly Jenkinson, a datilógrafa, esmigalhou o bolo com bastante indiferença. Cada vez que a porta se abria ela olhava para cima. O que ela esperava ver?

O comerciante de carvão leu o Telegraph sem parar, errou o pires e, sentindo-se distraído, pousou a xícara sobre a toalha de mesa.

"Você já ouviu algo assim sobre impertinência?" A Sra. Parsons se levantou, sacudindo as migalhas de suas peles.

"Leite quente e bolinho para um. Bule de chá. Pãozinho e manteiga", gritaram as garçonetes.

A porta abriu e fechou.

Assim é a vida dos idosos.

É curioso, deitado num barco, observar as ondas. Aqui estão três vindo regularmente, um após o outro, todos do mesmo tamanho. Então, correndo atrás deles, chega um quarto, muito grande e ameaçador; levanta o barco; assim vai; de alguma forma se funde sem realizar nada; se achata com o resto.

O que pode ser mais violento do que o arremesso de galhos em um vendaval, a árvore cedendo todo o tronco, até a ponta do galho, fluindo e estremecendo do jeito que o vento sopra, mas nunca voando desgrenhada para longe?

O milho se contorce e se abaixa como se estivesse se preparando para se libertar das raízes, mas ainda assim está amarrado.

Ora, desde as próprias janelas, mesmo ao anoitecer, você vê um inchaço correr pela rua, uma aspiração, como se de braços estendidos, olhos desejosos, bocas abertas. E então nós acalmamos pacificamente. Pois se a exaltação durasse, seríamos lançados como espuma no ar. As estrelas brilhariam através de nós. Deveríamos descer o vendaval em gotas de sal - como às vezes acontece. Pois os espíritos impetuosos não aceitarão esse embrulho. Nunca balançando ou se inclinando sem rumo para eles. Nunca fazer de conta, ou mentir confortavelmente, ou supor genialmente que um é

muito parecido com o outro, o fogo quente, o vinho agradável, a extravagância um pecado.

"As pessoas são tão legais, uma vez que você as conhece."

"Eu não poderia pensar mal dela. É preciso lembrar — —" Mas Nick talvez, ou Fanny Elmer, acreditando implicitamente na verdade do momento, saltam, ardem na bochecha, desaparecem como granizo.

"Oh", disse Fanny, irrompendo no estúdio com três quartos de hora atrasada porque estava vagando pela vizinhança do Hospital Foundling apenas pela chance de ver Jacob andando pela rua, pegando a chave e abrindo a porta, "receio que esteja atrasada"; após o que Nick não disse nada e Fanny ficou desafiadora.

"Eu nunca mais voltarei!" ela chorou longamente.

"Então não faça isso", respondeu Nick, e ela saiu correndo sem ao menos desejar boa-noite.

Que lindo era aquele vestido na loja de Evelina na Shaftesbury Avenue! Eram quatro horas da tarde de um belo dia de início de abril, e seria Fanny quem passaria as quatro horas da tarde dentro de casa? Outras garotas daquela mesma rua sentavam-se sobre livros de contabilidade ou puxavam cansadamente longos fios entre seda e gaze; ou, enfeitado com fitas em Swan e Edgars, rapidamente somou centavos e centavos no verso da nota e torceu a jarda e três quartos em papel de seda e perguntou: "Qual é o prazer?" do próximo que chega.

Na loja de Evelina, perto da Avenida Shaftesbury, as partes de uma mulher eram mostradas separadamente. Na mão esquerda estava a saia dela.

Enrolado em torno de um poste no meio havia um boá de penas. Alinhados como as cabeças dos malfeitores em Temple Bar havia chapéus — esmeralda e branco, levemente enfeitados ou caídos sob penas profundamente tingidas. E no tapete estavam seus pés — dourados pontiagudos ou couro envernizado com cortes escarlates.

Deleitadas pelos olhos das mulheres, as roupas às quatro horas estavam espalhadas como bolos de açúcar na vitrine de uma padaria. Fanny olhou para eles também.

Mas vindo pela Gerrard Street estava um homem alto com um casaco surrado. Uma sombra caiu na janela de Evelina - a sombra de Jacob, embora não fosse Jacob. E Fanny se virou e caminhou pela Gerrard Street e desejou ter lido livros. Nick nunca lia livros, nunca falava da Irlanda ou da Câmara dos Lordes; e quanto às unhas! Ela aprenderia latim e leria Virgílio. Ela era uma ótima leitora. Ela havia lido Scott; ela havia lido Dumas. No Slade ninguém lia. Mas ninguém conhecia Fanny no Slade, nem imaginava o quão vazio lhe parecia; a paixão por brincos, por danças, por Tonks e Steer — quando só os franceses sabiam pintar, disse Jacob. Pois os modernos eram fúteis; pintar a menos respeitável das artes; e por que ler qualquer coisa além de Marlowe e Shakespeare, disse Jacob, e Fielding se você precisa ler romances?

“Fielding”, disse Fanny, quando o homem em Charing Cross Road lhe perguntou que livro ela queria.

Ela comprou Tom Jones.

Às dez horas da manhã, no quarto que dividia com uma professora, Fanny Elmer leu Tom Jones — aquele livro místico. Pois essa coisa chata (pensou

Fanny) sobre pessoas com nomes estranhos é o que Jacob gosta. Pessoas boas gostam disso. Mulheres deselegantes que não se importam com o modo como cruzam as pernas leem Tom Jones — um livro místico; pois há algo, pensou Fanny, nos livros que, se eu tivesse sido educada, teria gostado muito mais do que brincos e flores, suspirou ela, pensando nos corredores do Slade e no baile à fantasia na próxima semana. Ela não tinha nada para vestir.

Eles são reais, pensou Fanny Elmer, colocando os pés sobre a lareira. Algumas pessoas são. Nick talvez, só que ele era tão estúpido. E as mulheres nunca — exceto a Srta. Sargent, mas ela saía na hora do almoço e se exibia. Lá eles ficaram sentados em silêncio durante uma noite de leitura, ela pensou. Não ir a music-halls; não olhar as vitrines das lojas; não usavam as roupas um do outro, como Robertson, que usava o xale dela, e ela usava o colete dele, o que Jacob só conseguia fazer de maneira muito desajeitada; pois ele gostava de Tom Jones.

Ali estava no colo dela, em colunas duplas, preço três e seis pence; o livro místico em que Henry Fielding, tantos anos atrás, repreendeu Fanny Elmer por se banquetear com escarlate, em prosa perfeita, disse Jacob. Pois ele nunca leu romances modernos. Ele gostava de Tom Jones.

“Eu gosto de Tom Jones”, disse Fanny às cinco e meia daquele mesmo dia, no início de abril, quando Jacob pegou seu cachimbo na poltrona em frente.

Infelizmente, as mulheres mentem! Mas não Clara Durrant. Uma mente perfeita; uma natureza sincera; uma virgem acorrentada a uma rocha (em algum lugar perto da Praça Lowndes) servindo eternamente chá para velhos de colete branco, olhos azuis, olhando diretamente nos olhos, tocando Bach. De todas as mulheres, Jacob a honrou mais. Mas sentar-se à mesa com pão e manteiga, com viúvas vestidas de veludo, e nunca dizer mais a Clara Durrant

do que Benson disse ao papagaio quando a velha Miss Perry servia o chá, era um ultraje insuportável às liberdades e decências da natureza humana - ou palavras nesse sentido. Pois Jacob não disse nada. Só ele olhou para o fogo. Fanny deitou Tom Jones.

Ela costurava ou tricotava.

"O que é isso?" perguntou Jacob.

"Para o baile no Slade."

E ela foi buscar o seu toucado; suas calças; seus sapatos com borlas vermelhas. O que ela deveria vestir?

"Estarei em Paris", disse Jacob.

E qual é o sentido das danças à fantasia? pensou Fanny. Você conhece as mesmas pessoas; você usa as mesmas roupas; Mangin fica bêbado; Florinda se senta em seu colo. Ela flerta escandalosamente - com Nick Bramham agora há pouco.

"Em Paris?" disse Fanny.

"Estou a caminho da Grécia", respondeu ele.

Pois, disse ele, não há nada tão detestável como Londres em Maio.

Ele a esqueceria.

Um pardal passou voando pela janela arrastando uma palha - uma palha de uma pilha colocada ao lado de um celeiro em um curral. O velho spaniel marrom fareja um rato na base. Os galhos superiores dos olmos já estão cheios de ninhos. As castanhas flertaram com seus fãs. E as borboletas estão

ostentando nos passeios da Floresta. Talvez o Imperador Púrpura esteja festejando, como diz Morris, com uma massa de carniça pútrida na base de um carvalho.

Fanny achava que tudo vinha de Tom Jones. Ele poderia ir sozinho com um livro no bolso e observar os texugos. Ele pegava um trem às oito e meia e caminhava a noite toda. Ele viu vaga-lumes e trouxe pirilampos em caixas de comprimidos. Ele caçaria com os New Forest Staghounds. Tudo veio de Tom Jones; e ele iria para a Grécia com um livro no bolso e a esqueceria.

Ela pegou seu copo. Lá estava o rosto dela. E suponha que alguém envolvesse Jacó em um turbante? Ali estava o rosto dele. Ela acendeu a lâmpada. Mas quando a luz do dia entrava pela janela, apenas metade estava iluminada pela lâmpada. E embora ele parecesse terrível e magnífico e fosse abandonar a Floresta, disse ele, e vir para o Slade, e ser um cavaleiro turco ou um imperador romano (e ele deixou que ela escurecesse seus lábios e cerrou os dentes e fez uma careta no vidro), ainda assim - lá estava Tom Jones.

11. Capítulo Onze

Viagem, Grécia, paisagem clássica e a juventude vista contra ruínas e mar.

"Archer", disse a Sra. Flanders com aquela ternura que as mães tantas vezes demonstram pelos filhos mais velhos, "estará em Gibraltar amanhã."

O correio pelo qual ela estava esperando (subindo Dods Hill enquanto os sinos aleatórios da igreja tocavam uma melodia de hino em sua cabeça, o relógio marcando quatro horas seguidas entre as notas circulares; a grama ficando roxa sob uma nuvem de tempestade; e as duas dúzias de casas da aldeia encolhidas, infinitamente humildes, em companhia sob uma folha de sombra), o correio, com toda a sua variedade de mensagens, envelopes endereçados em caligrafia ousada, em caligrafia oblíqua, carimbados agora com selos ingleses, novamente com caracteres coloniais selos, ou às vezes com uma barra amarela às pressas, a postagem estava prestes a espalhar uma miríade de mensagens pelo mundo. Se ganhamos ou não com esse hábito de comunicação profusa, não cabe a nós dizer. Mas parece bastante provável que a escrita de cartas seja praticada de forma mentirosa hoje em dia, especialmente por jovens que viajam para países estrangeiros.

Por exemplo, veja esta cena.

Aqui estava Jacob Flanders que foi para o exterior e ficou em Paris para interromper sua viagem. (A velha senhorita Birkbeck, prima de sua mãe, morreria em junho passado e deixara-lhe cem libras.)

"Você não precisa repetir tudo de novo, Cruttendon", disse Mallinson, o pequeno pintor careca que estava sentado a uma mesa de mármore, salpicado de café e rodeado de vinho, falando muito rápido e, sem dúvida, mais do que um pouco bêbado.

"Bem, Flanders, terminou de escrever para sua senhora?" - disse Cruttendon, enquanto Jacob se aproximava e se sentava ao lado deles, segurando na mão um envelope endereçado à Sra. Flanders, perto de Scarborough, Inglaterra.

"Você apoia Velásquez?" disse Cruttendon.

"Por Deus, ele sabe", disse Mallinson.

"Ele sempre fica assim", disse Cruttendon, irritado.

Jacob olhou para Mallinson com excessiva compostura.

"Vou lhe contar as três maiores coisas que já foram escritas em toda a literatura", explodiu Cruttendon. "'Pendure aí como uma fruta, minha alma'", ele começou...

"Não dê ouvidos a um homem que não gosta de Velásquez", disse Mallinson.

"Adolphe, não dê mais vinho ao Sr. Mallinson", disse Cruttendon.

"Jogo limpo, jogo limpo", disse Jacob judicialmente. "Deixe um homem ficar bêbado, se quiser. Isso é Shakespeare, Cruttendon. Estou com você aí. Shakespeare tinha mais coragem do que todos esses malditos sapos juntos. 'Pendure aí como uma fruta, minha alma'", ele começou a citar, com uma voz retórica musical, agitando sua taça de vinho. "Que diabos você é negro, seu idiota de cara creme!" ele exclamou enquanto o vinho transbordava pela borda.

"'Pendure minha alma como uma fruta'", Cruttendon e Jacob recomeçaram no mesmo momento, e ambos caíram na gargalhada.

"Malditas sejam essas moscas", disse Mallinson, sacudindo a cabeça careca.

"Por que eles me levam?"

"Algo com cheiro doce", disse Cruttendon.

"Cale a boca, Cruttendon", disse Jacob. "Esse sujeito não tem boas maneiras", explicou ele a Mallinson muito educadamente. "Quer cortar a bebida das pessoas. Olhe aqui. Quero osso grelhado. Qual é o termo francês para osso grelhado? Osso grelhado, Adolphe. Agora, seus idiotas, não entendem?"

"E vou lhe contar, Flandres, a segunda coisa mais bonita de toda a literatura", disse Cruttendon, colocando os pés no chão e inclinando-se sobre a mesa, de modo que seu rosto quase tocou o rosto de Jacob.

"Ei, diddle diddle, o gato e o violino", interrompeu Mallinson, dedilhando os dedos na mesa. "A coisa mais extraordinariamente bela de toda a literatura... Cruttendon é um sujeito muito bom", comentou confidencialmente. "Mas ele é um pouco tolo." E ele balançou a cabeça para frente.

Bem, nem uma palavra sobre isso foi dita à Sra. Flanders; nem o que aconteceu quando pagaram a conta e saíram do restaurante e caminharam pelo Boulevard Raspaille.

Então aqui está outro pedaço de conversa; o horário era cerca de onze da manhã; a cena um estúdio; e o dia domingo.

"Eu lhe digo, Flandres", disse Cruttendon, "eu preferiria ter um dos pequenos quadros de Mallinson como um Chardin. E quando digo isso..." ele apertou a cauda de um tubo emaciado... "Chardin era um grande swell.... Ele os vende para pagar seu jantar agora. Mas espere até que os traficantes o procurem. Um grande swell - oh, um grande swell."

"É uma vida muito agradável", disse Jacob, "fazer bagunça aqui. Mesmo assim, é uma arte estúpida, Cruttendon." Ele vagou pela sala. "Aí está esse homem, Pierre Louys agora." Ele pegou um livro.

"Agora, meu bom senhor, você vai se acalmar?" disse Cruttendon.

"É um trabalho sólido", disse Jacob, colocando uma tela sobre uma cadeira.

"Ah, isso eu fiz há muito tempo", disse Cruttendon, olhando por cima do ombro.

"Você é um pintor bastante competente, na minha opinião", disse Jacob depois de um tempo.

"Agora, se você quiser ver o que estou procurando no momento", disse Cruttendon, colocando uma tela diante de Jacob. "Pronto. É isso. É mais parecido. Isso é..." ele contorceu o polegar em um círculo ao redor de um globo de lâmpada pintado de branco.

"Um trabalho bastante sólido", disse Jacob, escarranchando as pernas na frente dele. "Mas o que eu gostaria que você explicasse..."

A senhorita Jinny Carslake, pálida, sardenta e mórbida, entrou na sala.

"Oh Jinny, aqui está um amigo. Flandres. Um inglês. Rico. Altamente conectado. Vá em frente, Flandres.... "

Jacó não disse nada.

"É isso... isso não está certo", disse Jinny Carslake.

"Não", disse Cruttendon decididamente. "Não pode ser feito."

Ele tirou a tela da cadeira e colocou-a no chão, de costas para eles.

"Sentem-se, senhoras e senhores. A senhorita Carslake vem de sua parte do mundo, Flandres. De Devonshire. Oh, pensei que vocês tivessem dito Devonshire. Muito bem. Ela também é filha da igreja. A ovelha negra da família. A mãe dela escreve essas cartas para ela. Eu digo - você tem uma sobre você? Geralmente é aos domingos que elas vêm. Uma espécie de efeito de sino de igreja, você sabe. "

"Você conheceu todos os pintores?" disse Jinny. "Mallinson estava bêbado? Se você for ao estúdio dele, ele lhe dará uma de suas fotos. Eu digo, Teddy..."

"Meio instante", disse Cruttendon. "Qual é a estação do ano?" Ele olhou pela janela.

"Tiramos um dia de folga aos domingos, Flandres."

"Será que ele..." disse Jinny, olhando para Jacob. "Você..."

"Sim, ele virá conosco", disse Cruttendon.

E então, aqui está Versalhes.

Jinny ficou na borda de pedra e se inclinou sobre o lago, agarrada pelos braços de Cruttendon ou teria caído. — Pronto! Pronto! ela chorou. "Até o topo!" Alguns peixes preguiçosos e de ombros inclinados haviam flutuado das profundezas para beliscar suas migalhas. "Você olha", disse ela, saltando. E então a deslumbrante água branca, agitada e acelerada, subiu no ar. A fonte se espalhou. Através dele vinha o som de música militar ao longe. Toda a água estava enrugada com gotas. Uma bola de ar azul bateu suavemente na superfície. Como todas as enfermeiras, crianças, velhos e jovens se aglomeraram na beirada, inclinaram-se e agitaram suas bengalas! A menina correu esticando os braços em direção à bola de ar, mas ela afundou embaixo

da fonte.

Edward Cruttendon, Jinny Carslake e Jacob Flanders caminhavam em fila pelo caminho de cascalho amarelo; subiu na grama; então passei sob as árvores; e saiu na casa de veraneio onde Maria Antonieta costumava beber chocolate. Edward e Jinny entraram, mas Jacob esperou do lado de fora, sentado no cabo de sua bengala. Eles vieram novamente.

"Bem?" - disse Cruttendon, sorrindo para Jacob.

Jinny esperou; Edward esperou; e ambos olharam para Jacob.

"Bem?" - disse Jacob, sorrindo e pressionando as duas mãos na bengala.

"Venha", ele decidiu; e começou. Os outros o seguiram, sorrindo.

E então foram para o pequeno café na rua onde as pessoas sentavam tomando café, observando os soldados, jogando cinzas nas bandejas meditativamente.

"Mas ele é bem diferente", disse Jinny, cruzando as mãos sobre o copo. "Suponho que você não saiba o que Ted quer dizer quando diz uma coisa dessas", disse ela, olhando para Jacob. "Mas eu faço. Às vezes eu poderia me matar. Às vezes ele fica deitado na cama o dia todo - apenas deitado lá... Não quero você bem em cima da mesa"; ela acenou com as mãos. Pombos inchados e iridescentes bamboleavam em torno de seus pés.

"Olhe o chapéu daquela mulher", disse Cruttendon. "Como é que eles pensam nisso?"

"Todo mundo os alimenta", disse Jinny, afastando os pombos. "São coisas velhas e estúpidas."

"Bem, eu não sei", disse Jacob, fumando seu cigarro. "Lá está São Paulo."

"Quero dizer, ir a um escritório", disse Cruttendon.

"Pendure tudo", Jacob expôs.

"Mas você não conta", disse Jinny, olhando para Cruttendon. "Você está louco. Quero dizer, você só pensa em pintar."

"Sim, eu sei. Não posso evitar. Eu digo, o rei George cederá aos seus pares?"

"Ele vai ter que fazer isso", disse Jacob.

"Pronto!" disse Jinny. "Ele realmente sabe."

"Veja, eu faria isso se pudesse", disse Cruttendon, "mas simplesmente não posso."

"Acho que sim", disse Jinny. "Só que são todas as pessoas de quem não gostamos que fazem isso. Em casa, quero dizer. Eles não falam de outra coisa. Até pessoas como minha mãe."

"Agora, se eu viesse morar aqui — —" disse Jacob. "Qual é a minha parte, Cruttendon? Ah, muito bem. Faça como quiser. Aqueles pássaros bobos, assim que alguém os quiser, eles voaram para longe."

E finalmente, sob as lâmpadas de arco voltaico da Gare des Invalides, com um daqueles movimentos estranhos que são tão leves, mas tão definidos, que podem ferir ou passar despercebidos, mas geralmente causam muito desconforto, Jinny e Cruttendon se aproximaram; Jacob ficou à parte. Eles tiveram que se separar. Algo deve ser dito. Nada foi dito. Um homem empurrou um carrinho passando tão perto das pernas de Jacob que ele quase roçou nelas. Quando Jacob recuperou o equilíbrio, os outros dois estavam se

virando, embora Jinny olhasse por cima do ombro e Cruttendon, acenando com a mão, desaparecesse como o grande gênio que era.

Não, Sra. Nada disso foi dito a Flandres, embora Jacob sentisse, é seguro dizer, que nada no mundo era de maior importância; e quanto a Cruttendon e Jinny, ele os considerava as pessoas mais notáveis que já conhecera — sendo, é claro, incapaz de prever como isso aconteceria no decorrer do tempo em que Cruttendon começou a pintar pomares; teve, portanto, que viver em Kent; e, poder-se-ia pensar, deveria ver através da flor da macieira a essa altura, já que sua esposa, por causa de quem ele fez isso, fugiu com um romancista; mas não; Cruttendon ainda pinta pomares, selvagememente, na solidão. Então Jinny Carslake, depois de seu caso com Lefanu, o pintor americano, frequentou filósofos indianos, e agora você a encontra em pensões na Itália apreciando uma pequena caixa de joias contendo pedras comuns colhidas na estrada. Mas se você olhar para eles com firmeza, diz ela, a multiplicidade se transforma em unidade, o que é de alguma forma o segredo da vida, embora não a impeça de seguir o macarrão enquanto ele circula pela mesa, e às vezes, nas noites de primavera, ela faz as mais estranhas confidências a jovens ingleses tímidos.

Jacob não tinha nada a esconder de sua mãe. Aconteceu apenas que ele próprio não conseguia entender sua extraordinária excitação, e quanto a anotá-la — —

"As cartas de Jacob são tão parecidas com ele", disse a Sra. Jarvis, dobrando o lençol.

"Na verdade, ele parece estar tendo..." disse a Sra. Flanders, e fez uma pausa, pois estava cortando um vestido e teve que endireitar o molde, "...um momento muito alegre."

A Sra. Jarvis pensou em Paris. Às suas costas a janela estava aberta, pois era uma noite amena; uma noite calma; quando a lua parecia abafada e as macieiras permaneciam perfeitamente imóveis.

“Nunca tenho pena dos mortos”, disse a Sra. Jarvis, deslocando a almofada nas costas e cruzando as mãos atrás da cabeça. Betty Flanders não ouviu, pois a sua tesoura fazia muito barulho em cima da mesa.

“Eles estão em repouso”, disse a Sra. Jarvis. “E passamos nossos dias fazendo coisas tolas e desnecessárias sem saber por quê.”

A Sra. Jarvis não era apreciada na aldeia.

“Você nunca anda a esta hora da noite?” ela perguntou à Sra. Flanders.

“É certamente maravilhosamente suave”, disse a Sra. Flanders.

No entanto, já se passaram anos desde que ela abriu o portão do pomar e saiu para Dods Hill depois do jantar.

“Está perfeitamente seco”, disse a Sra. Jarvis, enquanto fechavam a porta do pomar e pisavam na grama.

“Não irei longe”, disse Betty Flanders. “Sim, Jacob deixará Paris na quarta-feira.”

“Jacob sempre foi meu amigo dos três”, disse a Sra. Jarvis.

“Agora, minha querida, não vou mais longe”, disse a Sra. Flanders. Eles subiram a colina escura e chegaram ao acampamento romano.

A muralha erguia-se aos seus pés — o círculo suave que rodeava o acampamento ou a sepultura. Quantas agulhas Betty Flanders havia perdido

ali! e seu broche de granada.

“Às vezes é muito mais claro do que isso”, disse a Sra. Jarvis, de pé no cume. Não havia nuvens e, no entanto, havia uma névoa sobre o mar e sobre as charnecas. As luzes de Scarborough brilharam, como se uma mulher usando um colar de diamantes virasse a cabeça para um lado e para outro.

"Como está quieto!" — disse a Sra. Jarvis.

A Sra. Flanders esfregou a grama com o dedo do pé, pensando em seu broche de granada.

A Sra. Jarvis achou difícil pensar em si mesma esta noite. Foi tão calmo. Não havia vento; nada de correr, voar, escapar. Sombras negras permaneciam imóveis sobre as charnecas prateadas. Os arbustos de tojo estavam perfeitamente imóveis. A Sra. Jarvis também não pensava em Deus. Havia uma igreja atrás deles, é claro. O relógio da igreja bateu dez horas. Os golpes atingiram o tojo ou o espinheiro os ouviu?

A Sra. Flanders estava se abaixando para pegar uma pedra. Às vezes as pessoas encontram coisas, pensou a Sra. Jarvis, mas mesmo assim, naquele luar nebuloso, era impossível ver qualquer coisa, exceto ossos e pequenos pedaços de giz.

“Jacob comprou com seu próprio dinheiro, e então eu trouxe o Sr. Parker para ver a vista, e deve ter caído...” a Sra. Flanders murmurou.

Os ossos se mexeram ou as espadas enferrujadas? Será que o broche de dois centavos e meio centavos da Sra. Flanders faria parte da rica acumulação? e se todos os fantasmas se aglomerassem e se esfregassem nos ombros da Sra. Flanders no círculo, ela não teria parecido perfeitamente em seu lugar, uma

matrona inglesa viva, cada vez mais robusta?

O relógio bateu a hora.

As frágeis ondas sonoras rompiam-se entre o tojo duro e os galhos do espinheiro enquanto o relógio da igreja dividia o tempo em quartos.

Imóveis e de costas largas, os mouros receberam a declaração: "Já passam quinze minutos da hora", mas não responderam, a menos que um arbusto se agitasse.

No entanto, mesmo sob esta luz, as legendas nas lápides podiam ser lidas, vozes breves dizendo: "Eu sou Bertha Ruck", "Eu sou Tom Gage". E eles dizem em que dia do ano morreram, e o Novo Testamento diz algo para eles, muito orgulhoso, muito enfático ou consolador.

Os mouros também aceitam tudo isso.

O luar cai como uma página pálida sobre a parede da igreja e ilumina a família ajoelhada no nicho, e a lápide erguida em 1780 para o escudeiro da paróquia que socorreu os pobres e acreditou em Deus - assim a voz comedida desce pelo pergaminho de mármore, como se pudesse impor-se ao tempo e ao ar livre.

Agora uma raposa sai furtivamente de trás dos tojos.

Muitas vezes, mesmo à noite, a igreja parece cheia de gente. Os bancos estão gastos e engordurados, as batinas no lugar e os hinários nas prateleiras. É um navio com toda a tripulação a bordo. As madeiras esforçam-se para conter os mortos e os vivos, os lavradores, os carpinteiros, os cavalheiros caçadores de raposas e os agricultores com cheiro de lama e conhaque. Suas línguas se unem em sílabas de palavras concisas, que cortam para sempre o

tempo e as charneças de costas largas. A reclamação, a crença e a elegia, o desespero e o triunfo, mas na maior parte o bom senso e a alegre indiferença, sairão pelas janelas a qualquer momento nestes quinhentos anos.

Ainda assim, como disse a Sra. Jarvis, saindo para a charneca: "Como é tranquilo!" Silêncio ao meio-dia, exceto quando a caça se dispersa; silêncio à tarde, exceto pelas ovelhas à deriva; à noite a charneca fica perfeitamente tranquila.

Um broche de granada caiu na grama. Uma raposa caminha furtivamente. Uma folha vira na borda. A Sra. Jarvis, de cinquenta anos, repousa no acampamento sob o luar nebuloso.

"... e", disse a Sra. Flanders, endireitando as costas, "nunca me importei com o Sr. Parker."

"Nem eu", disse a Sra. Jarvis. Eles começaram a caminhar para casa.

Mas suas vozes flutuavam um pouco acima do acampamento. O luar não destruiu nada. O mouro aceitou tudo. Tom Gage chora alto enquanto sua lápide durar. Os esqueletos romanos estão guardados em segurança. As agulhas de cerzir de Betty Flanders também estão seguras, assim como seu broche de granada. E às vezes, ao meio-dia, ao sol, a charneca parece acumular esses pequenos tesouros, como uma enfermeira. Mas à meia-noite, quando ninguém fala ou galopa, e o espinheiro está perfeitamente imóvel, seria tolice irritar a charneca com perguntas — o quê? e por quê?

O relógio da igreja, porém, marca meia-noite.

12. Capítulo Doze

Retorno, sociedade, política, inquietação e os contornos de uma geração.

A água caía de uma saliência como chumbo — como uma corrente com grossos elos brancos. O trem entrou em um prado verdejante e íngreme, e Jacob viu tulipas listradas crescendo e ouviu um pássaro cantando, na Itália.

Um automóvel cheio de oficiais italianos percorreu a estrada plana e acompanhou o trem, levantando poeira atrás dele. Havia árvores entrelaçadas com vinhas - como disse Virgílio. Aqui estava uma estação; e uma tremenda despedida, com mulheres usando botas amarelas de cano alto e garotos estranhos e pálidos com meias com anéis. As abelhas de Virgílio percorreram as planícies da Lombardia. Era costume dos antigos formar vinhas entre olmos. Depois, em Milão, havia falcões de asas afiadas, de um marrom brilhante, cortando figuras sobre os telhados.

Estas carruagens italianas ficam terrivelmente quentes com o sol da tarde, e as chances são de que, antes que o motor chegue ao topo do desfiladeiro, a corrente barulhenta tenha quebrado. Para cima, para cima, para cima, como um trem em uma ferrovia panorâmica. Cada pico é coberto por árvores pontiagudas e incríveis aldeias brancas estão aglomeradas em saliências. Há sempre uma torre branca no topo, telhados planos com babados vermelhos e uma queda acentuada abaixo. Não é um país onde se anda depois do chá. Por um lado, não há grama. Toda uma encosta será dominada por oliveiras. Já em abril a terra está transformada em poeira seca entre eles. E não há escadas nem caminhos, nem vielas marcadas pelas sombras das folhas, nem estalagens do século XVIII com janelas em arco, onde se come presunto e ovos. Ah, não, a Itália é toda ferocidade, nudez, exposição e padres negros arrastando os pés pelas estradas. Também é estranho como você nunca sai

das vilas.

Ainda assim, viajar sozinho com cem libras para gastar é uma coisa boa. E se seu dinheiro acabasse, como provavelmente aconteceria, ele iria a pé. Podia viver de pão e vinho — o vinho em garrafas de palha —, pois depois de fazer a Grécia iria derrubar Roma. A civilização romana era um assunto muito inferior, sem dúvida. Mas Bonamy falava muito de podridão, mesmo assim. “Você deveria estar em Atenas”, dizia ele a Bonamy quando voltava. “Parado no Partenon”, dizia ele, ou “As ruínas do Coliseu sugerem algumas reflexões bastante sublimes”, que ele escrevia extensamente em cartas. Poderia transformar-se num ensaio sobre a civilização. Uma comparação entre os antigos e os modernos, com alguns golpes bastante contundentes no Sr. Asquith - algo no estilo de Gibbon.

Um cavalheiro corpulento entrou laboriosamente, empoeirado, folgado, preso com correntes de ouro, e Jacob, lamentando não ser de raça latina, olhou pela janela.

É estranho pensar que ao viajar dois dias e duas noites você esteja no coração da Itália. Surgem vilas acidentais entre oliveiras; e servos regando os cactos. Vitórias negras passam entre pilares pomposos com escudos de gesso colados a eles. É ao mesmo tempo momentâneo e surpreendentemente íntimo - ser exibido diante dos olhos de um estrangeiro. E há um topo de colina solitário onde ninguém nunca vem, e ainda assim foi visto por mim, que recentemente estava dirigindo um ônibus por Piccadilly. E o que eu gostaria seria de sair pelos campos, sentar e ouvir os gafanhotos, e pegar um punhado de terra - terra italiana, pois é poeira italiana em meus sapatos.

Jacob os ouviu gritando nomes estranhos nas estações ferroviárias durante a noite. O trem parou e ele ouviu sapos coaxando perto, e ele abriu a persiana

com cautela e viu um vasto e estranho pântano todo branco ao luar. A carruagem estava repleta de fumaça de charuto, que flutuava ao redor do globo com uma sombra verde. O cavalheiro italiano estava deitado, roncando, sem as botas e o colete desabotoado... E toda essa história de ir à Grécia parecia a Jacob um cansaço intolerável - ficar sentado em hotéis sozinho e olhar os monumentos - ele teria feito melhor se fosse para a Cornualha com Timmy Durrant... com a barba por fazer, amarrotado, obeso, abria a porta e saía para se lavar.

Então Jacob sentou-se e viu um esportista italiano magro e armado andando pela estrada à luz da manhã, e toda a ideia do Partenon lhe ocorreu num aplauso.

"Por Júpiter!" ele pensou: "devemos estar quase lá!" e ele enfiou a cabeça para fora da janela e sentiu o ar na cara.

É altamente exasperante que vinte e cinco pessoas que você conhece sejam capazes de dizer diretamente algo muito pertinente sobre estar na Grécia, enquanto para você há um freio para todas as emoções, sejam elas quais forem. Pois depois de se lavar no hotel em Patras, Jacob seguiu as linhas do bonde por cerca de um quilômetro e meio; e os seguiu por cerca de um quilômetro e meio de volta; ele conheceu vários bandos de perus; várias fileiras de burros; havia se perdido em ruas secundárias; tinha lido anúncios de espartilhos e do consomê de Maggi; crianças pisaram em seus pés; o lugar cheirava a queijo estragado; e ele ficou feliz ao se ver de repente em frente ao hotel. Havia um exemplar antigo do Daily Mail entre xícaras de café; que ele leu. Mas o que ele poderia fazer depois do jantar?

Não há dúvida de que estaríamos, no geral, em situação muito pior do que estamos sem o nosso espantoso dom para a ilusão. Com mais ou menos doze

anos de idade, tendo desistido das bonecas e quebrado nossas máquinas a vapor, a França, mas muito mais provavelmente a Itália, e a Índia quase com certeza, atraem a imaginação supérflua. As tias de uma delas estiveram em Roma; e todo mundo tem um tio de quem se ouviu falar pela última vez — pobre homem — em Rangum. Ele nunca mais voltará. Mas são as governantas que dão início ao mito grego. Veja isso como uma cabeça (dizem) - nariz, você vê, reto como um dardo, cachos, sobrancelhas - tudo apropriado à beleza masculina; enquanto suas pernas e braços apresentam linhas que indicam um grau perfeito de desenvolvimento - os gregos cuidavam tanto do corpo quanto do rosto. E os gregos podiam pintar frutas para que os pássaros as bicassem. Primeiro você lê Xenofonte; depois Eurípidas. Um dia - isso foi uma ocasião, por Deus - o que as pessoas disseram parece ter sentido; “o espírito grego”; o grego isto, aquilo e aquilo outro; embora seja absurdo, aliás, dizer que qualquer grego se aproxime de Shakespeare. A questão, porém, é que fomos criados numa ilusão.

Jacob, sem dúvida, pensou algo assim, o Daily Mail amassado em sua mão; suas pernas estendidas; a própria imagem do tédio.

“Mas é assim que fomos criados”, continuou ele.

E tudo isso lhe pareceu muito desagradável. Algo deveria ser feito sobre isso. E de estar moderadamente deprimido ele se tornou como um homem prestes a ser executado. Clara Durrant o deixara numa festa para conversar com um americano chamado Pilchard. E ele veio até a Grécia e a deixou. Eles usavam vestidos de noite e falavam bobagens — que bobagens malditas — e ele estendeu a mão para a Globe Trotter, uma revista internacional que é fornecida gratuitamente aos proprietários de hotéis.

Apesar da sua condição decrépita, a Grécia moderna é altamente avançada no sistema de eléctricos, de modo que, enquanto Jacob estava sentado na sala de estar do hotel, os eléctricos tinham, badalavam, tocavam, tocavam, tocavam imperiosamente para tirar os burros do caminho, e uma senhora idosa que se recusava a mover-se, debaixo das janelas. Toda a civilização estava sendo condenada.

O garçom também foi bastante indiferente a isso. Aristóteles, um homem sujo, carnívoro interessado no corpo do único hóspede que agora ocupava a única poltrona, entrou na sala ostensivamente, largou alguma coisa, endireitou alguma coisa e viu que Jacob ainda estava lá.

"Quero que me liguem amanhã cedo", disse Jacob, por cima do ombro. "Estou indo para Olímpia."

Esta escuridão, esta entrega às águas escuras que nos envolvem, é uma invenção moderna. Talvez, como disse Cruttendon, não acreditemos o suficiente. De qualquer forma, nossos pais tinham algo para demolir. E nós também, pensou Jacob, amassando o Daily Mail nas mãos. Ele iria ao Parlamento e faria belos discursos - mas para que servem bons discursos e o Parlamento, uma vez que se rende um centímetro às águas negras? Na verdade, nunca houve qualquer explicação para o fluxo e refluxo em nossas veias - de felicidade e infelicidade. Aquela respeitabilidade e as festas noturnas onde é preciso se vestir, e as favelas miseráveis nos fundos do Gray's Inn — algo sólido, imóvel e grotesco — estão por trás disso, Jacob pensou provável. Mas havia o Império Britânico que começava a confundir-lo; nem era totalmente a favor de dar autonomia à Irlanda. O que o Daily Mail disse sobre isso?

Pois ele havia se tornado um homem e estava prestes a mergulhar nas coisas - como de fato a camareira, esvaziando sua bacia no andar de cima, manuseando chaves, botões, lápis e frascos de tablóides espalhados sobre a penteadeira, sabia.

Que ele se tornara um homem era um fato que Florinda sabia, como sabia tudo, por instinto.

E Betty Flanders já suspeitava disso, ao ler a carta dele, enviada para Milão: "Não me dizendo", queixou-se ela à Sra. Jarvis, "realmente nada que eu queira saber"; mas ela refletiu sobre isso.

Fanny Elmer sentiu isso em desespero. Pois ele pegava a bengala e o chapéu e ia até a janela, e parecia perfeitamente distraído e muito severo também, pensou ela.

"Vou", dizia ele, "comprar uma refeição de Bonamy."

"De qualquer forma, posso me afogar no Tâmis", gritou Fanny, enquanto passava apressada pelo Hospital Foundling.

"Mas o Daily Mail não é confiável", disse Jacob para si mesmo, procurando algo mais para ler. E ele suspirou novamente, estando de fato tão profundamente sombrio que a tristeza devia ter se alojado nele para nubla-lo a qualquer momento, o que era estranho em um homem que gostava tanto das coisas, não era muito dado à análise, mas era terrivelmente romântico, é claro, pensou Bonamy, em seus aposentos no Lincoln's Inn.

"Ele vai se apaixonar", pensou Bonamy. "Uma mulher grega com nariz reto."

Foi para Bonamy que Jacob escreveu de Patras — para Bonamy, que não conseguia amar uma mulher e nunca lia um livro tolo.

Afinal, há muito poucos livros bons, pois não podemos contar histórias profusas, viagens em carroças de mulas para descobrir as nascentes do Nilo, ou a volubilidade da ficção.

Gosto de livros cujas virtudes estão reunidas em uma ou duas páginas. Gosto de frases que não mudam, mesmo que os exércitos as cruzem. Gosto que as palavras sejam duras - tais eram as opiniões de Bonamy, e elas conquistaram-lhe a hostilidade daqueles cujo gosto é totalmente pelas flores frescas da manhã, que abrem a janela e encontram as papoulas espalhadas ao sol, e não conseguem evitar um grito de júbilo pela surpreendente fertilidade da literatura inglesa. Esse não era o estilo de Bonamy. O fato de seu gosto pela literatura afetar suas amizades e torná-lo silencioso, reservado, metucioso e apenas bastante à vontade com um ou dois jovens de seu próprio modo de pensar, era a acusação contra ele.

Mas então Jacob Flanders não tinha a mesma maneira de pensar — longe disso, Bonamy suspirou, colocando as finas folhas de papel sobre a mesa e pensando no caráter de Jacob, não pela primeira vez.

O problema era essa veia romântica nele. "Mas misturado com a estupidez que o leva a essas situações absurdas", pensou Bonamy, "há alguma coisa - alguma coisa" - ele suspirou, pois gostava mais de Jacob do que de qualquer outra pessoa no mundo.

Jacob foi até a janela e ficou com as mãos nos bolsos. Lá ele viu três gregos em kilts; os mastros dos navios; pessoas ociosas ou ocupadas das classes mais baixas, passeando ou saindo rapidamente, ou formando grupos e gesticulando com as mãos. A falta de preocupação deles por ele não foi a causa de sua tristeza; mas alguma convicção mais profunda - não era que ele próprio se sentisse sozinho, mas que todas as pessoas o são.

No entanto, no dia seguinte, enquanto o comboio contornava lentamente uma colina a caminho de Olímpia, as camponesas gregas estavam entre as vinhas; os velhos gregos estavam sentados nas estações, bebendo vinho doce. Embora Jacob permanecesse sombrio, ele nunca suspeitou como é tremendamente agradável estar sozinho; fora da Inglaterra; por conta própria; desligado de tudo. Existem colinas nuas e muito acentuadas no caminho para Olímpia; e entre eles mar azul em espaços triangulares. Um pouco como a costa da Cornualha. Pois bem, caminhar sozinho o dia todo - entrar naquela trilha e segui-la entre os arbustos - ou são pequenas árvores? - até o topo daquela montanha de onde se pode ver metade das nações da antiguidade — —

"Sim", disse Jacob, pois sua carruagem estava vazia, "vamos dar uma olhada no mapa."

Culpe ou elogie, não há como negar o cavalo selvagem que existe em nós. Galopar intemperadamente; cair cansado na areia; sentir a terra girar; ter - positivamente - uma onda de amizade por pedras e ervas, como se a humanidade tivesse acabado, e quanto a homens e mulheres, deixe-os enforcar - não há como superar o fato de que esse desejo nos domina com bastante frequência.

O ar da noite moveu ligeiramente as cortinas sujas da janela do hotel Olympia.

"Sinto muito amor por todos", pensou a Sra. Wentworth Williams, "— pelos pobres, acima de tudo — pelos camponeses que voltam à noite com seus fardos. E tudo é suave, vago e muito triste. É triste, é triste. Mas tudo tem sentido", pensou Sandra Wentworth Williams, erguendo um pouco a cabeça e parecendo muito bonita, trágica e exaltada. "É preciso amar tudo."

Ela segurava na mão um livrinho conveniente para viajar - histórias de Tchekov - enquanto estava parada, velada, de branco, na janela do hotel em Olympia. Como estava linda a noite! e sua beleza era sua beleza. A tragédia da Grécia foi a tragédia de todas as almas elevadas. O compromisso inevitável. Ela parecia ter entendido alguma coisa. Ela escreveria. E aproximando-se da mesa onde o marido estava lendo, ela apoiou o queixo nas mãos e pensou nos camponeses, no sofrimento, na sua própria beleza, no compromisso inevitável e em como o escreveria. Evan Williams também não disse nada de brutal, banal ou tolo quando fechou o livro e o guardou para dar lugar aos pratos de sopa que agora eram colocados diante deles. Apenas seus olhos caídos de cão de caça e suas bochechas pesadas e pálidas expressavam sua tolerância melancólica, sua convicção de que, embora forçado a viver com circunspeção e deliberação, ele nunca conseguiria alcançar nenhum daqueles objetivos que, como ele sabia, são os únicos que valem a pena perseguir. Sua consideração foi impecável; seu silêncio ininterrupto.

“Tudo parece significar muito”, disse Sandra. Mas com o som da sua própria voz o feitiço foi quebrado. Ela esqueceu os camponeses. Só restava com ela a sensação de sua própria beleza, e na frente, felizmente, havia um espelho.

“Sou muito bonita”, pensou ela.

Ela mudou ligeiramente o chapéu. O marido a viu olhando no espelho; e concordou que a beleza é importante; é uma herança; não se pode ignorá-lo. Mas é uma barreira; na verdade, é um tanto chato. Então ele tomou sua sopa; e manteve os olhos fixos na janela.

“Codornizes”, disse a Sra. Wentworth Williams languidamente. “E então cabra, suponho; e então...”

"Creme de caramelo, provavelmente", disse o marido na mesma cadência, já com o palito na mão.

Ela colocou a colher no prato e a sopa foi retirada pela metade. Ela nunca fez nada sem dignidade; pois o dela era do tipo inglês, que é tão grego, exceto que os aldeões tocaram nele com seus chapéus, o vicariato o reverencia; e os jardineiros superiores e os jardineiros secundários endireitam respeitosa e as costas quando ela desce o amplo terraço no domingo de manhã, demorando-se nas urnas de pedra com o primeiro-ministro para colher uma rosa - que, talvez, ela estivesse tentando esquecer, enquanto seu olhar vagava pela sala de jantar da pousada em Olympia, procurando a janela onde estava seu livro, onde há poucos minutos ela havia descoberto algo - algo muito profundo que tinha sido, sobre o amor, a tristeza e os camponeses.

Mas foi Evan quem suspirou; não em desespero nem mesmo em rebelião. Mas, sendo o mais ambicioso dos homens e temperamentalmente o mais lento, ele não conseguiu nada; tinha a história política da Inglaterra ao seu alcance e, vivendo em grande parte na companhia de Chatham, Pitt, Burke e Charles James Fox, não podia deixar de contrastar a si mesmo e sua idade com a deles e a deles. "No entanto, nunca houve um tempo em que os grandes homens fossem mais necessários", costumava dizer para si mesmo, com um suspiro. Ali estava ele palitando os dentes numa pousada em Olympia. Ele tinha feito. Mas os olhos de Sandra vagaram.

"Esses melões cor-de-rosa certamente são perigosos", disse ele sombriamente. E enquanto ele falava, a porta se abriu e entrou um jovem de terno xadrez cinza.

“Linda, mas perigosa”, disse Sandra, conversando imediatamente com o marido na presença de uma terceira pessoa. (“Ah, um garoto inglês em turnê”, ela pensou consigo mesma.)

E Evan sabia de tudo isso também.

Sim, ele sabia de tudo isso; e ele a admirava. Muito agradável, pensou ele, ter casos. Mas para ele, com a sua altura (Napoleão tinha um metro e setenta e cinco, lembrou-se), o seu tamanho, a sua incapacidade de impor a sua própria personalidade (e ainda assim grandes homens são necessários mais do que nunca agora, suspirou), era inútil. Ele jogou fora o charuto, foi até Jacob e perguntou-lhe, com uma espécie de sinceridade simples que Jacob gostou, se ele tinha vindo direto da Inglaterra.

“Que inglês!” Sandra riu quando o garçom lhes contou na manhã seguinte que o jovem cavalheiro havia saído às cinco para subir a montanha. “Tenho certeza que ele pediu um banho para você?” ao que o garçom balançou a cabeça e disse que perguntaria ao gerente.

“Você não entende”, riu Sandra. “Deixa para lá.”

Estendido no topo da montanha, sozinho, Jacob divertiu-se imensamente. Provavelmente ele nunca tinha sido tão feliz em toda a sua vida.

Mas naquela noite, durante o jantar, o Sr. Williams perguntou-lhe se ele gostaria de ver o jornal; então a Sra. Williams perguntou-lhe (enquanto caminhavam pelo terraço fumando — e como ele poderia recusar o charuto daquele homem?) se ele tinha visto o teatro ao luar; se ele conhecia Everard Sherborn; se ele lia grego e se (Evan levantou-se silenciosamente e entrou) se tivesse que sacrificar uma seria a literatura francesa ou a russa?

"E agora", escreveu Jacob em sua carta a Bonamy, "terei de ler o maldito livro dela" — seu Tchekov, ele se referia, pois ela o havia emprestado a ele.

Embora a opinião seja impopular, parece bastante provável que lugares nus, campos demasiado cheios de pedras para serem arados, formando prados marinhos a meio caminho entre a Inglaterra e a América, sejam mais adequados para nós do que as cidades.

Há algo absoluto em nós que despreza a qualificação. É isso que é provocado e distorcido na sociedade. As pessoas se reúnem em uma sala. "Estou muito feliz", diz alguém, "em conhecê-lo", e isso é mentira. E então: "Agora gosto mais da primavera do que do outono. Acho que isso acontece à medida que envelhecemos." Pois as mulheres estão sempre, sempre, sempre falando sobre o que sentem, e se disserem "à medida que envelhecem", querem dizer que você responderá com algo totalmente errado.

Jacob sentou-se na pedreira onde os gregos haviam cortado mármore para o teatro. É um trabalho quente subir as colinas gregas ao meio-dia. O ciclâmen vermelho selvagem estava fora; ele tinha visto as pequenas tartarugas mancando de moita em moita; o ar tinha um cheiro forte e subitamente doce, e o sol, batendo nas lascas irregulares de mármore, ofuscava muito os olhos. Composto, autoritário, desdenhoso, um pouco melancólico e entediado com uma espécie de tédio augusto, ali estava ele, fumando seu cachimbo.

Bonamy teria dito que esse era o tipo de coisa que o deixava inquieto — quando Jacob entrava em crise, parecia um pescador de Margate desempregado ou um almirante britânico. Você não conseguia fazê-lo entender nada quando ele estava com esse humor. É melhor deixá-lo em paz. Ele era chato. Ele estava propenso a ser mal-humorado.

Ele acordou muito cedo, olhando as estátuas com seu Baedeker.

Sandra Wentworth Williams, percorrendo o mundo antes do café da manhã em busca de aventura ou de um ponto de vista, toda de branco, talvez não tão alta, mas incomumente ereta - Sandra Williams colocou a cabeça de Jacob exatamente no mesmo nível da cabeça do Hermes de Praxíteles. A comparação estava toda a seu favor. Mas antes que ela pudesse dizer uma única palavra, ele saiu do Museu e a deixou.

Mesmo assim, uma dama da moda viaja com mais de um vestido, e se o branco combina com a hora da manhã, talvez um amarelo arenoso com manchas roxas, um chapéu preto e um volume de Balzac combinam com a noite. Assim ela estava disposta no terraço quando Jacob entrou. Ela estava muito bonita. Com as mãos cruzadas ela meditava, parecia ouvir o marido, parecia observar os camponeses descendo com mato nas costas, parecia notar como a colina mudava do azul para o preto, parecia discriminar entre a verdade e a falsidade, pensou Jacob, e cruzou subitamente as pernas, observando o extremo desgaste das suas calças.

“Mas ele tem uma aparência muito distinta”, decidiu Sandra.

E Evan Williams, recostado na cadeira com o papel nos joelhos, invejou-os. A melhor coisa que ele poderia fazer seria publicar, com Macmillans, sua monografia sobre a política externa de Chatham. Mas, que se confunde com essa sensação de enjôo e enjôo — essa inquietação, inchaço e calor —, era ciúme! ciúme! ciúme! que ele jurou nunca mais sentir.

“Venha conosco para Corinto, Flandres”, disse ele com mais energia do que o normal, parando perto da cadeira de Jacob. Ele ficou aliviado com a resposta de Jacó, ou melhor, com a maneira sólida, direta, embora tímida, com que

disse que gostaria muito de ir com eles a Corinto.

"Aqui está um sujeito", pensou Evan Williams, "que poderia se dar muito bem na política".

"Pretendo vir à Grécia todos os anos enquanto viver", escreveu Jacob a Bonamy. "É a única chance que vejo de se proteger da civilização."

"Só Deus sabe o que ele quis dizer com isso", suspirou Bonamy. Pois como ele próprio nunca disse nada desajeitado, essas palavras sombrias de Jacob fizeram-no sentir-se apreensivo, mas de alguma forma impressionado, sendo a sua vez toda para o definido, o concreto e o racional.

Nada poderia ser muito mais simples do que o que Sandra disse enquanto descia a Acro-Corinto, mantendo-se no pequeno caminho, enquanto Jacob caminhava ao seu lado por terreno mais acidentado. Ela ficou órfã de mãe aos quatro anos; e o parque era vasto.

"Parece que nunca se consegue sair dessa", ela riu. É claro que havia a biblioteca, e o querido Sr. Jones, e noções sobre as coisas. "Eu costumava ir até a cozinha e sentar nos joelhos do mordomo", ela riu, tristemente.

Jacob pensou que se ele estivesse lá a teria salvado; pois ela havia sido exposta a grandes perigos, ele sentiu, e pensou consigo mesmo: "As pessoas não entenderiam uma mulher falando como fala".

Ela deu pouca importância à aspereza da colina; e usava calças, ele viu, por baixo das saias curtas.

"Mulheres como Fanny Elmer, não", pensou ele. "Qual é o nome dela, Carlslake não; mas eles fingem..."

A Sra. Williams disse as coisas sem rodeios. Ele ficou surpreso com o seu próprio conhecimento das regras de comportamento; quanto mais pode ser dito do que um pensamento; quão aberto alguém pode ser com uma mulher; e quão pouco ele se conhecia antes.

Evan juntou-se a eles na estrada; e enquanto subiam e desciam colina (pois a Grécia está em um estado de efervescência, mas surpreendentemente bem definida, uma terra sem árvores, onde você vê o chão entre as lâminas, cada colina cortada e moldada e delineada com a maior frequência possível contra águas azuis profundas e cintilantes, ilhas brancas como areia flutuando no horizonte, bosques ocasionais de palmeiras nos vales, que estão espalhados com cabras pretas, salpicadas de pequenas oliveiras e às vezes com cavidades brancas, raiadas e entrecruzados, nos flancos), enquanto subiam e desciam a colina, ele fazia uma careta no canto da carruagem, com a pata tão firmemente fechada que a pele ficava esticada entre os nós dos dedos e os pelos ficavam em pé. Sandra cavalgava do lado oposto, dominante, como uma Vitória preparada para ser lançada no ar.

"Sem coração!" pensou Evan (o que não era verdade).

"Sem cérebro!" ele suspeitava (e isso também não era verdade). "Ainda...!" Ele a invejou.

Quando chegou a hora de dormir, Jacob descobriu que a dificuldade era escrever para Bonamy. No entanto, ele tinha visto Salamina e Maratona à distância. Pobre Bonamy! Não; havia algo estranho nisso. Ele não podia escrever para Bonamy.

"De qualquer forma, irei para Atenas", decidiu ele, parecendo muito decidido, com aquele gancho arrastando-se ao seu lado.

Os Williams já haviam estado em Atenas.

Atenas ainda é capaz de impressionar um jovem como a combinação mais estranha, a variedade mais incongruente. Agora é suburbano; agora imortal. Agora, joias continentais baratas são colocadas em bandejas de pelúcia. Agora a imponente mulher está nua, exceto por uma onda de cortina acima do joelho. Nenhuma forma ele consegue dar às suas sensações enquanto caminha, numa tarde escaldante, ao longo do bulevar parisiense e sai do caminho do landau real que, parecendo indescritivelmente em ruínas, chacoalha ao longo da estrada esburacada, saudado por cidadãos de ambos os sexos vestidos baratamente com chapéus-coco e trajes continentais; embora um pastor de kilt, boné e polainas quase conduza seu rebanho de cabras entre as rodas reais; e o tempo todo a Acrópole surge no ar, ergue-se acima da cidade, como uma grande onda imóvel com as colunas amarelas do Partenon firmemente plantadas sobre ela.

As colunas amarelas do Partenon podem ser vistas a qualquer hora do dia firmemente plantadas na Acrópole; embora ao pôr do sol, quando os navios do Pireu disparam suas armas, uma campainha toca, um homem uniformizado (o colete desabotoado) aparece; e as mulheres enrolam as meias pretas que estão tricotando à sombra das colunas, chamam as crianças e descem a colina em tropa, de volta para suas casas.

Lá estão eles de novo, os pilares, o frontão, o Templo da Vitória e o Erecteum, situados numa rocha amarelada fendida de sombras, assim que você abre as venezianas pela manhã e, inclinando-se para fora, ouve o barulho, o clamor, o chicote estalando na rua abaixo. Aí estão eles.

A extrema definição com que se apresentam, agora de um branco brilhante, de novo amarelo e, em alguns aspectos, vermelho, impõe ideias de

durabilidade, do surgimento através da terra de alguma energia espiritual em outro lugar, dissipada em ninharias elegantes. Mas esta durabilidade existe independentemente da nossa admiração. Embora a beleza seja suficientemente humana para nos enfraquecer, para agitar o profundo depósito de lama - memórias, abandonos, arrependimentos, devoções sentimentais - o Partenon está separado de tudo isso; e se você considerar como ele se destacou a noite toda, durante séculos, você começa a conectar o fogo (ao meio-dia o brilho é ofuscante e o friso quase invisível) com a ideia de que talvez só a beleza seja imortal.

Somado a isso, em comparação com o estuque empolado, as novas canções de amor riscadas ao som do violão e do gramofone, e as faces móveis, porém insignificantes, da rua, o Partenon é realmente surpreendente em sua compostura silenciosa; que é tão vigoroso que, longe de estar deteriorado, o Partenon parece, pelo contrário, capaz de durar mais que o mundo inteiro.

“E os gregos, como homens sensatos, nunca se preocuparam em terminar as costas de suas estátuas”, disse Jacob, protegendo os olhos e observando que o lado da figura que é afastado da vista fica em estado bruto.

Ele notou a ligeira irregularidade na linha dos passos que "o senso artístico dos gregos preferia à precisão matemática", leu em seu guia.

Ele ficou no local exato onde ficava a grande estátua de Atena e identificou os marcos mais famosos da cena abaixo.

Em suma, ele era preciso e diligente; mas profundamente sombrio. Além disso, ele foi incomodado por guias. Isso foi na segunda-feira.

Mas na quarta-feira ele escreveu um telegrama para Bonamy, dizendo-lhe que viesse imediatamente. E então ele amassou na mão e jogou na sarjeta.

"Para começar, ele não viria", pensou. "E então ousou dizer que esse tipo de coisa passa." "Esse tipo de coisa", sendo aquele sentimento desconfortável e doloroso, algo como egoísmo - quase desejamos que a coisa pare - está ficando cada vez mais além do que é possível - "Se continuar por muito mais tempo, não serei capaz de lidar com isso - mas se outra pessoa estivesse vendo isso ao mesmo tempo - Bonamy está enfiado em seu quarto no Lincoln's Inn - oh, eu digo, dane-se tudo, eu digo" - a visão de Hymettus, Pentélicus, Lycabettus em um lado, e o mar, do outro, quando alguém está no Partenon ao pôr do sol, o céu rosado emplumado, a planície todas as cores, o mármore castanho-amarelado nos olhos, é assim opressivo. Felizmente, Jacob tinha pouco senso de associação pessoal; ele raramente pensava em Platão ou Sócrates em carne e osso; por outro lado, o seu sentimento pela arquitetura era muito forte; ele preferia estátuas a quadros; e ele estava começando a pensar muito sobre os problemas da civilização, que foram resolvidos, é claro, de forma muito notável pelos antigos gregos, embora a sua solução não nos ajude em nada. Então o gancho deu um grande puxão em seu flanco enquanto ele estava deitado na cama na noite de quarta-feira; e ele se virou com uma espécie de queda desesperada, lembrando-se de Sandra Wentworth Williams, por quem estava apaixonado.

No dia seguinte ele escalou Pentélico.

No dia seguinte ele subiu à Acrópole. Era cedo; o lugar quase deserto; e possivelmente houve trovões no ar. Mas o sol atingiu em cheio a Acrópole.

A intenção de Jacob era sentar-se e ler e, encontrando um tambor de mármore convenientemente colocado, de onde Maratona pudesse ser vista, e ainda assim estava na sombra, enquanto o Erechtheum brilhava branco à sua frente, lá ele se sentou. E depois de ler uma página ele colocou o polegar no

livro. Por que não governar os países da forma como deveriam ser governados? E ele leu novamente.

Sem dúvida, sua posição ali, com vista para Maratona, de alguma forma o animou. Ou pode ter acontecido que um cérebro lento e espaçoso tenha esses momentos de florescimento. Ou ele, insensivelmente, enquanto estava no exterior, adotou o modo de pensar sobre política.

E então, olhando para cima e vendo o contorno nítido, suas meditações ganharam um toque extraordinário; A Grécia acabou; o Partenon em ruínas; ainda assim, lá estava ele.

(Senhoras com guarda-chuvas verdes e brancos passavam pelo pátio – senhoras francesas a caminho de se juntarem aos maridos em Constantinopla.)

Jacob continuou lendo novamente. E, colocando o livro no chão, começou, como que inspirado pelo que lera, a escrever uma nota sobre a importância da história — sobre a democracia —, um daqueles rabiscos em que se pode basear o trabalho de uma vida; ou ainda, cai de um livro vinte anos depois, e não conseguimos lembrar uma palavra dele. É um pouco doloroso. É melhor que seja queimado.

Jacó escreveu; comecei a desenhar um nariz reto; quando todas as francesas, abrindo e fechando os guarda-chuvas logo abaixo dele, exclamaram, olhando para o céu, que não se sabia o que esperar: chuva ou bom tempo?

Jacob levantou-se e foi até o Erechtheum. Ainda há várias mulheres ali, segurando o teto sobre suas cabeças. Jacob endireitou-se ligeiramente; pois a estabilidade e o equilíbrio afetam primeiro o corpo. Essas estátuas anularam as coisas! Ele olhou para eles, depois se virou e lá estava Madame Lucien

Gravé empoleirada em um bloco de mármore com a kodak apontada para sua cabeça. É claro que ela saltou, apesar da idade, do corpo e das botas apertadas — tendo, agora que a filha estava casada, caído com um abandono luxuoso, bastante grandioso à sua maneira, no grotesco carnudo; ela pulou, mas não antes de Jacob a ver.

"Malditas sejam essas mulheres - malditas sejam essas mulheres!" ele pensou. E foi buscar o livro que havia deixado caído no chão do Partenon.

"Como estragam as coisas", murmurou ele, encostando-se a um dos pilares, apertando o livro entre o braço e o lado do corpo. (Quanto ao tempo, sem dúvida a tempestade iria cair em breve; Atenas estava sob nuvens.)

"São aquelas malditas mulheres", disse Jacob, sem qualquer traço de amargura, mas sim com tristeza e decepção porque o que poderia ter sido nunca deveria ser.

(Esta violenta desilusão é geralmente esperada em jovens no auge da vida, saudáveis, que em breve se tornarão pais de família e diretores de bancos.)

Então, certificando-se de que as francesas tinham ido embora e olhando cautelosamente ao seu redor, Jacob caminhou até o Erechtheum e olhou furtivamente para a deusa do lado esquerdo, segurando o telhado em sua cabeça. Ela o lembrava de Sandra Wentworth Williams. Ele olhou para ela e depois desviou o olhar. Ele olhou para ela e depois desviou o olhar. Ele ficou extraordinariamente comovido e, com o nariz grego machucado na cabeça, com Sandra na cabeça, com todo tipo de coisa na cabeça, começou a caminhar até o topo do Monte Hymettus, sozinho, no calor.

Naquela mesma tarde, Bonamy foi expressamente falar sobre Jacob para tomar chá com Clara Durrant na praça atrás da Sloane Street, onde, nos dias

quentes de primavera, há persianas listradas nas janelas da frente, cavalos solteiros patinando no macadame do lado de fora das portas, e senhores idosos de coletes amarelos tocando campainhas e entrando muito educadamente quando a empregada recatadamente responde que a Sra.

Bonamy sentou-se com Clara na ensolarada sala da frente, com o realejo tocando docemente lá fora; o carro-água avançando lentamente borrifando o pavimento; as carruagens tilintando, e todos os tapetes de prata e chita, marrons e azuis e vasos cheios de galhos verdes, listrados com trêmulas barras amarelas.

A insipidez do que foi dito não precisa de ilustração - Bonamy continuou gentilmente respondendo calmamente e acumulando espanto diante de uma existência espremida e emasculada dentro de um sapato de cetim branco (a Sra. Durrant enquanto isso enunciava política estridente com Sir Alguém na sala dos fundos) até que a virgindade da alma de Clara lhe pareceu sincera; as profundezas desconhecidas; e ele teria mencionado o nome de Jacob se não tivesse começado a sentir-se positivamente certo de que Clara o amava - e não podia fazer absolutamente nada.

"Nada mesmo!" ele exclamou, enquanto a porta se fechava, e, para um homem com seu temperamento, teve uma sensação muito estranha, enquanto caminhava pelo parque, de carruagens conduzidas irresistivelmente; de canteiros de flores intransigentemente geométricos; de força percorrendo padrões geométricos da maneira mais insensata do mundo. "Seria Clara", pensou ele, parando para observar os meninos tomando banho no Serpentine, "a mulher silenciosa? Jacob se casaria com ela?"

Mas em Atenas, ao sol, em Atenas, onde é quase impossível tomar o chá da tarde, e os cavalheiros idosos que falam de política falam ao contrário, em Atenas estava sentada Sandra Wentworth Williams, com um véu branco, as pernas esticadas à frente, um cotovelo apoiado no braço da cadeira de bambu, nuvens azuis oscilando e flutuando no cigarro.

As laranjeiras que florescem na Praça da Constituição, a faixa, o arrastar dos pés, o céu, as casas, cor de limão e rosa - tudo isso se tornou tão significativo para a Sra. Wentworth Williams depois de sua segunda xícara de café que ela começou a dramatizar a história da nobre e impulsiva inglesa que ofereceu um assento em sua carruagem para a velha senhora americana em Micenas (Sra. Duggan) - não era uma história totalmente falsa, embora não dissesse nada sobre Evan, ficando primeiro em um pé, depois no outro, esperando que as mulheres parassem de tagarelar.

“Estou colocando em verso a vida do padre Damien”, dissera a Sra. Duggan, pois havia perdido tudo — tudo no mundo, marido e filho e tudo mais, mas a fé permaneceu.

Sandra, flutuando do particular para o universal, deitou-se em transe.

A fuga do tempo que nos apressa tão tragicamente; o eterno trabalho árduo e zumbido, agora explodindo em chamas ardentes como aquelas breves bolas amarelas entre folhas verdes (ela estava olhando para laranjeiras); beijos em lábios que vão morrer; o mundo girando, girando em labirintos de calor e som - embora, para ter certeza, haja uma noite tranquila com sua adorável palidez, "Pois sou sensível a todos os aspectos dela", pensou Sandra, "e a Sra. Duggan me escreverá para sempre, e eu responderei suas cartas." Agora, a banda real marchando com a bandeira nacional agitava círculos mais amplos de emoção, e a vida tornou-se algo em que os corajosos

montavam e cavalgavam para o mar - o cabelo penteado para trás (assim ela o imaginou, e a brisa agitava levemente entre as laranjeiras) e ela própria estava emergindo dos borrifos prateados - quando viu Jacob. Ele estava parado na praça com um livro debaixo do braço, olhando vagamente ao seu redor. Que ele era fortemente construído e poderia ficar robusto com o tempo era um fato.

Mas ela suspeitava que ele fosse um mero caipira.

"Ali está aquele jovem", disse ela, irritada, jogando fora o cigarro, "aquele Sr. Flanders."

"Onde?" disse Evan. "Eu não o vejo."

"Ah, indo embora — agora atrás das árvores. Não, você não pode vê-lo. Mas com certeza vamos topar com ele", o que, é claro, eles fizeram.

Mas até que ponto ele era um mero caipira? Até que ponto Jacob Flanders, aos vinte e seis anos, era um sujeito estúpido? Não adianta tentar resumir as pessoas. É preciso seguir as dicas, não exatamente o que é dito, nem inteiramente o que é feito. Alguns, é verdade, adquirem impressões indeléveis de caráter de uma só vez. Outros perdem tempo, vadiam e são levados de um lado para o outro. Velhinhas gentis nos garantem que os gatos costumam ser os melhores juizes de caráter. Um gato sempre irá para um homem bom, dizem; mas a Sra. Whitehorn, proprietária de Jacob, detestava gatos.

Há também a opinião altamente respeitável de que a promoção do caráter é muito exagerada hoje em dia. Afinal, o que importa - que Fanny Elmer fosse toda sentimento e sensação, e a Sra. Durrant dura como ferro? que Clara, devido (assim diziam os criadores de caráter) em grande parte à influência

de sua mãe, nunca teve a oportunidade de fazer nada por conta própria, e apenas graças a olhos muito observadores exibia sentimentos profundos que eram positivamente alarmantes; e certamente se lançaria sobre alguém indigno dela um dia desses, a menos que, assim dissessem os criadores de caráter, ela tivesse uma centelha do espírito de sua mãe nela - fosse de alguma forma heróica. Mas que termo aplicar a Clara Durrant! Simples até certo ponto, outros pensavam. E essa é a razão, disseram eles, pela qual ela atrai Dick Bonamy - o jovem com nariz de Wellington. Agora ele é um azarão, se você quiser. E aí essas fofocas paravam de repente. Obviamente, eles pretendiam sugerir sua disposição peculiar - há muito rumores entre eles.

"Mas às vezes é justamente de uma mulher como Clara que os homens com esse temperamento precisam...", insinuava a senhorita Julia Eliot.

"Bem", responderia o Sr. Bowley, "pode ser que sim."

Por mais tempo que esses fofoqueiros permaneçam ali, e por mais que exibam o caráter de suas vítimas até que fiquem inchados e sensíveis como fígados de gansos expostos a um fogo quente, eles nunca chegam a uma decisão.

"Aquele jovem, Jacob Flanders", diziam, "aparência tão distinta - e ainda assim tão estranho." Então eles se dedicariam a Jacó e oscilariam eternamente entre os dois extremos. Ele cavalgava atrás de cães - de certa forma, pois não tinha um centavo.

"Você já ouviu quem era o pai dele?" perguntou Júlia Eliot.

"A mãe dele, dizem, está de alguma forma ligada aos Rocksbiens", respondeu o Sr. Bowley.

"Ele não se sobrecarrega de qualquer maneira."

"Seus amigos gostam muito dele."

"Dick Bonamy, você quer dizer?"

"Não, eu não quis dizer isso. É evidentemente o contrário com Jacob. Ele é precisamente o jovem que se apaixona perdidamente e se arrepende pelo resto da vida."

"Oh, Sr. Bowley", disse a Sra. Durrant, aproximando-se deles com seu jeito imperioso, "você se lembra da Sra. Adams? Bem, essa é a sobrinha dela." E o Sr. Bowley, levantando-se, fez uma reverência educada e foi buscar morangos.

Assim, somos levados a voltar atrás para ver o que o outro lado quer dizer - os homens nos clubes e gabinetes - quando dizem que o desenho de personagens é uma arte frívola à beira da lareira, uma questão de alfinetes e agulhas, contornos requintados que encerram vagas, floreios e meros rabiscos.

Os navios de guerra sobrevoam o Mar do Norte, mantendo suas estações separadas com precisão. A um dado sinal, todos os canhões são apontados para um alvo que (o mestre artilheiro conta os segundos, relógio na mão - no sexto ele olha para cima) se transforma em lascas. Com igual indiferença, uma dúzia de jovens no auge da vida descem com rostos serenos às profundezas do mar; e ali impassivelmente (embora com perfeito domínio das máquinas) sufocam juntos sem reclamar. Como blocos de soldadinhos de chumbo, o exército cobre o milharal, sobe a encosta, para, cambaleia ligeiramente para um lado e para o outro e cai, exceto que, através da luneta, pode-se ver que um ou dois pedaços ainda se agitam para cima e para baixo

como fragmentos de um palito de fósforo quebrado.

Estas ações, juntamente com o comércio incessante de bancos, laboratórios, chancelarias e casas comerciais, são os golpes que impulsionam o mundo para a frente, dizem eles. E são tratados por homens tão bem esculpidos quanto o impassível policial do Ludgate Circus. Mas você observará que, longe de ser acolchoado até a rotundidade, seu rosto está rígido pela força de vontade e magro pelo esforço de mantê-lo assim. Quando seu braço direito se levanta, toda a força em suas veias flui direto do ombro até a ponta dos dedos; nem um grama é desviado para impulsos repentinos, arrependimentos sentimentais, distinções rígidas. Os ônibus param pontualmente.

É assim que vivemos, dizem, movidos por uma força incontrolável. Dizem que os romancistas nunca percebem isso; que ele passa por suas redes e os deixa em pedaços. É disto, dizem eles, que vivemos: esta força incontrolável.

"Onde estão os homens?" — disse o velho general Gibbons, olhando ao redor da sala, cheia, como sempre nas tardes de domingo, de pessoas bem vestidas. "Onde estão as armas?"

A Sra. Durrant também olhou.

Clara, pensando que a mãe a queria, entrou; então saiu novamente.

Eles estavam conversando sobre a Alemanha nos Durrants, e Jacob (impulsionado por essa força incontrolável) desceu rapidamente a rua Hermes e deu de cara com os Williams.

"Ah!" - exclamou Sandra, com uma cordialidade que de repente sentiu. E Evan acrescentou. "Que sorte!"

O jantar que lhe ofereceram no hotel que dá para a Praça da Constituição foi excelente. Cestas revestidas continham pãezinhos frescos. Havia manteiga de verdade. E a carne mal precisava do disfarce de inúmeros pequenos vegetais vermelhos e verdes cobertos com molho.

Foi estranho, no entanto. Lá estavam as mesinhas dispostas em intervalos no chão escarlate com o monograma do rei grego trabalhado em amarelo. Sandra jantou de chapéu, velada como sempre. Evan olhou para um lado e para outro por cima do ombro; imperturbável, mas flexível; e às vezes suspirava. Foi estranho. Pois eram ingleses reunidos em Atenas numa noite de maio. Jacob, servindo-se disso e daquilo, respondeu de forma inteligente, mas com um tom na voz.

Os Williams iriam para Constantinopla na manhã seguinte, disseram.

"Antes que você acorde", disse Sandra.

Eles deixariam Jacob em paz, então. Virando-se ligeiramente, Evan pediu algo - uma garrafa de vinho - da qual ajudou Jacob, com uma espécie de solicitude, com uma espécie de solicitude paternal, se isso fosse possível. Ficar sozinho — isso era bom para um jovem. Nunca houve um tempo em que o país precisasse tanto de homens. Ele suspirou.

"E você já esteve na Acrópole?" perguntou Sandra.

"Sim", disse Jacob. E eles foram juntos até a janela, enquanto Evan falava com o chefe dos garçons sobre ligar para eles mais cedo.

"É surpreendente", disse Jacob, com uma voz rouca.

Sandra abriu ligeiramente os olhos. Possivelmente suas narinas também se expandiram um pouco.

"Às seis e meia então," disse Evan, vindo em direção a eles, parecendo enfrentar algo ao encarar sua esposa e Jacob parados de costas para a janela.

Sandra sorriu para ele.

E, como ele foi até a janela e não tinha nada a dizer, ela acrescentou, em meias frases entrecortadas:

"Bem, mas que adorável, não seria? A Acrópole, Evan, ou você está muito cansado?"

Com isso, Evan olhou para eles, ou, como Jacob estava olhando para frente, para sua esposa, de maneira mal-humorada, mal-humorada, mas com uma espécie de angústia - não que ela fosse ter pena dele. Nem o espírito implacável do amor, por qualquer coisa que pudesse fazer, cessaria suas torturas.

Deixaram-no e ele sentou-se na sala de fumo, que dá para a Praça da Constituição.

"Evan é mais feliz sozinho", disse Sandra. "Fomos separados dos jornais. Bem, é melhor que as pessoas tenham o que querem... Você tem visto todas essas coisas maravilhosas desde que nos conhecemos... Que impressão... Acho que você mudou."

"Você quer ir para a Acrópole", disse Jacob. "Aqui em cima então."

"A gente vai se lembrar disso por toda a vida", disse Sandra.

"Sim", disse Jacó. "Eu gostaria que você pudesse ter vindo durante o dia."

"Isso é mais maravilhoso", disse Sandra, acenando com a mão.

Jacob olhou vagamente.

"Mas você deveria ver o Partenon durante o dia", disse ele. "Você não poderia vir amanhã, seria muito cedo?"

"Você ficou sentado aí por horas e horas sozinho?"

"Havia algumas mulheres horríveis esta manhã", disse Jacob.

"Mulheres horríveis?" Sandra repetiu.

"Mulheres francesas."

"Mas algo maravilhoso aconteceu", disse Sandra. Dez minutos, quinze minutos, meia hora — esse era o tempo todo que ela tinha pela frente.

"Sim", ele disse.

"Quando alguém tiver a sua idade, quando for jovem. O que você fará? Você se apaixonará... ah, sim! Mas não tenha muita pressa. Sou muito mais velho."

Ela foi varrida da calçada por homens desfilando.

"Vamos continuar?" Jacob perguntou.

"Vamos continuar", ela insistiu.

Pois ela não poderia parar até que lhe contasse — ou o ouvisse dizer — ou era alguma ação da parte dele que ela exigia? Longe, no horizonte, ela percebeu isso e não conseguiu descansar.

"Você nunca conseguiria que os ingleses ficassem sentados assim", disse ele.

"Nunca... não. Quando você voltar para a Inglaterra, não esquecerá isso... ou virá conosco para Constantinopla!" ela gritou de repente.

"Mas então...

Sandra suspirou.

"Você deve ir para Delphi, é claro", disse ela. "Mas", ela se perguntou, "o que eu quero dele? Talvez seja algo que eu tenha perdido...."

"Você chegará lá por volta das seis da tarde", disse ela. "Você verá as águias."

Jacob parecia tenso e até desesperado à luz da luz da esquina; e ainda composto. Ele estava sofrendo, talvez. Ele era crédulo. No entanto, havia algo cáustico nele. Ele tinha dentro de si as sementes da desilusão extrema, que viriam das mulheres da meia-idade. Talvez, se alguém se esforçasse o suficiente para chegar ao topo da colina, isso não precisasse ocorrer - essa desilusão das mulheres da meia-idade.

"O hotel é horrível", disse ela. "Os últimos visitantes deixaram suas bacias cheias de água suja. Sempre existe isso", ela riu.

"As pessoas que conhecemos são bestiais", disse Jacob.

Sua excitação era bastante clara.

"Escreva e conte-me sobre isso", disse ela. "E me diga o que você sente e o que pensa. Conte-me tudo."

A noite estava escura. A Acrópole era um monte irregular.

"Eu gostaria muito", disse ele.

"Quando voltarmos para Londres, nos encontraremos..."

"Sim."

"Suponho que eles deixam os portões abertos?" ele perguntou.

"Poderíamos escalá-los!" ela respondeu descontroladamente.

Obscurecendo a lua e escurecendo completamente a Acrópole, as nuvens passaram de leste para oeste. As nuvens solidificaram; os vapores engrossaram; os véus pendentes permaneceram e se acumularam.

Já estava escuro sobre Atenas, exceto por faixas vermelhas transparentes onde as ruas corriam; e a frente do palácio estava cadavérica por causa da luz elétrica. No mar destacavam-se os cais, marcados por pontos separados; as ondas eram invisíveis e os promontórios e ilhas eram corcovas escuras com algumas luzes.

"Eu adoraria trazer meu irmão, se puder," Jacob murmurou.

"E então, quando sua mãe vier para Londres — —", disse Sandra.

A Grécia continental estava escura; e em algum lugar ao largo da Eubeia uma nuvem deve ter tocado as ondas e salpicado-as — os golfinhos circulando cada vez mais fundo no mar. Violento era o vento que soprava agora pelo Mar de Mármara, entre a Grécia e as planícies de Tróia.

Na Grécia e nas terras altas da Albânia e da Turquia, o vento varre a areia e a poeira e semeia-se em partículas secas. E então atinge as cúpulas lisas das mesquitas e faz os ciprestes, rígidos junto às lápides com turbantes dos maometanos, rangerem e eriçarem-se.

Os véus de Sandra giravam em torno dela.

"Vou lhe dar minha cópia", disse Jacob. "Aqui. Você vai ficar com ele?"

(O livro eram os poemas de Donne.)

Agora a agitação do ar revelou uma estrela do automobilismo. Agora estava escuro. Agora, uma após a outra, as luzes foram apagadas. Agora, as grandes cidades — Paris, Constantinopla, Londres — eram negras como rochas espalhadas. As hidrovias podem ser distinguidas. Na Inglaterra, as árvores tinham folhas pesadas. Talvez aqui, em algum bosque do sul, um velho acendesse samambaias secas e os pássaros se assustassem. As ovelhas tossiram; uma flor ligeiramente curvada em direção a outra. O céu inglês é mais suave e leitoso que o oriental. Algo suave passou por ele vindo das colinas cobertas de grama, algo úmido. O vendaval salgado soprava pela janela do quarto de Betty Flanders, e a viúva, erguendo-se ligeiramente sobre o cotovelo, suspirou como quem percebe, mas gostaria de afastar um pouco mais - ah, um pouco mais! - a opressão da eternidade.

Mas voltando a Jacob e Sandra.

Eles haviam desaparecido. Lá estava a Acrópole; mas eles haviam alcançado isso? As colunas e o Templo permanecem; a emoção dos vivos irrompe neles ano após ano; e disso o que resta?

Quanto a chegar à Acrópole, quem dirá que conseguiremos isso, ou que quando Jacó acordou na manhã seguinte, ele encontrou algo duro e durável para guardar para sempre? Mesmo assim, ele foi com eles para Constantinopla.

Sandra Wentworth Williams certamente acordou e encontrou uma cópia dos poemas de Donne em sua penteadeira. E o livro ficaria na estante da casa de campo inglesa, onde a Vida do Padre Damien, de Sally Duggan, em verso, se juntaria a ele um dia desses. Já havia dez ou doze pequenos volumes. Ao entrar ao entardecer, Sandra abria os livros e os seus olhos brilhavam (mas não com a gravura), e afundando-se na poltrona aspirava de novo a alma do

momento; ou, porque às vezes ela estava inquieta, pegava livro após livro e balançava por todo o espaço de sua vida como um acrobata, de bar em bar. Ela teve seus momentos. Enquanto isso, o grande relógio do patamar batia e Sandra ouvia o tempo se acumulando e se perguntava: "Para quê? Para quê?"

"Para quê? Para quê?" — dizia Sandra, guardando o livro, caminhando até o espelho e alisando os cabelos. E a senhorita Edwards se assustava durante o jantar, ao abrir a boca para admitir carneiro assado, pela súbita solicitude de Sandra: "Você está feliz, senhorita Edwards?" — algo em que Cissy Edwards não pensava há anos.

"Para quê? Para quê?" Jacob nunca se fez essas perguntas, a julgar pelo modo como amarrava os cadarços das botas; barbeou-se; a julgar pela profundidade do seu sono naquela noite, com o vento agitando as venezianas e meia dúzia de mosquitos cantando em seus ouvidos. Ele era jovem — um homem. E então Sandra estava certa quando o julgou crédulo ainda. Aos quarenta, pode ser uma questão diferente. Ele já havia marcado as coisas de que gostava em Donne, e elas eram bastante selvagens. No entanto, você pode colocar ao lado deles passagens da mais pura poesia de Shakespeare.

Mas o vento soprava a escuridão pelas ruas de Atenas, espalhando-a, poder-se-ia supor, com uma espécie de energia de humor esmagadora que proíbe uma análise demasiado minuciosa dos sentimentos de qualquer pessoa, ou uma inspeção das características. Todos os rostos — gregos, levantinos, turcos, ingleses — teriam parecido iguais naquela escuridão. Por fim, as colunas e os templos embranquecem, amarelam, tornam-se rosados; e as Pirâmides e a Basílica de São Pedro surgem, e finalmente a lenta São Paulo se aproxima.

Os cristãos têm o direito de despertar a maioria das cidades com a sua interpretação do significado do dia. Depois, de forma menos melodiosa, os dissidentes de diferentes seitas emitem uma emenda rabugenta. Os vapores, ressoando como diapasões gigantescos, afirmam o velho fato: como há um mar frio, verde, balançando lá fora. Mas hoje em dia é a voz fina do dever, soando como um fio branco no topo de um funil, que reúne as maiores multidões, e a noite nada mais é do que um longo suspiro entre golpes de martelo, uma respiração profunda - você pode ouvi-la de uma janela aberta, mesmo no coração de Londres.

Mas quem, exceto os nervosos e insones, ou os pensadores que estão com as mãos nos olhos em algum penhasco acima da multidão, vê as coisas assim em contornos de esqueleto, desprovidas de carne? Em Surbiton o esqueleto está envolto em carne.

“A chaleira nunca ferve tão bem numa manhã ensolarada”, diz a Sra. Grandage, olhando para o relógio sobre a lareira. Então o gato persa cinza se espreguiça no assento da janela e esbofeteia uma mariposa com patas macias e redondas. E antes que o café da manhã acabe (eles estavam atrasados hoje), um bebê é colocado em seu colo, e ela deve guardar o açucareiro enquanto Tom Grandage lê o artigo sobre golfe no Times, toma um gole de café, limpa o bigode e segue para o escritório, onde ele é a maior autoridade em câmbio estrangeiro e está marcado para promoção.

O esqueleto está bem envolto em carne. Mesmo nesta noite escura, quando o vento espalha a escuridão pela Lombard Street, Fetter Lane e Bedford Square, há agitação (já que é verão e o auge da estação), plátanos salpicados de luz elétrica e cortinas ainda preservando o quarto do amanhecer. As pessoas ainda murmuram a última palavra dita na escada, ou se esforçam,

durante todo o sonho, para ouvir a voz do despertador. Assim, quando o vento percorre uma floresta, inúmeros galhos se agitam; colmeias são escovadas; os insetos balançam nas folhas da grama; a aranha sobe rapidamente por uma prega na casca; e todo o ar treme de respiração; elástico com filamentos.

Só aqui — em Lombard Street, Fetter Lane e Bedford Square — cada inseto carrega um globo do mundo na cabeça, e as teias da floresta são esquemas desenvolvidos para a boa condução dos negócios; e o mel é um tesouro de um tipo ou de outro; e a agitação no ar é a indescritível agitação da vida.

Mas a cor retorna; sobe pelos talos da grama; explode em tulipas e açafrões; listra solidamente os troncos das árvores; e enche a gaze do ar e as ervas e poças.

Surge o Banco da Inglaterra; e o Monumento com sua cabeleira dourada e eriçada; os cavalos de carroça que atravessam a Ponte de Londres mostram-se cinzentos, morangos e cor de ferro. Há um zumbido de asas quando os trens suburbanos chegam ao terminal. E a luz se eleva sobre as fachadas de todas as altas casas cegas, desliza por uma fresta e pinta as lustrosas cortinas carmesim; as taças de vinho verde; as xícaras de café; e as cadeiras tortas.

A luz solar atinge os óculos de barbear; e latas de latão reluzentes; em todas as alegres armadilhas do dia; o dia de verão brilhante, curioso, blindado e resplandecente, que há muito venceu o caos; que secou as brumas melancólicas medievais; drenou o pântano e colocou vidro e pedra sobre ele; e equipou nossos cérebros e corpos com um arsenal de armas tal que apenas ver o brilho e o impulso dos membros engajados na condução da vida diária é melhor do que o antigo desfile de exércitos dispostos em ordem de batalha

na planície.

13. Capítulo Treze

Ligações afetivas, presságios e a aproximação silenciosa da guerra.

"O auge da temporada", disse Bonamy.

O sol já havia causado bolhas na pintura das costas das cadeiras verdes do Hyde Park; arrancou a casca dos plátanos; e transformou a terra em pó e em seixos amarelos lisos. Hyde Park era rodeado incessantemente por rodas giratórias.

"O auge da temporada", disse Bonamy sarcasticamente.

Ele foi sarcástico por causa de Clara Durrant; porque Jacob tinha voltado da Grécia muito moreno e magro, com os bolsos cheios de notas gregas, que ele tirou quando o presidente veio buscar alguns centavos; porque Jacob ficou em silêncio.

"Ele não disse uma palavra para mostrar que está feliz em me ver", pensou Bonamy amargamente.

Os automóveis passavam incessantemente pela ponte da Serpentina; as classes mais altas caminhavam eretas ou curvavam-se graciosamente sobre as estacas; as classes mais baixas deitavam-se com os joelhos dobrados e de costas; as ovelhas pastavam com patas pontiagudas de madeira; crianças pequenas corriam pela grama inclinada, esticavam os braços e caíam.

"Muito educado," Jacob comentou.

"Urbano" nos lábios de Jacob tinha misteriosamente toda a forma de um personagem que Bonamy considerava diariamente mais sublime, devastador, terrível do que nunca, embora ainda fosse, e talvez fosse para sempre,

bárbaro, obscuro.

Que superlativos! Que adjetivos! Como absolver Bonamy do sentimentalismo mais grosseiro; de ser atirado como uma rolha nas ondas; de não ter uma visão constante do caráter; de não ser apoiado pela razão e de não encontrar nenhum conforto nas obras dos clássicos?

“O auge da civilização”, disse Jacob.

Ele gostava de usar palavras latinas.

Magnanimidade, virtude — tais palavras, quando Jacob as usava em conversa com Bonamy, significavam que ele assumia o controle da situação; que Bonamy brincaria com ele como um spaniel carinhoso; e que (provavelmente) acabariam rolando no chão.

“E a Grécia?” disse Bonamy. “O Partenon e tudo mais?”

“Não há nada deste misticismo europeu”, disse Jacob.

“É a atmosfera, suponho”, disse Bonamy. “E você foi para Constantinopla?”

“Sim”, disse Jacob.

Bonamy fez uma pausa e moveu uma pedra; então disparou com a rapidez e a certeza da língua de um lagarto.

“Você está apaixonado!” ele exclamou.

Jacob corou.

A faca mais afiada nunca corta tão fundo.

Quanto a responder, ou a menos que o levasse em conta, Jacob olhava fixamente para a frente, fixo, monolítico — oh, muito bonito! — como um almirante britânico, exclamou Bonamy furioso, levantando-se da cadeira e afastando-se; esperando por algum som; nenhum veio; orgulhoso demais para olhar para trás; andando cada vez mais rápido até que se viu olhando para dentro de carros e xingando mulheres. Onde estava o rosto da mulher bonita? Clara, Fanny, Florinda? Quem era a linda criaturinha?

Não Clara Durrant.

O Aberdeen Terrier precisava ser exercitado, e como o Sr. Bowley estava indo naquele exato momento - nada gostaria mais do que uma caminhada - eles foram juntos, Clara e o gentil pequeno Bowley - Bowley que tinha quartos no Albany, Bowley que escrevia cartas ao Times com um tom jocoso sobre hotéis estrangeiros e a Aurora Boreal - Bowley que gostava de jovens e descia Piccadilly com o braço direito apoiado na saliência das costas.

“Pequeno demônio!” gritou Clara, e prendeu Troy à sua corrente.

Bowley antecipou — esperava — uma confiança. Devotada à mãe, Clara às vezes sentia-a um pouco, bem, a mãe era tão segura de si que não conseguia compreender que outras pessoas fossem — fossem — “tão ridículas como eu”, Clara estremeceu (o cão puxou-a para a frente). E Bowley achou que ela parecia uma caçadora e pensou no que deveria ser: alguma virgem pálida com um pedaço de lua no cabelo, o que era uma fuga para Bowley.

A cor estava em suas bochechas. Ter falado abertamente sobre a mãe — ainda assim, foi apenas com o Sr. Bowley, que a amava, como todos devem amar; mas falar não era natural para ela, mas era horrível sentir, como fizera durante todo o dia, que precisava contar a alguém.

“Espere até atravessarmos a rua”, disse ela ao cachorro, curvando-se.

Felizmente ela já havia se recuperado naquela época.

“Ela pensa muito na Inglaterra”, disse ela. “Ela está tão ansiosa — — —”

Bowley foi fraudado como sempre. Clara nunca confiou em ninguém.

“Por que os jovens não resolvem isso, hein?” ele queria perguntar. “O que é tudo isso sobre a Inglaterra?” - uma pergunta que a pobre Clara não poderia ter respondido, pois, enquanto a Sra. Durrant discutia com Sir Edgar a política de Sir Edward Grey, Clara apenas se perguntava por que o gabinete parecia empoeirado e Jacob nunca tinha vindo. Oh, aqui estava a Sra. Cowley Johnson...

E Clara entregava as lindas xícaras de porcelana e sorria ao ouvir o elogio: ninguém em Londres fazia chá tão bem quanto ela.

“Compramos no Brocklebank's”, disse ela, “na Cursitor Street.”

Ela não deveria estar grata? Ela não deveria estar feliz? Principalmente porque a mãe parecia tão bem e gostava muito de conversar com Sir Edgar sobre Marrocos, Venezuela ou algum lugar parecido.

“Jacó! Jacó!” pensou Clara; e o gentil Sr. Bowley, que era sempre tão bom com velhinhas, olhou; parou; me perguntei se Elizabeth não seria muito dura com a filha; perguntou-se sobre Bonamy, Jacob - que jovem era? - e deu um pulo imediatamente. Clara disse que precisava exercitar Troy.

Eles haviam chegado ao local da antiga Exposição. Eles olharam para as tulipas. Rígidos e enrolados, os pequenos bastões de suavidade cerosa erguiam-se da terra, nutridos mas contidos, impregnados de rosa escarlate e

coral. Cada um tinha a sua sombra; cada um cresceu elegantemente na cunha em forma de diamante, conforme o jardineiro havia planejado.

"Barnes nunca faz com que cresçam assim", refletiu Clara; ela suspirou.

"Você está negligenciando seus amigos", disse Bowley, enquanto alguém, indo na direção oposta, tirava o chapéu. Ela começou; reconheceu a reverência do Sr. Lionel Parry; desperdiçou com ele o que havia surgido para Jacob.

("Jacob! Jacob!" ela pensou,)

"Mas você será atropelado se eu deixar você ir", disse ela ao cachorro.

"A Inglaterra parece boa", disse o Sr. Bowley.

A curva da grade sob a estátua de Aquiles estava cheia de sombrinhas e coletes; correntes e pulseiras; de senhoras e senhores, descansando elegantemente, levemente observadores.

"Esta estátua foi erguida pelas mulheres da Inglaterra..." Clara leu com uma risadinha tola. "Ah, Sr. Bowley! Ah!" Galope — galope — galope — um cavalo passou galopando sem cavaleiro. Os estribos balançaram; as pedras jorraram.

"Oh, pare! Pare com isso, Sr. Bowley!" ela gritou, pálida, tremendo, agarrando o braço dele, totalmente inconsciente, as lágrimas escorrendo.

"Tut-tut!" - disse o Sr. Bowley em seu camarim, uma hora depois. "Tut-tut!" - um comentário que foi bastante profundo, embora expresso de forma inarticulada, já que seu criado estava entregando os botões da camisa.

Julia Eliot também vira o cavalo fugir e levantou-se para assistir ao fim do incidente que, por pertencer a uma família de esportistas, lhe pareceu um tanto ridículo. Com certeza o homenzinho veio atrás com as calças empoeiradas; parecia completamente irritado; e estava sendo ajudado a montar por um policial quando Julia Eliot, com um sorriso sardônico, virou-se para Marble Arch em sua missão de misericórdia. Foi apenas para visitar uma senhora doente que conhecera a mãe e talvez o duque de Wellington; pois Julia compartilhava o amor de seu sexo pelos angustiados; gostava de visitar leitos de morte; jogou chinelos em casamentos; recebeu dezenas de confidências; conhecia mais pedigrees do que um estudioso sabe datas, e era uma das mulheres mais gentis, mais generosas e menos continentais.

No entanto, cinco minutos depois de ter passado pela estátua de Aquiles, ela tinha o olhar extasiado de alguém que atravessa multidões numa tarde de verão, quando as árvores farfalham, as rodas giram amareladas e o tumulto do presente parece uma elegia à juventude passada e aos verões passados, e surgiu em sua mente uma tristeza curiosa, como se o tempo e a eternidade aparecessem através de saias e coletes, e ela visse pessoas passando tragicamente para a destruição. No entanto, só Deus sabe que Julia não era tola. Não existia uma mulher mais esperta por uma pechincha. Ela sempre foi pontual. O relógio em seu pulso lhe dava doze minutos e meio para chegar à Bruton Street. Lady Congreve a esperava às cinco.

O relógio dourado do Verrey batia cinco horas.

Florinda olhou para ele com uma expressão monótona, como um animal. Ela olhou para o relógio; olhou para a porta; olhou para o longo copo em frente; arrumou sua capa; aproximou-se da mesa, pois estava grávida — não há dúvida disso, disse Madre Stuart, recomendando remédios, consultando

amigos; afundado, preso pelo calcanhar, enquanto tropeçava levemente na superfície.

Seu copo de doce rosado foi colocado na mesa pelo garçom; e ela chupou, com um canudinho, os olhos no espelho, na porta, agora apaziguados pelo sabor doce. Quando Nick Bramham entrou, ficou claro, até para o jovem garçom suíço, que havia um acordo entre eles. Nick amarrou as roupas desajeitadamente; passou os dedos pelos cabelos; sentou-se, para uma provação, nervosamente. Ela olhou para ele; e começou a rir; riu - riu - riu. O jovem garçom suíço, parado com as pernas cruzadas junto ao pilar, riu também.

A porta se abriu; entrou o barulho da Regent Street, o barulho do trânsito, impessoal, impiedoso; e o sol granulado com sujeira. O garçom suíço deve cuidar dos recém-chegados. Bramham ergueu o copo.

"Ele é como Jacob", disse Florinda, olhando para o recém-chegado.

"A maneira como ele olha." Ela parou de rir.

Jacob, inclinando-se para a frente, desenhou uma planta do Partenon na poeira do Hyde Park, pelo menos uma rede de traços, que pode ter sido o Partenon, ou ainda um diagrama matemático. E por que a pedra foi tão enfaticamente colocada no canto? Não foi para contar suas anotações que ele pegou um maço de papéis e leu uma carta longa e fluida que Sandra havia escrito dois dias atrás em Milton Dower House com o livro dele diante dela e em sua mente a lembrança de algo dito ou tentado, em algum momento no escuro na estrada para a Acrópole que (tal era seu credo) importava para sempre.

"Ele é", ela refletiu, "como aquele homem em Molière."

Ela quis dizer Alceste. Ela quis dizer que ele era severo. Ela quis dizer que poderia enganá-lo.

"Ou não poderia?" ela pensou, guardando os poemas de Donne de volta na estante. "Jacob", continuou ela, indo até a janela e olhando para os canteiros de flores manchados na grama onde as vacas malhadas pastavam sob as faias, "Jacob ficaria chocado."

O carrinho de bebê passava pelo portãozinho da grade. Ela beijou sua mão; orientado pela enfermeira, Jimmy acenou com a sua.

"Ele é um menino pequeno", disse ela, pensando em Jacob.

E ainda assim - Alceste?

"Que incômodo você é!" Jacob resmungou, esticando primeiro uma perna e depois a outra e tateando em cada bolso da calça em busca de seu ingresso para cadeira.

"Espero que as ovelhas o tenham comido", disse ele. "Por que você cria ovelhas?"

"Desculpe incomodá-lo, senhor", disse o cobrador, com a mão enfiada na enorme bolsa de moedas.

"Bem, espero que eles paguem por isso", disse Jacob. "Aí está você. Não. Você pode persistir. Vá e fique bêbado."

Ele se desfez de meia coroa, com tolerância e compaixão, com considerável desprezo pela sua espécie.

Mesmo agora, a pobre Fanny Elmer estava lidando, enquanto caminhava ao longo da Strand, com seu jeito incompetente, com a maneira muito

descuidada, indiferente e sublime que ele tinha ao falar com os guardas ferroviários ou carregadores; ou a Sra. Whitehorn, quando ela o consultou sobre seu filho que foi espancado pelo professor.

Sustentada inteiramente em cartões postais ilustrados nos últimos dois meses, a ideia que Fanny tinha de Jacob era mais escultural, nobre e sem olhos do que nunca. Para reforçar sua visão, ela visitou o Museu Britânico, onde, mantendo os olhos baixos até estar ao lado do maltratado Ulisses, os abriu e teve um novo choque com a presença de Jacob, o suficiente para durar meio dia. Mas isso estava se esgotando. E ela agora escrevia poemas, cartas que nunca eram postadas, via o rosto dele em anúncios em cartazes e atravessava a rua para deixar o realejo transformar suas reflexões em rapsódia. Mas no café da manhã (ela dividia quarto com uma professora), quando a manteiga estava espalhada no prato e as pontas dos garfos estavam coaguladas com gema de ovo velha, ela revisou essas visões violentamente; estava, na verdade, muito zangado; estava perdendo a aparência, como Margery Jackson lhe disse, reduzindo tudo (enquanto amarrava as botas grossas) a um nível de humor maternal, vulgaridade e sentimento, pois ela também amara; e fui um tolo.

"As madrinhas de alguém deveriam ter contado", disse Fanny, olhando para a janela de Bacon, o vendedor de mapas, no Strand - disse a alguém que não adianta fazer barulho; isto é vida, deveriam ter dito, como Fanny disse agora, olhando para o grande globo amarelo marcado com linhas de navios a vapor.

"Isto é vida. Isto é vida", disse Fanny.

"Uma cara muito dura", pensou Miss Barrett, do outro lado do vidro, comprando mapas do deserto sírio e esperando impacientemente ser servida.

"As meninas parecem velhas tão cedo hoje em dia."

O equador nadou atrás das lágrimas.

"Piccadilly?" Fanny perguntou ao condutor do ônibus e subiu até o topo. Afinal, ele iria, ele deveria, voltar para ela.

Mas Jacó poderia estar pensando em Roma; de arquitetura; de jurisprudência; enquanto ele estava sentado sob o plátano no Hyde Park.

O ônibus parou em frente a Charing Cross; e atrás dela havia ônibus, vans e automóveis lotados, pois uma procissão com bandeiras passava por Whitehall, e idosos desciam rigidamente de entre as patas dos leões escorregadios, onde testemunhavam sua fé, cantando vigorosamente, erguendo os olhos da música para olhar para o céu, e ainda assim seus olhos estavam voltados para o céu enquanto marchavam atrás das letras douradas de seu credo.

O trânsito parou e o sol, que não era mais refletido pela brisa, ficou quase quente demais. Mas a procissão passou; as bandeiras brilhavam ao longe em Whitehall; o trânsito foi liberado; cambaleou; girou em um alvoroço suave e contínuo; desviando da curva da Cockspur Street; e passando por escritórios do governo e estátuas equestres por Whitehall até as torres espinhosas, a frota cinzenta de alvenaria amarrada e o grande relógio branco de Westminster.

Cinco batidas o Big Ben entoou; Nelson recebeu a saudação. Os fios do Almirantado estremeçeram com alguma comunicação distante. Uma voz repetia que os primeiros-ministros e os vice-reis discursavam no Reichstag; entrou em Lahore; disse que o Imperador viajou; em Milão, eles se revoltaram; disse que havia rumores em Viena; disse que o Embaixador em Constantinopla teve uma audiência com o Sultão; a frota estava em Gibraltar.

A voz continuou, imprimindo nos rostos dos funcionários de Whitehall (Timothy Duriant era um deles) algo de sua própria gravidade inexorável, enquanto eles ouviam, decifravam, anotavam. Acumulavam-se documentos, inscritos com as declarações dos Kaisers, as estatísticas dos campos de arroz, os rosnados de centenas de trabalhadores, tramando sedição em ruas secundárias, ou reunindo-se nos bazares de Calcutá, ou reunindo as suas forças nas terras altas da Albânia, onde as colinas são cor de areia e os ossos jazem insepultos.

A voz falava claramente na sala quadrada e silenciosa com mesas pesadas, onde um homem idoso fazia anotações nas margens de folhas datilografadas, com seu guarda-chuva com tampa prateada encostado na estante.

Sua cabeça — careca, com veias vermelhas e aparência oca — representava todas as cabeças do prédio. Sua cabeça, com os amáveis olhos claros, carregava o fardo do conhecimento para o outro lado da rua; apresentou-o aos seus colegas, que vieram igualmente sobrecarregados; e então os dezesseis cavalheiros, levantando suas canetas ou virando-se talvez um tanto cansados em suas cadeiras, decretaram que o curso da história deveria se moldar desta ou daquela maneira, estando virilmente determinados, como seus rostos mostravam, a impor alguma coerência aos Rajahs e Kaisers e aos murmúrios nos bazares, as reuniões secretas, claramente visíveis em Whitehall, de camponeses com kilts nas terras altas da Albânia; para controlar o curso dos acontecimentos.

Pitt e Chatham, Burke e Gladstone olhavam de um lado para o outro com olhos fixos de mármore e um ar de quietude imortal que talvez os vivos invejassem, o ar cheio de assobios e concussões, enquanto a procissão com seus estandartes passava por Whitehall. Além disso, alguns sofriam de

dispepsia; um deles quebrou naquele exato momento o vidro dos óculos; outro falou amanhã em Glasgow; no geral, pareciam demasiado vermelhos, gordos, pálidos ou magros para lidarem, como as cabeças de mármore, com o curso da história.

Timmy Durrant, em seu quartinho no Almirantado, indo consultar um livro azul, parou por um momento junto à janela e observou o cartaz amarrado no poste.

Miss Thomas, uma das datilógrafas, disse à amiga que, se o Gabinete fosse durar muito mais tempo, ela sentiria falta do filho do lado de fora do Gaiety.

Timmy Durrant, voltando com seu livro Azul debaixo do braço, notou um pequeno grupo de pessoas na esquina; conglomerados como se um deles soubesse de alguma coisa; e os outros, aglomerados em volta dele, olharam para cima, olharam para baixo, olharam ao longo da rua. O que é que ele sabia?

Timothy, colocando o Livro Azul diante de si, estudou um documento enviado pelo Tesouro para obter informações. O Sr. Crawley, seu colega de escritório, empalou uma carta num espeto.

Jacob levantou-se de sua cadeira no Hyde Park, rasgou seu ingresso e foi embora.

"Que pôr do sol", escreveu a Sra. Flanders em sua carta a Archer em Cingapura. "Não era possível decidir entrar em casa", escreveu ela. "Parecia perverso desperdiçar um momento sequer."

As longas janelas do Palácio de Kensington brilharam em rosa ardente enquanto Jacob se afastava; um bando de patos selvagens sobrevoou a

Serpentina; e as árvores erguiam-se contra o céu, negras e magníficas.

"Jacob", escreveu a Sra. Flanders, com a luz vermelha em sua página, "está trabalhando arduamente depois de sua jornada encantadora..."

"O Kaiser", observou a voz distante em Whitehall, "recebeu-me em audiência".

"Agora eu conheço aquele rosto..." disse o reverendo Andrew Floyd, saindo da loja Carter's em Piccadilly, "mas quem diabolos...?" e ele observou Jacob, virou-se para olhar para ele, mas não teve certeza — —

"Ah, Jacob Flanders!" ele se lembrou num piscar de olhos.

Mas ele era tão alto; tão inconsciente; um jovem tão bom.

"Eu dei a ele os trabalhos de Byron", refletiu Andrew Floyd, e começou a avançar, enquanto Jacob atravessava a rua; mas hesitou, deixou o momento passar e perdeu a oportunidade.

Outra procissão, sem bandeiras, bloqueava Long Acre. Carruagens, com viúvas vestidas de ametista e cavalheiros manchados de cravos, interceptavam táxis e automóveis que viravam na direção oposta, nos quais descansavam homens cansados, de coletes brancos, a caminho de casa, para arbustos e salas de bilhar em Putney e Wimbledon.

Dois realejos tocados junto ao meio-fio e cavalos saindo do Aldridge's com etiquetas brancas nas nádegas atravessaram a estrada e foram habilmente puxados para trás.

A Sra. Durrant, sentada com o Sr. Wortley num automóvel, estava impaciente para que não perdessem a abertura.

Mas o senhor Wortley, sempre cortês, sempre a tempo para a abertura, abotoou as luvas e admirou a senhorita Clara.

"É uma pena passar uma noite dessas no teatro!" — disse a Sra. Durrant, vendo todas as janelas dos fabricantes de carrocerias em Long Acre em chamas.

"Pense em seus mouros!" — disse o Sr. Wortley para Clara.

"Ah! mas Clara gosta mais disso", riu a Sra. Durrant.

"Não sei, sério", disse Clara, olhando para as janelas em chamas. Ela começou.

Ela viu Jacó.

"Quem?" — perguntou a Sra. Durrant bruscamente, inclinando-se para a frente.

Mas ela não viu ninguém.

Sob o arco da Ópera, rostos grandes e magros, os empoados e os peludos, todos estavam vermelhos ao pôr do sol; e, animadas pelas grandes lâmpadas suspensas com suas luzes reprimidas de primula, pelo vagabundo, e pelo escarlate, e pela cerimônia pomposa, algumas senhoras olharam por um momento para quartos fumegantes próximos, onde mulheres com cabelos soltos se inclinavam para fora das janelas, onde meninas - onde crianças - (os longos espelhos mantinham as senhoras suspensas) mas é preciso seguir; não se deve bloquear o caminho.

As charnecas de Clara eram bastante boas. Os fenícios dormiam sob as pedras cinzentas empilhadas; as chaminés das antigas minas apontavam

nitidamente; as primeiras mariposas confundiram os sinos das urzes; podiam-se ouvir rodas de carroça na estrada lá embaixo; e o som e o suspiro das ondas soavam suavemente, persistentemente, para sempre.

Protegendo os olhos com a mão, a Sra. Pascoe estava em seu jardim de repolho olhando para o mar. Dois vapores e um veleiro cruzaram-se; passaram um pelo outro; e na baía as gaivotas continuavam pousando em um tronco, subindo alto, retornando novamente ao tronco, enquanto algumas avançavam sobre as ondas e ficavam na borda da água até a lua ficar toda branca.

A Sra. Pascoe já havia entrado em casa há muito tempo.

Mas a luz vermelha brilhava nas colunas do Partenon, e as mulheres gregas que tricotavam as meias e às vezes gritavam para que uma criança viesse e mandasse arrancar-lhe os insectos da cabeça, estavam tão alegres como martins-da-areia no calor, brigando, repreendendo, amamentando os seus bebês, até que os navios no Pireu dispararam as suas armas.

O som se espalhou e depois abriu caminho com explosões intermitentes entre os canais das ilhas.

A escuridão cai como uma faca sobre a Grécia.

"As armas?" - disse Betty Flanders, meio adormecida, levantando-se da cama e indo até a janela, decorada com uma franja de folhas escuras.

"Não a esta distância", pensou ela. "É o mar."

Novamente, ao longe, ela ouviu o som abafado, como se mulheres noturnas estivessem batendo grandes tapetes. Houve Morty perdido e Seabrook morto; seus filhos lutando por seu país. Mas as galinhas estavam seguras?

Era alguém se movendo lá embaixo? Rebecca com dor de dente? Não. As mulheres noturnas batiam grandes tapetes. Suas galinhas moviam-se ligeiramente nos poleiros.

14. Capítulo Quatorze

O quarto deixado por Jacob e o fechamento elegíaco da obra.

"Ele deixou tudo como estava", maravilhou-se Bonamy. "Nada combinado. Todas as cartas dele espalhadas para qualquer um ler. O que ele esperava? Ele achava que voltaria?" ele refletiu, parado no meio do quarto de Jacob.

O século XVIII tem sua distinção. Estas casas foram construídas, digamos, há cento e cinquenta anos. Os quartos são bem torneados e os tetos altos; sobre as portas, uma rosa ou uma caveira de carneiro está esculpida na madeira. Até os painéis, pintados com tinta de cor framboesa, têm a sua distinção.

Bonamy pagou uma conta por uma colheita de caça.

"Isso parece ser pago", disse ele.

Ali estavam as cartas de Sandra.

A Sra. Durrant estava levando uma festa para Greenwich.

Lady Rocksbier esperava pelo prazer....

Apático é o ar em uma sala vazia, apenas inchando a cortina; as flores na jarra mudam. Uma fibra da poltrona de vime range, mas ninguém fica sentado ali.

Bonamy foi até a janela. A van de Pickford desceu a rua. Os ônibus estavam trancados juntos na esquina de Mudie. Os motores latejavam e os carroceiros, pisando fundo nos freios, puxavam os cavalos para cima. Uma voz áspera e infeliz gritou algo ininteligível. E então, de repente, todas as folhas pareceram erguer-se.

"Jacó! Jacó!" gritou Bonamy, parado perto da janela. As folhas afundaram novamente.

"Tanta confusão em todos os lugares!" exclamou Betty Flanders, abrindo a porta do quarto.

Bonamy afastou-se da janela.

"O que devo fazer com isso, Sr. Bonamy?"

Ela estendeu um par de sapatos velhos de Jacob.